



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

RÚBEN SALOMÃO GOMES DA SILVA

**O PAPEL DO JORNAL-LABORATÓRIO NA FORMAÇÃO
PROFISSIONAL DO JORNALISTA:
ESTUDO DE CASO DO QUESTÃO DE ORDEM DA UFPB**

**JOÃO PESSOA
2024**

RÚBEN SALOMÃO GOMES DA SILVA

**O PAPEL DO JORNAL-LABORATÓRIO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO
JORNALISTA: ESTUDO DE CASO DO QUESTÃO DE ORDEM DA UFPB**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ), na área de concentração de Produção Jornalística na linha de pesquisa de processos, práticas e produtos jornalísticos, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em cumprimento parcial às exigências para obtenção do título de Mestre em Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Paula de Souza Paes

**JOÃO PESSOA
2024**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586p Silva, Ruben Salomao Gomes da.

O papel do jornal-laboratório na formação profissional do jornalista : estudo de caso do questão de ordem da UFPB / Ruben Salomao Gomes da Silva. - João Pessoa, 2024.

146 f. : il.

Orientação: Paula de Souza Paes.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo - Formação profissional. 2. Ensino de jornalismo - Memória. 3. Jornal-laboratório. 4. Práticas jornalísticas. 5. Jornal Questão de Ordem. I. Paes, Paula de Souza. II. Título.

UFPB/BC

CDU 070(043)

RÚBEN SALOMÃO GOMES DA SILVA

O PAPEL DO JORNAL-LABORATÓRIO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO JORNALISTA: ESTUDO DE CASO DO QUESTÃO DE ORDEM DA UFPB



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA | UFPB
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES | CCTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO | PPJ



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

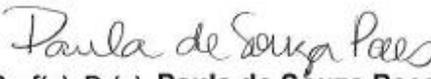
Aos três dias do mês de setembro de 2024, na sala 107 do CCTA, às 14 horas, foi realizada, em sessão pública, Banca de Defesa de Dissertação de Mestrado do(a) aluno(a) **RÚBEN SALOMÃO GOMES DA SILVA**, sob a matrícula **20221005580**, cuja pesquisa intitula-se "**O PAPEL DO JORNAL-LABORATÓRIO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO JORNALISTA: ESTUDO DE CASO DO QUESTÃO DE ORDEM DA UFPB**", para obtenção do título de Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba.

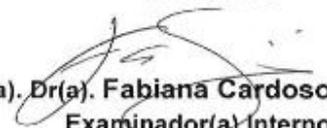
AVALIAÇÃO:

Aprovado(a) () Reprovado(a) () Insuficiente

As observações sobre o trabalho acadêmico encontram-se no verso desta ata.

COMISSÃO EXAMINADORA:


Prof(a). Dr(a). Paula de Souza Paes
Presidente


Prof(a). Dr(a). Fabiana Cardoso de Siqueira
Examinador(a) Interno(a)



Documento assinado digitalmente
MARCELO ENGEL BRONOSKY
Data: 04/09/2024 08:51:33-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Prof(a). Dr(a). Marcelo Engel Bronosky
Examinador(a) Externo(a) ao Programa

Dedico, pela minha fé, a Deus pelos milagres que somente eu posso testemunhar, ao meu avô, Luiz Inácio da Silva (não é o Presidente) que na falta de apoio fraterno ele foi o fiador desse sonho, agora, realidade. Espero ser um bom professor como ele foi.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos pela paciência, em especial minha orientadora professora Paula de Souza Paes por não deixar esmorecer e me salvar quando esqueço das coisas, se eu tiver esse título é por causa dela, o professor Carlos Alberto Farias de Azevedo Filho por orientar meu estágio-docência na disciplina do objeto de pesquisa, a Coordenação do PPJ UFPB, na pessoa da professora Zulmira Nóbrega Piva de Carvalho, pelo incentivo e inspiração, e o servidor José Joércio do Nascimento, pela paciência nos trâmites, aos professores que me foram inspiração para ser como eles, àqueles que vêm me apoiando ao longo da vida facilitando a minha caminhada, os meus colegas de mestrado, Diogo Almeida e Jéssica Feijó, por carregarem comigo a lanterna dos afogados. Com carinho agradeço também os meus colegas de trabalho, Paulo Roberto, vulgo DelegaRP, por me dar oportunidade de trabalhar com ele, ao meu amigo Lucas Barreto, vulgo RobinUld, por todo apoio e condição de ir além do que eu imaginava. À NinhaSol por ser a pessoa certa no momento certo. E ao Gheurly Lincker, que tem toda paciência para esperar acertar esse nome.

RESUMO

Esta dissertação investiga o processo de produção do jornal-laboratório Questão de Ordem no curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, a partir de seu papel na formação profissional do jornalista ao longo do tempo. A intenção da pesquisa encontrar indícios na produção do jornal-laboratório enquanto ferramenta pedagógica de experimentação necessária para formação profissional em jornalismo. A partir dessa reflexão busca-se contribuir para estudos que orientem a prática profissional do jornalista. Para isso, utilizaremos para o estudo de caso apresentado por Yin (2005) e sua aplicação em comunicação através de indício, conforme Braga (2008), no conjunto de levantamentos documentais, bibliográficos, entrevistas com os docentes e discentes, além da observação participante (Gil, 2008) deste processo no primeiro semestre de 2023 da disciplina de Oficina de Jornalismo Impresso. O interesse por esse objeto empírico se justifica pelo debate sobre a formação de jornalistas, em todo o mundo, sobre o papel na academia na formação profissional e os seus critérios adaptativos ao longo do tempo. Os levantamentos históricos das produções propõem um cuidado ao buscar reconhecer a necessidade de preservar produções laboratoriais que trazem uma visão bivalente de exercícios acadêmicos e registros jornalísticos do momento, criando assim uma memória do ensino em jornalismo, além de elencar os indícios constantes tanto em sua história como na produção contemporânea do Jornal Questão de Ordem. Com isso, demonstrar como a atividade pedagógica expõem a discussão de teoria e prática no ensino de jornalismo dentro do contexto de avanços tecnológicos na formação profissional advindo do eixo formativo do curso de Jornalismo. É a partir desse estudo de caso que os ferramentais de pesquisa demonstram como a formação profissional do jornalista na UFPB e encontram pontos que remetem reflexões sobre as decisões doentes conduções de um jornal laboratório ao longo de mais de 40 anos.

Palavras-chave: Jornal-laboratório; Formação profissional; Memória do Ensino de Jornalismo; Práticas jornalísticas; Jornal Questão de Ordem.

SUMMARY

This dissertation investigates the production process of the laboratory newspaper *Questão de Ordem* in the Undergraduate Journalism course at the Federal University of Paraíba, based on its role in the professional training of journalists over time. The intention of the research is to find evidence in the production of the laboratory newspaper as a pedagogical tool of experimentation necessary for professional training in journalism. Based on this reflection, we seek to contribute to studies that guide the professional practice of journalists. To this end, we will use the case study presented by Yin (2005) and its application in communication through evidence, according to Braga (2008), in the set of documentary and bibliographic surveys, interviews with professors and students, in addition to participant observation (Gil, 2008) of this process in the first semester of 2023 of the Print Journalism Workshop discipline. The interest in this empirical object is justified by the debate on the training of journalists, worldwide, on the role of academia in professional training and its adaptive criteria over time. Historical surveys of the productions propose a careful attempt to recognize the need to preserve laboratory productions that bring a bivalent view of academic exercises and journalistic records of the time, thus creating a memory of journalism education, in addition to listing the constant evidence both in its history and in the contemporary production of the *Jornal Questão de Ordem*. With this, it demonstrates how pedagogical activity exposes the discussion of theory and practice in journalism education within the context of technological advances in professional training arising from the formative axis of the Journalism course. It is from this case study that the research tools demonstrate how the professional training of journalists at UFPB and find points that lead to reflections on the decisions and conduct of a laboratory newspaper over more than 40 years.

Keywords: Journal-laboratory; Professional Qualification; Memory of Journalism Teaching; Journalistic Practices; *Jornal Questão de Ordem*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Nuvem de palavras com a proporção encontrada de presenças em palavras-chave	28
Figura 2 - Recorte da foto da matéria de perfil do professor Carmélio Reynaldo.....	37
Figura 3 - recorte coluna e capa do jornal-laboratório ESFERA GRAPHICA (1986).....	38
Figura 4 - Edição Nº 4 Jornal QO - 1980.....	39
Figura 5 - Capa e expediente Jornal QO - ano III nº 1- 1984/85	41
Figura 6 - Edições ano IV nº,1,2,3,4,5 e 6 de 1985 do Jornal QO.....	41
Figura 7 - Capa edições nº4 e nº5 do Jornal QO (extremidades) e capa do jornal O Momento edição 13 a 19/10/1985 (centro)	42
Figura 8 - Parte capa ano V nº1 Jornal QO 1986 e suplemento de cultura da mesma edição	44
Figura 9 - Capas das edições nº1 agosto de 1989, nº9 setembro de 1998 e nº11 fevereiro de 1999.....	46
Figura 10 – Capas das edições dezembro de 2008 e edição Dossiê Reforma Ortográfica de 2008 (premiada Expocom 2009).....	48
Figura 11 - Capas das edições setembro de 2010, outubro 2010 (Rachel de Queiroz 100 anos), edição especial de setembro 2010 (Euclides, A Obra, O Homem, A Vida)	48
Figura 12 - Matriz Curricular de jornalismo, 2010.....	49
Figura 13 - Capas Jornal QO edições 21 a 30/Nov 2011, 9 a 16/Set 2013 e 15 a 21/Jun 2016	50
Figura 14 - Matriz curricular de jornalismo - 2016	52
Figura 15 - Capas Jornal QO edições: n1 Centro 2016, n5 Torre 2017 e n7 Varadouro (com erro na capa ficou “varaouro”) 2018.....	53
Figura 16 - Capas Jornal QO edições n8 Jaguaribe 2018, n13 Pandemia2 2021 e n15 Tambaú 2022.....	54
Figura 17 - Imagem do quadro da disciplina de Oficina de Jornalismo Impresso (2013-2024)	65
Figura 18 - Papel com a tabela de funções do Jornal QO.....	73
Figura 19 - Montagem da comunicação da editora no grupo de whatsapp da edição	73

LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

Quadro 1 - Lista de teses e dissertações	23
Quadro 2 - Respostas sobre o que seria o Jornal-laboratório.....	56
Quadro 3 - Respostas sobre a linha editorial.....	57
Quadro 4 - Respostas sobre manuais de redação e autonomia discente.....	59
Quadro 5 - Respostas sobre a técnica e tecnologia de impressão, distribuição e acesso.....	60
Gráfico 1 - Distribuição de publicações.....	27
Gráfico 2 - Quantidade de publicações ao longo do tempo	28
Gráfico 3 - Período no curso	68
Gráfico 4 – Idade dos estudantes	68
Gráfico 5 - experiência anterior com publicações	68
Gráfico 6 - Relação Gêneros jornalísticos experimentados e inéditos.....	69
Gráfico 7 - Relação conhecimento sobre o Jornal QO e leitura de matérias publicadas anteriormente	70
Gráfico 8 - Grau de confiança para elaboração das matérias no Jornal QO	71
Gráfico 9 - Função que gostaria de desempenhar na edição do Jornal QO	71
Gráfico 10 - Autonomia na produção	75
Gráfico 11 - Função desempenhada.....	75
Gráfico 13 - Concordância nas edições.....	75
Gráfico 12 - Aprovação do bairro	75
Gráfico 14 - Grau de satisfação nas atividades	75
Gráfico 15 - Grau de confiança nas atividades	75
Gráfico 16 - fatores que atrapalharam a execução de atividades	76
Gráfico 17 - Jornal QO deve continuar sendo impresso	78

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

CCHLA – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

CCTA – Centro de Comunicação, Turismo e Artes

DAC – Departamento de Artes e Comunicação

DECOM – Departamento de Comunicação

DEJOR – Departamento de Jornalismo

EaD – Ensino à distância

QO – Questão de Ordem

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde

PRG – Pró-Reitoria de Graduação

REUNI – Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

SEDOC – Secretaria de Documentação

SIGAA – Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

URL – *Uniform Resource Locator*, Localizador Uniforme de Recursos.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	JORNAL-LABORATÓRIO: UMA QUESTÃO DE PESQUISA	21
2.1	Os estudos sobre o jornal-laboratório.....	21
2.2	Marco teórico da pesquisa sobre o jornal-laboratório	22
2.3	Jornal-laboratório para além das teses e dissertações.....	26
2.4	Levantamento das pesquisas sobre o jornal QO na UFPB	29
2.5	A pesquisa sobre jornal-laboratório na formação acadêmica e profissional	30
3.	O JORNAL-LABORATÓRIO QUESTÃO DE ORDEM: OS PROCESSOS DE PRODUÇÃO E ESCOLHAS DIDÁTICAS AO LONGO DO TEMPO	32
3.1	Memória do ensino em jornalismo na UFPB	33
3.2	Quando começou o Jornal QO?.....	36
3.2	Primeiras edições, primeiras polêmicas.....	40
3.3	Um salto no tempo	44
3.4	Um estranho no ninho	46
3.5	Um jornal como um jornal.....	48
3.6	Mudanças e crises do que ser	51
3.7	Indícios e inferências das entrevistas	55
3.6.1	Sobre o conceito de jornal-laboratório, seu papel na formação profissional e estrutura de produção do Jornal QO.....	56
3.6.2	Sobre a linha editorial, modelo noticioso (<i>hardnews</i>) ou temático (reportagens), participação das escolhas de pauta, abrangências, fontes e apuração.	57
3.6.3	Sobre o uso de manuais de redação, autonomia do aluno-jornalista, gestão da equipe e edição, tempo e <i>deadline</i>	58
3.6.4	Sobre a técnica e tecnologia de impressão, distribuição e acesso, participação da comunidade (<i>feedback</i>) e a memória do ensino em jornalismo	60
3.6.5	O fenômeno didático-pedagógico do Jornal QO.....	61
4.	JORNAL QO TAMBIÁ: O PROCESSO DE PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEO DE UM JORNAL-LABORATÓRIO IMPRESSO	64
4.1	Uma turma atípica	64
4.2	Primeiras atividades	66
4.3	Levantamento inicial	67
4.3.1	Aspectos iniciais no geral sobre produção textual	67
4.3.2	Aspectos iniciais específicos sobre a produção do Jornal QO.....	70
4.4	Estrutura, ida a campo, produção, revisão e diagramação.....	72
4.5	Levantamento final	74

4.6	O jornal-laboratório e a formação profissional na UFPB.....	76
4.7	O JORNAL-LABORATÓRIO E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA UFPB	Erro! Indicador não definido.
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
	REFERÊNCIAS.....	84
	APÊNDICE A – MODELO DE ENTREVISTA SEMI-ABERTA AOS DOCENTES ...	87
	APÊNDICE B – ENTREVISTAS TRANSCRITAS	88
	Arquivo: B1 – Prof. Carlos Azevedo	88
	Arquivo: B2 – Prof. Carmélio Reynaldo.....	95
	Arquivo: B3 – Prof. Edônio Alves	108
	Arquivo: B4 – Prof. Thiago Soares	116
	Arquivo: B5 – Prof. Alarico Correia Neto e Carmélio Reynaldo.....	120
	APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO AOS DISCENTES NO COMEÇO DA DISCIPLINA	135
	APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO AOS DISCENTES NO FINAL DA DISCIPLINA	136
	ANEXO A	137
	ANEXO B	138
	ANEXO C	143
	ANEXO D	144
	ANEXO E	145

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objeto de investigação o jornal-laboratório Questão de Ordem (Jornal QO) desenvolvido pelo curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que é uma das ferramentas pedagógicas usadas na formação profissional de jornalistas. Como salientava o professor Dirceu Fernandes Lopes (1989, p. 49), “o jornal-laboratório dá condições ao estudante de realizar treinamento na própria escola, possibilitando que coloque em execução, ainda que experimentalmente, os conhecimentos teóricos adquiridos nas disciplinas da área técnico-profissionalizante”, investigar o Jornal QO é um lugar privilegiado para pensar ora a relação do jornalismo com o mercado de trabalho, ora o jornalismo como atividade pedagógica. Ao longo do tempo, os jornais feitos por aprendizes de jornalismo foi se adaptando a diferentes demandas curriculares e formatos (impresso e digital) a partir das diferentes transformações pelas quais a prática jornalística e os cursos de Jornalismo passaram, a fim de proporcionar uma prática que se aproxima do ambiente profissional.

O curso de Jornalismo, desde sua criação em 1943, foi somente implementado no Brasil pela Faculdade Casper Líbero em 1947 com base no currículo do ano anterior, como dispõe o trabalho de Antonioli (2014), privilegiou o jornalismo impresso, o que fora corrigido nos currículos seguintes. Dirceu Fernandes Lopes (1989) destaca que mesmo existindo iniciativas de jornais-cobaias, que seriam jornais criados pelas turmas por iniciativa própria sem periodicidade, pesquisas foram feitas na década de 1960 e levaram o curso superior em Jornalismo ser transformado em uma habilitação do curso de Comunicação Social, com a influência do Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para a América Latina (CIESPAL), órgão da UNESCO.

Os aperfeiçoamentos, com vistas a suprir as necessidades do mercado, foram sendo implementados e, efetivamente, o jornal-laboratório foi descrito como órgão laboratorial necessário para formação profissional no nível superior de educação. Como consta no artigo 7º da resolução 02/1984 do Conselho Federal de Educação, “As escolas que mantenham cursos com habilitação em Jornalismo editarão, anualmente, ao menos 8 (oito) jornais-laboratórios realizados por seus alunos com orientação dos professores de disciplinas da área técnico-profissional.” (Brasil, 1984).

É importante destacar no levantamento de Antonioli (2014, p. 185) a “imposição do poder público em relação aos currículos dos cursos”, de forma que somente em 2001 as instituições de ensino tiveram alguma flexibilidade na composição curricular e, mesmo sendo

pleiteado desde 1999, foi somente em 2013 que o curso bacharelado em jornalismo volta a ser instituído pelo MEC (Brasil, 2013).

O jornal-laboratório foi afetado por essas mudanças, principalmente durante o período em que de 1979 a 2013 o estágio curricular obrigatório foi considerado ilegal. Dias (2013) descreve que os laboratórios foram de uma experiência prática simplória da década de 1980 a um ganho de qualidade e composição na edição e impressão conforme as universidades se equiparam na década de 1990 com computadores e a implementação e expansão da internet.

As mudanças no currículo de 2013, destacado no trabalho de Antonioli (2014) expuseram mais ainda a importância dos órgãos laboratoriais, em específico o jornal-laboratório, como um dos eixos da prática laboratorial. O jornal-laboratório deve tender à experimentação de seus limites e conceitos, indo além de uma simulação do mercado de trabalho (Oliveira, 2007, p. 108), distinguindo de agências universitárias de notícias, os *house organs* universitários, observatórios de imprensa e estágios no mercado de trabalho (Dias, 2013, p. 57).

Neste aspecto, o Jornal QO, do curso de bacharelado em Jornalismo da UFPB, busca “elaborar um material sob a ótica da conduta ética, o interesse público e a responsabilidade social marcados à profissão que desejam exercer” (Azevedo Filho e Cabral, 2018, p. 4). Ele está vinculado à disciplina de Oficina de Jornalismo Impresso do curso, sendo disciplina desde o currículo de 2011, mantida na atualização curricular de 2016. Todavia, sua existência, como veremos mais à frente na pesquisa, está mesclada com a história do curso de Comunicação Social, criado em 1977 na habilitação em Jornalismo.

Estudar o caso do Jornal QO contribuiu para identificar elementos de evolução da ferramenta pedagógica ao longo do tempo, selecionando indícios que levaram a inferências sobre o ensino de jornalismo na UFPB. Diante desse cenário de mudanças, esta dissertação teve por objetivo principal investigar o Questão de Ordem, ao longo dos seus quase 44 anos de existência, levantando indícios de como a ferramenta pedagógica atua na formação profissional em Jornalismo na contemporaneidade. Nesse sentido, esta pesquisa busca responder a seguinte pergunta problema: Qual é o lugar, importância, do jornal laboratório, na formação profissional diante das mudanças no jornalismo na Paraíba?

Dessa forma, esta pesquisa fundamenta-se na importância do jornal-laboratório e as mudanças das suas estruturas de produção a fim de buscar adaptar o processo de produção profissional próxima ao mercado, sem perder o caráter experimental. Surgimento de publicações acadêmicas sobre o jornal-laboratório sinalizam ações de transformação dessa ferramenta, atualizando-a às práticas mais recentes voltadas aos meios digitais. Com isso, tais

produções, reforçam a necessidade de requalificar essa práxis laboratorial ou mesmo discutir sua existência.

Além da discussão quanto ao meio, se impresso ou digital, e tudo que envolve as técnicas e o objetivo pedagógico do jornal-laboratório, é importante visar sua distinção ao simples produzir jornalístico para atender uma demanda institucional, ou mesmo, atuar enquanto extensão universitária. A possibilidade de o estudante praticar os passos de produção da notícia, como apuração, entrevista, redação, edição e distribuição, dá ao estudante uma oportunidade que não teria em um estágio (Martins, 2012).

O jornal-laboratório, como umas das práticas dos eixos de formação constante no Relatório da Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação¹, em 2009, ganhou destaque, ao passo que as críticas ao modelo e a sua estrutura tecnológica e laboratorial também foram sendo colocadas em discussão em trabalhos publicados por pesquisadores que se debruçaram em tratar desses elementos, e, por tanto, foram trabalhados nessa pesquisa a fim de fundamentar tais discussões da área. A revisitação dos conteúdos relacionados às práticas laboratoriais se mostra constante, uma vez que, conforme tais diretrizes, a aplicação de informações e valores é feita através do desenvolvimento dos conhecimentos e habilidades da profissão durante as práticas laboratoriais (Antonioli, 2014).

Indo além da discussão entre teoria e prática, o jornal-laboratório sofre influência direta de sua estrutura histórica, inicialmente baseada nos jornais impressos e atualmente a demanda multiplataforma, que advém da convergência tecnológica. Para Anunciação (2013), a convergência se torna inevitável, pois mesmo os jornais-laboratórios estando historicamente vinculados ao impresso, os seus processos de produção já exploram os cibermeios, colocando-os dentro do contexto de convergência.

O mercado de trabalho regional, onde a UFPB tem mais influência, e os veículos profissionais da Capital Paraibana, já migraram de plataforma, restando, no momento², apenas um jornal impresso em circulação periódica no Estado da Paraíba, o jornal A União, que é financiado pelo Governo do Estado por meio da Empresa Paraibana de Comunicação – EPC.

Esses elementos podem ser avaliados quando a pesquisa se debruça compreender a história do Jornal QO e sua prática atual. É importante verificar a prática no curso e os desafios

¹ Disponível em http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf acessado em 04 de maio de 2023

² “Com o encerramento das atividades do Correio da Paraíba, o estado passará a ter somente o jornal A União circulando em formato impresso”, trecho matéria disponível para consulta no link <https://www.clickpb.com.br/paraiba/jornal-correio-da-paraiba-encerra-atividades-apos-66-anos-de-historia-281487.html>, acessado em 26 de agosto de 2021

durante a formação local dos jornalistas. Com isso, busca-se a razão de existência do Jornal QO na consolidação dos conhecimentos necessários para a formação jornalística regional.

A pesquisa tem ligação temática com este pesquisador desde a graduação (2017-2022), enquanto estudante das disciplinas de Editoração e de Jornalismo Impresso, 3º e 4º período do curso respectivamente, na coautoria do novo projeto gráfico na época, na monitoria da disciplina de Jornalismo Impresso, no Trabalho de Conclusão de Curso com a análise de conteúdo do QO no período de 2016 a 2020 (*Silva, 2021*) e em artigo apresentado (*Silva, 2021b*), no GT de Editoração em 2022, no 45º Congresso Nacional de Comunicação (Intercom). No TCC, foram digitalizados jornais que não tinham arquivos salvos de suas produções, e feita a análise de conteúdo, com auxílio computacional de 10 edição de 16 páginas com 207 matérias, 7 turmas e mais de 134 estudantes em 3 anos e 8 meses de período ativos. O resultado foram gráficos que demonstraram as escolhas editoriais, escolhas temáticas, gêneros jornalísticos e fotojornalísticos, além de comportamentos de produção da fase de bairros da João Pessoa do Jornal QO.

Na busca de encontrar os subsídios que demostrem o papel do Jornal QO na formação profissional, foi traçado alguns objetivos. De forma geral, compreender o lugar o Jornal QO na formação acadêmica jornalística e identificar os impactos e influências das transformações no jornalismo no âmbito da formação em Jornalismo na UFPB. Trabalhando em pontos específicos a pesquisa buscou recuperar extratos da história do jornal-laboratório na UFPB, identificando seu valor à sociedade e o impacto na formação profissional na região; identificar, junto aos docentes que atuaram na disciplina, os processos de produção do jornal-laboratório, compreendendo os critérios editoriais e a metodologia de ensino, como demonstra Lopes (1989); avaliar as práticas jornalísticas em um semestre na disciplina de Oficina de Jornalismo Impresso acompanhando a produção do jornal-laboratório e suas experimentações ou reproduções de estruturas tradicionais do mercado jornalístico, através de observação participante (Gil, 2008); e refletir, junto aos discentes, a contribuição do jornal-laboratório na formação profissional deles a fim de levantar elementos que corroborem, ou não, com o papel da ferramenta pedagógica na disciplina.

Para essa pesquisa foi usada, como base, a abordagem teórica de Dirceu Fernandes Lopes (1989) por esta se tratar em um dos fundamentos que mais qualifica o jornal-laboratório enquanto objeto de estudo. Tal abordagem alinha vários conceitos de produção de jornais-laboratórios ao longo do tempo. Buscando a tese de Antônio Vieira Júnior (2002), orientada por Dirceu Fernandes Lopes, os conceitos de jornal-laboratório evidenciam a relação fundamental que possui com a formação profissional através de uma ferramenta pedagógica.

Essa relação vai além da experiência numa redação em sala de aula, pois ao mesmo tempo permite a experimentação no ambiente acadêmico.

É possível encontrar no trabalho de Vieira Júnior (2002, p.72) nos conceitos de jornal-laboratório as visões do professor José Marques de Melo, o jornal-laboratório é onde os professores podem explicar as teorias do jornalismo através de evidências extraídas nesse ambiente de reprodução dos processos jornalísticos, sendo assim, um ambiente propício para isso; de Luiz Beltrão, que observa o jornal-laboratório como instrumento didático que pode substituir os treinamentos em redação, desde que com um planejamento racional; e, para Bruno Fuser, que vê a promoção do espírito de equipe e a troca de experiências, se fazendo necessário na prática e pesquisa através de novas formas de expressão e experimentação no jornalismo.

Com isso, é possível observar diferentes posições de pesquisadores, referências no campo do jornalismo, sobre a importância do jornal-laboratório, qualificando-o enquanto objeto de pesquisa. É neste sentido, que a pesquisa buscou explorar o Jornal QO, dentro da perspectiva didática, inferindo os aspectos práticos de sua história e de seu impacto contemporâneo, através dos indícios encontrados no estudo do caso.

Todavia, não se nega o encontro de elementos de transformação dos produtos, processos e práticas jornalísticas, muito através dos constantes avanços tecnológicos durante o período pesquisado. No trabalho de Anunciação (2013, p.27), podemos ver a visão de Pavlik sobre a obsolescência do modelo do século passado pela mudança que a era digital provocou, com a ênfase na reestruturação dos cursos, fazendo destaque na visão do trabalho de Palácios da adaptação do currículo, dependência tecnológica, autonomia discente, processos de ensino descentralizados e a criação de locais de inovação como algo necessário.

Por meio desses trabalhos é possível encontrar na literatura acadêmica, ainda que curta, a busca em demonstrar não só a importância do jornal-laboratório, como objeto de exploração, quanto sua relevância no que diz respeito à possibilidade de os frutos poderem ser aproveitados em propostas de transformações no âmbito do ensino de jornalismo.

Diante do que se apresenta sobre o jornal-laboratório, várias fases da educação brasileira de nível superior alteram as dinâmicas dos cursos de graduação em Jornalismo. A busca de compreender o jornal-laboratório como uma ferramenta pedagógica e refletir sobre ele estão já presentes na nossa literatura acadêmica (Lopes, 1989; Júnior, 2002; Santos, 2007; Oliveira, 2010).

Como o docente tem interação direta com as linhas editoriais e busca formas de conduzir o ensino e a prática na disciplina (Lopes, 1989). A pesquisa encontra indícios que tais mudanças também ocorreram quando cada docente responsável pela condução do Jornal QO

compreendia o mesmo ao longo do tempo, e como os processos eram impactados pela estrutura de produção, organização curricular e propostas editoriais e outros parâmetros identificados.

Com a hipótese de identificar no Jornal QO como ferramenta pedagógica na formação profissional do jornalista na Paraíba, em específico com formados pela UFPB; que existiram diferentes versões de produtos ao longo do tempo; a heterogeneidade das relações de teoria e prática na disciplina; as experiências e experimentações que direcionaram a formação dos discentes; os desafios de se adaptar em sala de aula práticas são importantes, não importando as ferramentas e meios de prática jornalística no futuro.

O procedimento metodológico principal dessa pesquisa é o estudo de caso do Jornal QO, buscando investigar, a partir dos seus produtos, processos e práticas jornalísticas, a ferramenta pedagógica. Tal método foi escolhido por ser uma metodologia que mais se adequa a pesquisas que visem explicar e investigar o “como” e o “por que” de determinado objeto de pesquisa, bem como não há um controle completo do pesquisador sobre o processo que está sendo executado (Yin, 2005). Mesmo que existam pesquisas que analisem jornais-laboratórios enquanto produtos, usando das ferramentas analíticas na pesquisa em jornalismo, há a singularidade do Jornal QO e seus processos de ensino aprendizagem.

No campo da comunicação, Braga (2008) refina a técnica ao fazer apontamentos de quando uma metodologia trata a Comunicação enquanto disciplina indiciária. Ao sustentar o uso de tal estratégia, define então que compete ao estudo de caso, “... o trabalho de (a) levantar indícios; (b) decidir de sua relevância para o objeto e para a pergunta da pesquisa; e (c) articular conjuntos de indícios derivando, daí, inferências sobre o fenômeno” Braga (2008, p 81). Dessa forma, esta pesquisa tenciona a situação empírica, bases teóricas e problema de pesquisa. Com esse estudo, a pesquisa vai “mais do que ‘aplicar’ teorias e conceitos para apreender, categorizar ou ‘explicar’ completamente um objeto ou situação empírica, trata-se de ‘problematizar’ o caso em estudo a partir dos fundamentos adotados”, Braga (2008, p 83)

O Jornal QO possui uma história ainda não investigada cientificamente e, por tanto, plausível indicar a pesquisa histórica. Todavia, como ele segue em execução, o processo é contemporâneo e os envolvidos são possíveis de serem observados e entrevistados. A versatilidade para usar múltiplos instrumentos de coleta estão presentes na metodologia de estudo de caso, como destaca Yin (2005).

O estudo de caso conta com muitas técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas, mas acrescenta duas fontes de evidência que usualmente não são incluídas no repertório de um historiador: observação direta e série sistemática de entrevistas. (...), o poder diferenciador do estudo é a sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências – documentos,

artefatos, entrevistas e observações – além do que pode estar disponível no estudo histórico convencional. (Yin, 2005, p.27)

Para tanto, a pesquisa propõe identificar na literatura acadêmica a importância dos jornais-laboratórios como objeto relevante de estudo através da pesquisa bibliográfica sobre o tema. Usamos as referências utilizadas nas teses de Vieira Júnior (2002), Santos (2007), que foram orientadas por Dirceu Fernandes Lopes, e Oliveira (2010). Através da literatura, foi possível compreender e apresentar o estado da arte mais amplo dos jornais-laboratórios enquanto ferramenta pedagógica e buscando relacionar seu papel no passado e suas discussões sobre o futuro. Nesse estado da arte encontramos na maioria das teses e dissertações que a metodologia proposta ou foi diretamente citando Yin (2005) como referência de estudo de caso, ou usaram ferramentas de pesquisa presentes na metodologia. Lopes (1989) fez comparações de três jornais laboratórios, Vieira Júnior (2002) usou múltiplas ferramentas metodológicas que estão presentes também em estudos de caso, Mota (2007), comprara três projetos gráficos de três jornais laboratórios, Santos (2007) faz referência a Lopes (1989) na sua construção metodológica comparativa, Policeno Filho (2008) e Anunciação (2013) citam diretamente Yin (2005) nessa construção metodológica.

Outro artefato importante para o estudo do caso é a pesquisa documental. Com esta, se buscou os documentos relativos à história do Jornal QO na UFPB. Dentre os documentos, são examinados os currículos, projetos pedagógicos, jornais produzidos, entre outros fragmentos históricos.

Como exposto anteriormente, o estudo de caso também prevê o uso de entrevistas para cumprimento do objetivo principal da pesquisa. Neste caso, foram realizadas entrevistas com boa parte os docentes que tiveram contato com a produção do Jornal QO. As entrevistas foram feitas de forma híbrida (virtual ou presencialmente) adaptando a possibilidade dos entrevistados e com perguntas em forma semiestruturada. Além disso, foram criados questionários distribuídos de forma on-line os discentes em curso para o acompanhamento contemporâneo. Como Gil (2008) aponta, é uma técnica que se adequa para coletar dados que buscam da fonte o conjunto de informações que possam ser usados na pesquisa.

Um dos propósitos das entrevistas é complementar a pesquisa documental a fim de ter mais informações sobre o Jornal QO com docentes, que conduziram a disciplina onde ele foi produzido. Com isso, obter uma linha temporal de um produto que, como revelado mais a frente, não teve cuidado com sua memória. Tal fato foi desafiador, mas trouxe a possibilidade de, digitalizadas as pela pesquisa, contribuir para a criação de um acervo como um registro histórico do Jornal QO em suas diferentes fases.

Também usando as entrevistas, foram levantados vários indícios que revelaram partes do processo de produção do Jornal QO, dos critérios usados, da estrutura organizacional, dos acessos aos materiais de confecção editorial, dos prazos e distribuição (ou não) das produções. Os materiais colhidos, de fato, foram afetados pela capacidade de memória dos docentes envolvidos, algo não plenamente confiável, mas complementado pelos raros registros impressos.

O foco desse estudo de caso, portanto, não será o conteúdo produzido, mas os indícios que revelam as condições de produção do Jornal QO como ferramenta pedagógica. Foram levantados, nas entrevistas e no levantamento de materiais históricos, os aspectos de similaridade com as técnicas de mercado da época e as escolhas de experimentação, em conformidade com o modelo de mercado ou divergências dos modelos da época através das decisões editoriais executadas no decorrer do tempo.

A partir do levantamento dessas informações, foi possível refletir como o Jornal QO impactou na formação dos discentes e como os docentes lidavam com a característica de experimentação, principalmente antes da liberação do estágio em jornalismo no currículo de 2013 como um dos agentes que mudaram a relação dos discentes e docentes com o Jornal QO. É importante ressaltar que a pesquisa não analisou a formação profissional no seu contexto amplo, foi seus efeitos vão além das atividades realizadas em Jornais Laboratórios, mas como o jornal-laboratório está inserido nos momentos da formação dentro do curso ao longo do tempo.

Em sequência, usando como metodologia a observação participante (Gil, 2008), durante o semestre de 2022.2 foi aplicada uma observação presencial da produção do Jornal QO na disciplina de Oficina de Jornalismo Impresso do curso de Jornalismo da UFPB sobre os processos de reunião de pauta, definição das equipes, coleta de material, apuração das informações, edição, revisão, publicação e distribuição. Esta observação levantou indícios sobre a condução do trabalho com registros dos processos de produção do Jornal QO na atualidade. Assim, foi possível avaliar o tempo de produção, teorias aplicadas e quais métodos experimentados, e entender a relação teoria-prática do jornal-laboratório.

Apresentamos o conjunto de três capítulos e as considerações da pesquisa. O primeiro capítulo “Jornal-laboratório: uma questão de pesquisa” abordará o levantamento bibliográfico que foi realizado e elencar as discussões de teoria e prática na formação profissional que estão inseridas nas pesquisas sobre jornal-laboratório.

O segundo capítulo “O jornal-laboratório Questão de Ordem: os processos de produção e escolhas didáticas ao longo do tempo” é dedicado a criar o retrospecto do Jornal QO com

bases na identificação dele nos currículos acadêmicos, levantamento de artefatos históricos, registros de atividades e nas entrevistas com os docentes. Com isso, demonstrar as várias formas de produção, desde as proximidades aos métodos praticados no mercado de trabalho às experimentações e reflexões do exercício da teoria.

O terceiro capítulo “Jornal QO Tambiá: o processo de produção contemporâneo de um jornal-laboratório impresso” abordará o processo de produção do Jornal QO no semestre acadêmico de 2022.2, onde o pesquisador fez estágio-docência, fazendo o levantamento da prática laboratorial e das implicações dos conceitos de formação profissional dessa ferramenta didático-pedagógica no atual cenário de ensino na UFPB, correlacionando os indícios encontrados.

Por fim, nas “Considerações Finais” é consolidada as informações levantadas na investigação proposta pela pesquisa. O intuito é relacionar o estudo do caso do Jornal QO com sua contribuição ao arcabouço literário sobre a prática laboratorial no ensino de jornalismo no Brasil, tendo em vista sua relação na formação profissional do jornalista diplomado.

2 JORNAL-LABORATÓRIO: UMA QUESTÃO DE PESQUISA

Neste capítulo apresentamos o objeto de estudo da pesquisa, por meio de um levantamento bibliográfico das produções acadêmicas que tratam do jornal-laboratório na formação acadêmica e profissional do jornalista no ensino superior brasileiro, através de consulta a base de dissertações e teses da Capes realizada em 26 de maio de 2023. O objetivo desse levantamento é demonstrar como o jornal-laboratório foi e é usado enquanto objeto de pesquisa e elencar as discussões que ele traz ao apresentar os elementos de teoria e prática na formação profissional do graduando em jornalismo dentro de sua formação acadêmica.

2.1 Os estudos sobre o jornal-laboratório

A referência inicial sobre jornal-laboratório passa pelo professor Dirceu Fernando Lopes e sua tese, defendida em 1989, que se tornou livro, intitulada “Jornal-Laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público”, orientada por José Marques de Melo. Com esse ponto de partida, vemos uma linha de pesquisa específica dedicada a compreender o processo de ensino do jornalismo e sua formação tanto acadêmica quanto profissional. É justamente a busca de relacionar prática e teoria que as primeiras discussões sobre o papel de uma disciplina laboratorial estão fundamentadas. Lopes (1989) já trazia no histórico levantado na época os empates que os docentes e coordenadores tinham em instrumentalizar o ensino com técnicas de produção.

Neste primeiro trabalho, que é como uma pedra angular na pesquisa sobre o tema, é possível ver no levantamento histórico a discussão sobre o ensino de Jornalismo, desde as críticas de teoria e prática até nas interferências editoriais que são marcantes na condução dos trabalhos, como descreve sobre o resultado da parte da pesquisa em que juntou o referencial teórico, consultas bibliográficas, participações em eventos, atuação como professor e orientador de jornais laboratórios. Segundo ele há também uma falta de definição sobre a questão editorial dos jornais-laboratórios entre os docentes e discentes nos processos de produção. Lopes destaca também que:

A experiência nos mostrou que, muitas vezes, esses veículos se transformam em meros exercícios escolares com o objetivo específico de avaliação e presença na sala de aula ou ainda de uma publicação utilizada para divulgar a faculdade ou difundir determinadas ideologias políticas, despida de qualquer técnica inerente ao Jornalismo. Uma utilização que, sem dúvida, descaracteriza o jornal-laboratório como instrumento básico de treinamento dos estudantes de Jornalismo. (Lopes, 1989, p. 65)

O trabalho de Lopes traz, contudo, uma investigação direcionada a três jornais laboratórios, onde para alcançar os seus objetivos, usa como metodologia três pontos que são de inspiração para esta e demais pesquisas.

- 1) entrevistas com os emissores dos jornais-laboratórios;
 - 2) aplicação de questionário junto a professores que orientam os projetos;
 - 3) pesquisa junto às coleções das publicações para checar mudanças estruturais, de forma, conteúdo e na linha editorial desses jornais
- (Lopes, 1989, p. 67)

É então, feito o primeiro estudo de caso dos jornais laboratórios com o “universo pesquisado” do Jornal Campus, da Universidade de Brasília (UnB); Jornal Marco, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gérias (PUC Minas); e Rudge Ramos Jornal, do Instituto Metodista de Ensino Superior de São Paulo (hoje Universidade Metodista de São Paulo). No final, Lopes faz um perfil comparativo, discorre sobre o ensino aprendizagem e relaciona os dados colhidos com as realidades práticas e suas limitações técnicas e metodológicas na construção de ferramenta pedagógica que atua na formação do Jornalista.

Mesmo diante de uma postura sobre as influências formativas e de aplicação dos jornais-laboratórios, é muito destacado o “apesar das críticas” os docentes e discentes, bem como os dirigentes das universidades e instituto, o caráter de formação e experimentação do fazer Jornalismo e sentir os impactos das produções na comunidade. Ao Lopes descrever que “Os estudantes demonstram enfaticamente que esse tipo de jornal traz experiência, que o consideram fundamental para sua formação” (1989, p.181), fica exposta a função pedagógica de formação profissional do jornal-laboratório.

Contudo, vale destacar que na época não era permitido estágio em empresas de comunicação e em jornais, fato que mudou em 2013. Essa exclusividade formativa da prática jornalística na época trouxe aos trabalhos um peso de análise e influência importante na sociedade. Vale ressaltar que o exercício das produções jornalísticas impressas, por breve tempo, era a participação social relevante. Essa contextualização é importante para compreender como as demais pesquisas sobre jornais-laboratórios foram se desenvolvendo com o passar do tempo após o trabalho de Lopes, as mudanças curriculares e no mercado.

2.2 Marco teórico da pesquisa sobre o jornal-laboratório

O livro de Lopes inaugura, como exposto, a pesquisa sobre os jornais-laboratórios a partir deste primeiro estudo de caso. Todavia, não é possível afinar que foi o primeiro trabalho acadêmico no Brasil sobre o assunto, mas como tese de doutorado, devido aos poucos cursos de pós-graduação, sim. O que leva a acreditar que com a distribuição do livro e, posterior, uso

como referência, outros trabalhos, em vários níveis de publicação e distintas localidades, possam ter debatido o assunto.

Contudo, para este trabalho foi realizada uma pesquisa para analisar o estado da arte acerca do jornal-laboratório como objeto de estudo. Tal busca usou a abordagem qualitativa, objetivo descritivo, realizada por meio de um levantamento bibliográfico sistemático. Para a seleção do corpus, foram utilizados os seguintes descritores: “Jornal-laboratório” nas seguintes bases de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações³ e Catálogo de teses e dissertações da CAPES⁴. Foram encontradas inicialmente 13 publicações, que foram filtradas com os seguintes critérios: ser revisadas por pares, ter a palavra “Jornal-laboratório” ou “Jornal-laboratório” em seu título em dissertações e teses. Destes foram descartados os que tinham registro, mas não foram encontrados no respectivo repositório ou em outro repositório ou não em língua portuguesa. Restando 10 trabalhos sendo estes, quatro teses e 6 dissertações. Ao ler os títulos e os resumos foram retirados 3 trabalhos, uma tese e duas dissertações que não tinham jornal-laboratório como título ou relação com ele, restando assim o seguinte quadro:

Quadro 1 - Lista de teses e dissertações

Base BDTD	Catálogo de teses e dissertações da CAPES	Google Acadêmico	Tipo	Título	Autores	Orientador	Ano
Não	Sim	Sim	Dissertação	Jornal-Laboratório: Instrumento Pedagógico e Veículo de Informação*	RIOS, Mario do Carmo Martins	Sem informação	2001
Não	Sim	Sim	Tese	Uma pedagogia para o jornal-laboratório	VIEIRA JÚNIOR, Antônio	Dirceu Fernandes Lopes	2002
Não	Sim	Sim	Dissertação	Perfil do jornal-laboratório nos cursos de jornalismo do Estado de São Paulo - veículos impressos: da obrigatoriedade à inovação permanente*	KIMURA, Mônica	Dirceu Fernandes Lopes	2006
Sim	Sim	Sim	Tese	Prática e Aprendizado (a importância da Agência Universitária de Notícias como jornal-laboratório)	SANTOS, Fernando de Maria dos	Dirceu Fernandes Lopes	2007
Sim	Sim	Sim	Dissertação	Projeto gráfico em jornal-laboratório: ensaio de novas linguagens ou mimetismo mercadológico	MOTA, Guadalupe Corrêa	Jose Coelho Sobrinho	2007

³ <https://bdttd.ibict.br/vufind/> Acessado em 30 de maio de 2022

⁴ <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/> Acessado em 30 de maio de 2022

Sim	Sim	Sim	Dissertação	Jornal-Laboratório, uma atividade pedagógica muito além do exercício de marketing	POLICENO FILHO, Mário Luiz	Daniel dos Santos Galindo	2008
Sim	Não	Sim	Tese	Processos comunicacionais na construção da cidadania dos atingidos por barragens de Mariana/MG e Brumadinho/MG: o crime socioambiental sob o ponto de vista dos sujeitos comunicantes na construção da cidadania*	SOUSA, Claudiane Aparecida de	Gómez de la Torre e Alberto Efendy Maldonado	2009
Sim	Sim	Sim	Tese	Jornal-Laboratório: das intervenções didáticas do professor-editor à produção escrita do aluno-jornalista	OLIVEIRA, Neil Armstrong Franco de	Elvira Lopes Nascimento	2010
Não	Sim	Sim	Profissionalizante	Circulando, do Jornalismo Local ao Jornalismo Cívico: Jornal-Laboratório como Instrumento de Interação com as Comunidades*	Filho, Alpeniano Silva	Sem informação	2012
Não	Sim	Sim	Dissertação	O Perfil Textual do Jornalismo Laboratorial Impresso de Campo Grande: Ensino e Mercado de Trabalho*	RIBEIRO, Cristina Ramos da Silva	Sem informação	2012
Não	Sim	Sim	Dissertação	Jornal-laboratório no contexto da convergência: um estudo empírico sobre ensino de jornalismo	ANUNCIACÃO, Cristiano Pinto	Elias Machado	2013
Não	Sim	Sim	Dissertação	A audiodescrição como estratégia narrativa para um jornalismo acessível*	CARPES, Daiana Stockey	Demetrio de Azeredo Soster	2017
Não	Sim	Sim	Dissertação	Para nunca esquecer: uma análise discursiva de coberturas midiáticas impressas sobre o rompimento da barragem de Fundão, em Mariana*	CAMARA, Marco Tulio Pena	Claudio Humberto Lessa	2018
*	Trabalhos desconsiderados						

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

As pesquisas encontradas datam de 2001 em diante. Isso não quer dizer que não existam pesquisas e publicações sobre o assunto nas décadas passadas. Como o próprio livro de Lopes de 1989, há possibilidade que artigos, ensaios, projetos, TCCs, dissertações e teses com a

temática estejam depositadas em bibliotecas que não estejam indexadas ou somente disponível de forma física. É o caso da tese de Vieira Júnior (2002) e a dissertação de Kimura (2006), que estão indexadas nas bases de dados e no próprio repositório da USP, mas sem o arquivo disponível para acesso. Por acaso, o trabalho de Vieira Júnior (2002) pode ser acessado num repositório privado, tendo assinatura aberta por tempo limitado, com a possibilidade de baixar o arquivo completo, o que foi feito. Infelizmente em outros casos, tais trabalhos não foram localizados nos sistemas de bibliotecas online na época desse levantamento.

Dentre os assuntos descritos nos títulos e os resumos descritos dos trabalhos, é possível perceber, a princípio, que há uma constante em tratar de temas ligados ao ensino, desde proposta de modelos pedagógicos específicos a discussões sobre a convergência das mídias, seus impactos e o mercado de trabalho. As palavras chaves por trabalho encontradas foram: nenhuma em Vieira Júnior (2002), “agências de notícias, ensino de jornalismo, jornal-laboratório, jornalismo comparado, universidades” em Santos (2007), “jornalismo, jornal-laboratório, comunicação visual, planejamento gráfico, design gráfico, indústria gráfica” em Mota (2007), “ensino de jornalismo, jornal-laboratório, comunicação mercadológica, marketing de experiências, aprendizagem vivencial” em Policeno Filho (2008), “jornal-laboratório, gêneros textuais, gêneros jornalísticos, formação jornalística, ferramentas didáticas para o desenvolvimento da escrita, produção textual” em Oliveira (2010) e “Jornal-laboratório, convergência, ensino de jornalismo, processo de produção jornalística” em Anunciação (2013).

Quando se busca a abordagem desses trabalhos, é possível notar algumas características próprias, mas com o fio condutor sobre o ensino e algumas técnicas metodológicas ora semelhantes ao estudo de caso, ora bem distinta. No trabalho de Vieira Júnior (2002), “Uma pedagogia para o jornal-laboratório”, é possível encontrar uma busca por uma organização editorial com diretrizes profissionais pré-definidas, como existência de um manual de redação. Para tanto ele faz um estudo exploratório com uso de vários instrumentos metodológicos como: “pesquisa bibliográfica”, “legislação”, “estudo da documentação”, “questionários”, “entrevistas” e “análise dos dados” (2002, p.12-13). Orientado por Lopes, Vieira Júnior reforça a busca do equilíbrio, ainda na graduação, entre a formação técnica e as responsabilidades sociais através de sua proposta pedagógica.

No trabalho de Mota (2007), é percebido uma outra abordagem, mais voltado a análise das produções gráficas. Na descrição de cada capítulo, usa de diferentes instrumentos metodológicos, mas seguindo na escolha de três jornais laboratórios, com entrevistas e observação da produção deles, além de análises descritivas morfológica e qualitativa dos jornais, como uma técnica específica. Ao analisar as experimentações, encontra uma falta de

aprofundamento quando as linguagens visuais na relação dos objetos analisados em relação com o público-alvo das produções.

Enquanto isso, em Santos (2007) é bem visível direcionamento de seu estudo às agências de notícias universitárias, usando os mesmos instrumentos metodológicos de Lopes, citando-os diretamente (2007, p. 13-16), enquanto justifica o recorte de seu estudo. Seu trabalho faz um estudo das agências enquanto jornais-laboratórios trazendo uma visão positiva nessa relação com a oportunidade de experiência profissional.

A questão das relações dos jornais-laboratórios com os objetivos voltados ao marketing das próprias organizações de ensino, transformando-os em *house-organ* é onde Policeno Filho (2008) atua em seu trabalho. Neste trabalho há, pela primeira vez, a conceituação metodológica de estudo de caso com base em Yin (2005), Gil (2008) e de outros autores, usando múltiplos casos, e dado foco em dois jornais-laboratórios de universidade privadas "que, por essa característica, têm necessidade de se comunicar com o mercado para atrair estudantes, garantindo a sobrevivência, e superar a concorrência" (Policeno Filho, 2008, p.15).

Imergindo na produção textual, nas questões do dia a dia, nos critérios linguísticos e de escolhas que surgem nas relações dicotômicas de editor docente e do jornalista discente Oliveira (2010) trabalha com a observação dos professores e alunos, aulas gravadas em áudio e vídeo; conversas por *e-mail* e textos produzidos pelos alunos. O trabalho traz não só um estudo, mas a interação do Pesquisador: com o objeto pesquisado.

Por fim, em 2013, quando o estágio supervisionado é regulamentado, Anunciação (2013) traz para seu estudo de caso, também fundamentado em Yin (2005) e demais autores, dois jornais-laboratórios para trabalhar contexto de convergência. A influência da tecnologia no fazer jornalístico e no ensino de jornalismo surge como um desafio diante das novas formas de produção e circulação no ciberespaço, gerando desafios ao ensino na formação profissional.

Dessa forma, não resta dúvidas que de forma direta ou indireta o estudo de caso foi usado na fundamentação metodológica que leva o jornal-laboratório para uma discussão científica. Esta pesquisa está lastreada nesses fundamentos e na metodologia conhecida e amplamente usada para tratar desse objeto de pesquisa.

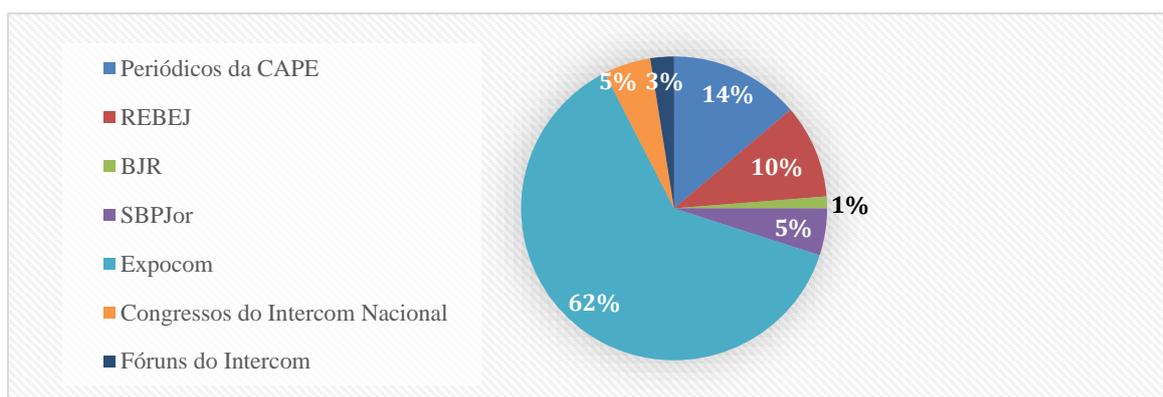
2.3 Jornal-laboratório para além das teses e dissertações

Para complementar a pesquisa, foram consultadas publicações de artigos no portal de periódicos da CAPES, na Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo (REBEJ), na Brazilian Journalism Research da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), no repositório da SBPJor. Além dessas bases, foram consultadas os trabalhos publicados na

Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), tanto em congressos como na Exposição de Pesquisa e Produção Experimental em Comunicação (Expocom). Todavia, o portal da Intercom não possui um buscador unificado dos trabalhos submetidos nos congressos. Dessa forma foi usado as cinco primeiras páginas em lista de 20 itens no buscador do Google Acadêmico⁵ em 15 de agosto de 2023, que tenham o PDF referenciado na URL⁶ ao “Portal Intercom” ou “Intercom”.

Foram encontrados (Gráfico 1), com o critério estabelecido, 77 publicações. Foram achadas 11 no Periódicos da CAPES, oito na REBEJ, uma na BJR, quatro na SBPJor, 50 em Expocom, quatro em Congressos do Intercom Nacional e dois no Fóruns do Intercom.

Gráfico 1 - Distribuição de publicações



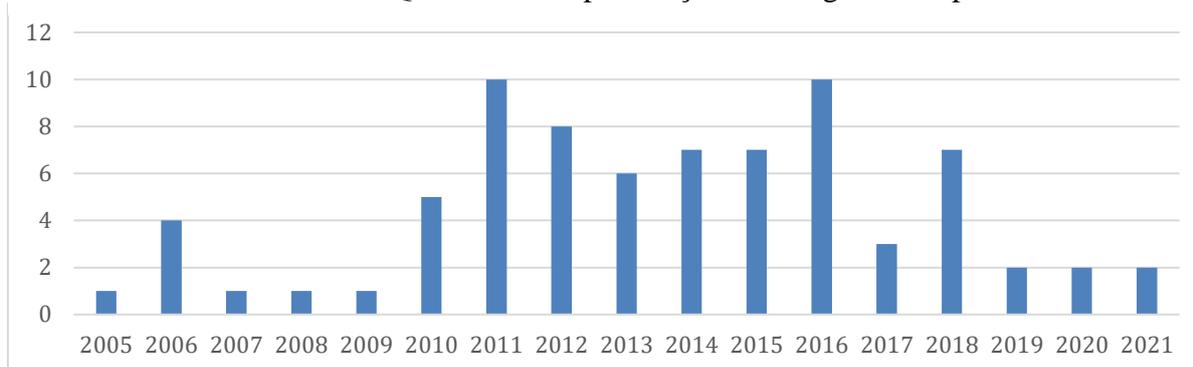
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

É notório que o Expocom, por ter uma premiação nacional com uma das categorias sendo “JO 03 – Jornal-laboratório impresso”, estimula a produção acadêmica no envio de projetos nessa categoria. Ao ter um espaço de inscrição de produtos produzidos por discentes, teve uma elevada presença nos indexadores de pesquisa relacionados. Tais produções destacam o caráter de relato de experiências e experimentações.

É importante destacar que a pesquisa encontrou publicações de eventos do Intercom e Expocom de espectro nacional e regional. As produções publicadas foram identificadas em sua grande maioria em eventos regionais. Ainda dentro da investigação dos trabalhos publicados nesses critérios, tivemos uma distribuição destas ao longo do tempo. Novamente a limitação de acesso às bases que possam ser indexadas revela o “início” a partir de 2005.

⁵ O Google Acadêmico, ou Google Scholar na versão em inglês, é um mecanismo virtual de pesquisa livremente acessível. Foi lançado em uma versão beta em 2004.

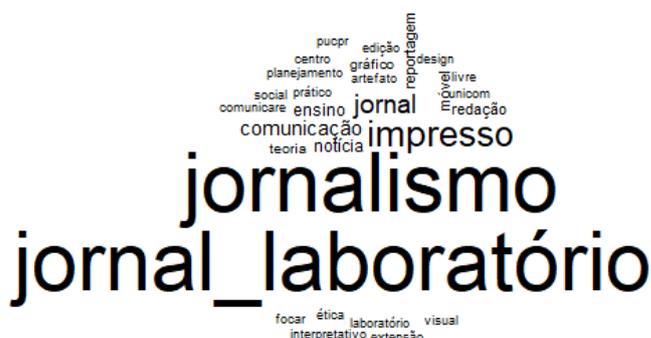
⁶ URL é a abreviação de *Uniform Resource Locator*, que significa Localizador Uniforme de Recursos. corresponde ao endereço que você digita no navegador para acessar algum site.

Gráfico 2 - Quantidade de publicações ao longo do tempo

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Ao consultar as palavras chaves dessas publicações, usamos a contagem de palavras com criação de nuvem proposicional e encontramos presenças significativas de subtemáticas que revelam o sentido da pesquisa sobre jornal-laboratório nesse período como, por exemplo: “jornal-laboratório” (62), “jornalismo” (62), “impresso” (23), “jornal” (15), “comunicação” (10), “redação” (6), “móvel” (6), “reportagem” (6), “notícia” (7), “ensino” (7) entre outras com menor incidência.

Figura 1 - Nuvem de palavras com a proporção encontrada de presenças em palavras-chave



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

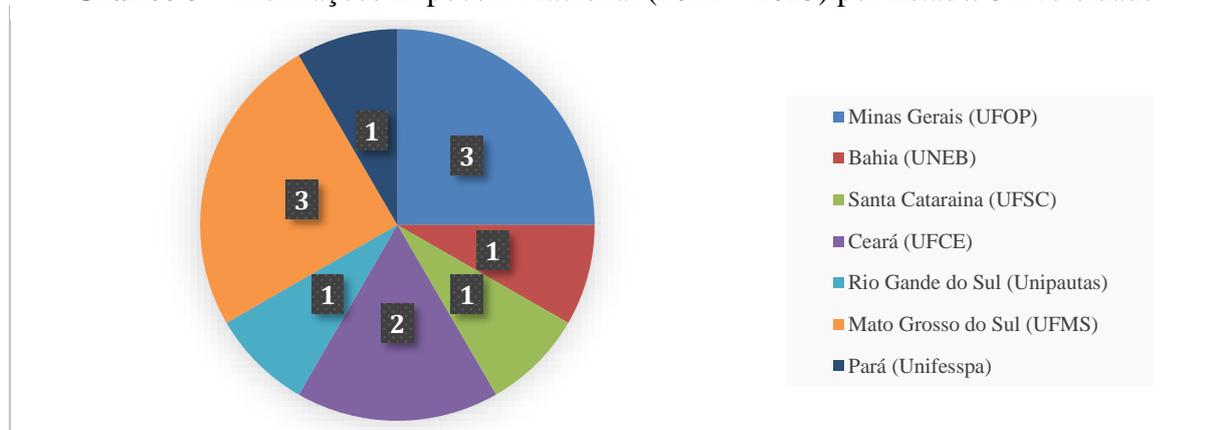
Nas premiações do Expocom Nacional, foram pesquisados no site do portal Intercom⁷ onde é possível acessar, no momento dessa pesquisa⁸, a lista dos vencedores do 19º ao 30º prêmio Expocom. Destes, foram vencedores os jornais-laboratórios “Lampião – Universidade Federal de Ouro Preto” (2012), “Ser guei – Universidade do Estado da Bahia” (2013), “Lampião – Universidade Federal de Ouro Preto” (2014), “Zero – Universidade Federal de Santa Catarina” (2015), “Entrevista – Universidade Federal do Ceará” (2016), “Impressões na Mesa – Universidade Federal do Ceará” (2017), “Unipautas – Centro Universitário Ritter dos

⁷ Disponível em: https://portalintercom.org.br/premios_new/expocom1/vencedores Acessado em: 30 de outubro de 2023

⁸ 30 de outubro de 2023

Reis”(2018), “Lampião – Universidade Federal de Ouro Preto” (2019), “Projétil, edições 92 e 93 – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul” (2020), “Projétil, edições 94 e 95 – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul” (2021), “Rondon Notícias: jornal impresso comunitário – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará” (2022) e “Projétil, edições 98 e 99 – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul” (2023).

Gráfico 3 – Premiações Expocom Nacional (2012 – 2023) por Estado/Universidade



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

2.4 Levantamento das pesquisas sobre o jornal QO na UFPB

Foi buscado através do sistema Google Acadêmico trabalhos com os termos “jornal-laboratório UFPB”. O trabalho listado no topo, e único com a vinculação temática que se buscava foi o trabalho de Azevêdo e Cabral (2016). O trabalho está referenciado na URL a Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã (ABPCom) com o título “Questão de Ordem: jornalismo literário construindo narrativas cidadãs sobre a cidade de João Pessoa”. Neste artigo é apresentado o relato de experiência do professor Carlos Azevêdo junto com a monitora da disciplina, Marina Cabral sobre o Jornal QO.

Além desta busca, foi procurado nos sistemas da UFPB outros trabalhos. A UFPB usa o SIGAA (Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas) como portal de integração dos servidores técnicos-administrativos, docentes, discentes, egressos e a comunidade externa nas interfaces de gestão da informação e de processos através de seus módulos. Uma das atividades integradas é o sistema de bibliotecas. Foi usado o sistema de busca com os critérios que foram usados nas outras bases de pesquisa, sem resultado. Todavia, há depositado, e com ficha catalográfica, a monografia “Análise de conteúdo do jornal-laboratório Questão de Ordem: edições bairros de João Pessoa (2016-2020)” (Silva, 2020). Além disso, foi submetido

e apresentado no Intercom 2022 no Grupo de Pesquisa 25, Produção Editorial, o artigo “Análise das capas do jornal-laboratório Questão de Ordem: edições da Pandemia 2021” (Silva, 2022). Ambos os trabalhos tratam do Jornal QO como objeto de análise de diferentes maneiras.

Indo um pouco mais no sentido do ensino de jornalismo, o trabalho de Nóbrega e Vasconcelos (2021) sobre “Ensino de Jornalismo: reformas curriculares, novas configurações e atuação de egressos da UFPB” apresenta dos laboratórios na constituição do curso de Comunicação Social e, posteriormente, Jornalismo no currículo necessário para a formação.

Como produto das entrevistas, que serão apresentadas no próximo capítulo, foi encontrado uma edição vencedora do Expocom 2009⁹ do Jornal Questão de Ordem com o trabalho “Dossiê Sobre o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa”¹⁰ na categoria JO09 Jornal Impresso, e não na categoria JO03 Jornal-laboratório Impresso. O docente Thiago Soares, que esteve à frente do Jornal QO entre (2008 e 2011) lembrou e passou o contato do estudante Allysson Viana Martins que não só enviou as imagens dos jornais que participou, acrescentado ao conjunto de jornais digitalizados por essa pesquisa, com o relatório que o levou a premiação (ANEXO A)

2.5 A pesquisa sobre jornal-laboratório na formação acadêmica e profissional

Ao fazer tais levantamentos, percebemos que as discussões sobre o como é feito o jornal-laboratório e suas implicações na formação acadêmica e profissional estão presentes na comunidade científica. Não se trata, contudo, somente de um nicho de atuação didático pedagógico que não possui relevância no fazer científico do campo do jornalismo. Observamos que a escassez de teses e dissertações frente ao cenário de produção, por experimentação e suas implicações, no que tange a formação jornalística, contrasta com uma contínua e vívida iniciação científica relacionada as experiências dos projetos dos próprios estudantes. O número de publicações sobre o termo Jornal-laboratório do Expocom ilustra esse argumento.

Dessa forma, há de se aprofundar nessa prática didática a fim de compreender melhor as raízes curriculares que demonstram a necessidade de não só existir a prática do jornal-laboratório, mas ser eixo de formação profissional, indo além da história da implementação dessa ferramenta didático-pedagógica, mas em seus efeitos na atual formação do jornalista na UFPB.

⁹ Na categoria jornalismo impresso http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/exp_jornalismo.htm
Acessado em: 13 de julho de 2024

¹⁰ Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/expocom/EX15-0090-1.pdf> Acessado em: 13 de julho de 2024

Para tanto a pesquisa lançou mão de ferramentas metodológicas usadas nos trabalhos anteriores focados no objeto Jornal QO, que é a produção laboratorial impressa reconhecidamente mais longeva da história do curso de Jornalismo, desde seu formado em Comunicação Social Habilitação em Jornalismo como na atual configuração enquanto graduação em Jornalismo.

No período de tempo de existência do Jornal QO, mesmo com algumas dificuldades de um processo que não é necessariamente parametrizado em rotinas lógicas de produção existente em estruturas redacionais profissionais, foi necessário um estudo de caso na busca de indícios que remetam as relações de teoria e prática ao longo do tempo. Isso se revela, de tal modo, algo importante da caracterização do Jornal QO não como algo parado no tempo, mas como um objeto pronto a oferecer uma camada de indícios que possam ajudar a posicionar o Jornal QO como relevante para esse universo de pesquisa das práticas jornalísticas e da memória do ensino em jornalismo.

3. O JORNAL-LABORATÓRIO QUESTÃO DE ORDEM: OS PROCESSOS DE PRODUÇÃO E ESCOLHAS DIDÁTICAS AO LONGO DO TEMPO

Para identificar alguns indícios de como foi processo de produção e escolhas didáticas dos docentes na condução do Jornal QO, buscou-se o levantamento histórico com uso das entrevistas. É com isso que aprofundamos o conhecimento do processo e suscitar uma memória do ensino em jornalismo como um efeito prático, ao buscar elementos que resgatem e ainda preservem partes da formação profissional em jornalismo da UFPB.

Não é o foco principal dessa pesquisa uma análise historiográfica, mas para se estudar o caso do Jornal QO, usa-se como ferramenta a busca de artefatos, a saber os próprios jornais, documentos e as entrevistas aos docentes, com objetivo de levantar indícios em sua história que o identifique como esse processo levou a criação de conteúdos de execução da proposta laboratorial com foco na formação profissional do jornalismo na UFPB.

O uso desses expedientes de pesquisa não é estranho à pesquisa sobre jornais laboratórios, sendo tais técnicas usadas desde Lopes (1989) por todos os trabalhos egressos de Vieira Júnior (2002), Santos (2007), Mota (2007), Policeno Filho (2008), Oliveira (2010) e Anunciação (2013). Não considerar tal técnica reforçada por todos que de alguma forma pesquisaram sobre jornal-laboratório seria não considerar a relevância dos achados anteriores que se fundamentam, em parte, nesse expediente.

Todavia, não só de parâmetros reside tal discussão e sim do impacto do levantamento das informações de um objeto específico, a saber o Jornal QO. Esse levantamento consiste em aplicar o percurso sugerido por Braga (2008, p.83) onde foi encontrado os indícios do objeto, verificadas as relevâncias em atender a questão da pesquisa e escolhidos os indícios que revelam o fenômeno pesquisado. Com tal cuidado que, não somente baseado no testemunho, esta pesquisa encontrou artefatos e documentos que, entrelaçados aos relatos dos entrevistados, tecem fatos do passado que fundamentam tais indícios. As entrevistas permitem também confrontar o conteúdo de tais documentos com as falas dos docentes e ajuda a criar, a partir do levantamento histórico, indícios que revelam como se deu o processo de formação profissional no Jornal QO.

A partir desse ponto é preciso destacar as fontes diversas usadas na formulação desse histórico. Além dos documentos do processo de criação do curso em 1977, os documentos da reforma curricular de 1985 e os projetos curriculares e seus fluxos de 2011 e 2016, também usados por Nóbrega e Vasconcelos (2021). A pesquisa se vale também dos jornais encontrados na hemeroteca do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR) da UFPB e de registros digitais, jornais usados na pesquisa de Silva (2022), registros digitais

publicados em plataforma de leitura “issuu.com”, versões cedidas por egressos e estudantes de Jornalismo. Bem como, além de alguns jornais de guarda pessoal, entrevistas com ex-docentes e docentes dos cursos de Comunicação Social e de Jornalismo e do registro da Pró-Reitoria de Graduação (PRG) dos estudantes ingressantes, matriculados, trancados, cancelados e concluídos de 1977 a 2022.

3.1 Memória do ensino em jornalismo na UFPB

Um dos indícios mais importantes para destacar a evolução no ensino em jornalismo, até para acomodar os novos desafios dentro de uma estrutura curricular, é o resgate da memória do ensino de jornalismo. Essa dissertação não tem como objetivo aprofundar as discussões curriculares e pedagógicas da história do ensino de jornalismo da UFPB, mas usa de raros registros para que se possa compreender o Jornal QO dentro desse contexto.

A pesquisa apresentada por Nóbrega e Vasconcelos (2021), que busca a visão curricular do curso de jornalismo da UFPB ao longo do tempo, auxilia como um complemento documental à história do ensino em jornalismo e, por consequência, do jornal-laboratório enquanto ferramenta pedagógica. Contudo, só este levantamento não é suficiente para atingir o objetivo de conhecer o processo de produção do Jornal QO como um todo, sem lançar mão de outras fontes de pesquisa.

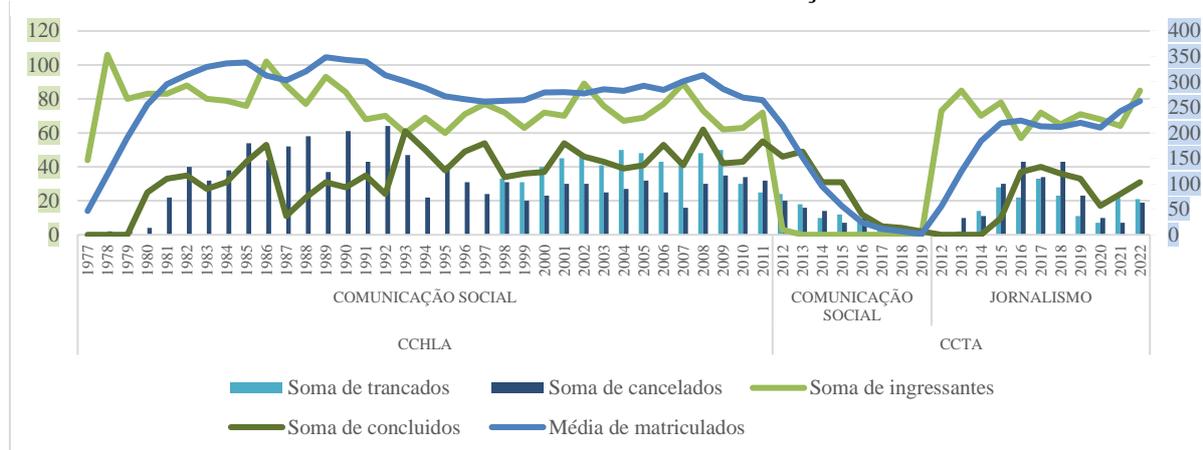
A Universidade Federal da Paraíba (UFPB), fundada em 1955, foi ao longo de sua consolidação como referência na formação superior no Estado expandindo suas atividades formativas de acordo com as demandas e necessidades de desenvolvimento da comunidade paraibana. É nesse contexto que em 1977, na busca em atender a necessidade de profissionalização dos meios de comunicação e de imprensa da época, que um conjunto de professores e profissionais iriam formalizar através do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) o pedido de criação do curso de Comunicação Social.

Como consta o levantamento histórico no trabalho de Nóbrega e Vasconcelos (2021) sobre o ensino de jornalismo na UFPB, o curso Comunicação Social e as habilitações em Jornalismo e em Relações Públicas, iniciam nesse contexto como atividades de formação profissional para o jornalismo na Paraíba. Inicialmente o curso “tinha natureza técnico-profissionalizante, objetivando formar profissionais aptos atuarem na área de Comunicação Social” (Nóbrega e Vasconcelos, 2021, p.17).

O curso, pelos registros obtidos da PRG, era de turno matutino e vespertino, com ingresso de 40 alunos por semestre, existindo variações, chegando a ter quase 350 estudantes matriculados. Em 2012, com a criação do curso em Jornalismo, começou uma nova dinâmica

de ingressos. Desde sua implantação em 1977, foram formados 1684 jornalistas pela UFPB e todos eles passaram de alguma forma pela disciplina de Jornalismo Impresso ou Oficina de Jornalismo Impresso.

Gráfico 4 – Dados acadêmicos dos cursos de Comunicação Social e de Jornalismo



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Com base nos conjuntos de documentos sobre o processo de “criação do curso de comunicação social” de 1977 e em Nóbrega e Vasconcelos (2021), a UFPB iniciou no CCHLA o curso de Comunicação Social ligado ao Departamento de Artes e Comunicação (DAC) no segundo semestre de 1977. Na sua estrutura curricular, aprovada em 1978, constava: Jornalismo Impresso – I A função informativa do jornal. Captação e técnicas de redação da notícia. Principais tipos de noticiário. Os títulos e suas técnicas. Aplicação prática em jornal-laboratório das técnicas de elaboração e titulação de notícia. Jornalismo impresso – II A seleção das informações. A elaboração da pauta e do roteiro. A especialização no jornalismo da informação geral. Copy-desk. Fotojornalismo. As reportagens: policial, judiciária, econômico-sindical, esportiva, sócio-cultural e político-administrativa.¹¹

Em 1984, foi aberto um processo para o “currículo novo do curso de Comunicação” que foi tramitado e editado com novas cargas horárias e ampliações de disciplinas dos estudos no campo da comunicação. Entre os documentos do processo, se destaca a conceitualização do jornal-laboratório na habilitação em Jornalismo:1. Habilitação em Jornalismo (...) g) Jornal-laboratório A escola deverá editar um jornal-laboratório, pelo menos, por mês de aula, com no mínimo oito páginas cada um, em formato tabloide ou standard. Tais veículos poderão ser impressos em gráfica própria ou contratada, cuidando-se, no entanto, que a apresentação (papel, tipologia etc.) corresponda ao produto usual na indústria jornalística regional.¹²

¹¹ Processo 1977, curso de comunicação social, ementas das disciplinas, p.4

¹² Processo 1985, currículo novo do curso de comunicação, habilitação em jornalismo)

É importante destacar a busca em manter a “correspondência” com o que é era produzido na época. Essa busca de manter, mesmo dentro do contexto universitário, uma aproximação com o mercado de trabalho, permeia não só a necessidade de atender um dispositivo curricular, mas de impactar positivamente a sociedade com estudantes que tinham o mínimo de experimentação técnica, mesmo com os desafios da educação pública.

As ementas das disciplinas foram dos documentos de criação curricular no período antes de 2011 que, embora possam existir, são de difícil acesso. Houve um infortúnio ao ir buscar no DECOM e DEJOR tais documentos, junto por essa fase da pesquisa ser impactada com a greve dos servidores técnicos administrativos das instituições públicas federais em 2024¹³. Entretanto, as ementas do currículo de 2011 e 2016 estão disponíveis online e não sofreram tantas alterações. Tendo em vista que ambos os currículos possuem muita similaridade em sua concepção.

Vale destacar alguns pontos da estrutura do processo de aprendizagem que são importantes como elementos de formação profissional constantes no texto destas ementas: A dinâmica da redação jornalística. a equipe e suas atribuições. Os fundamentos do jornalismo impresso: a linha editorial, a pauta, a notícia, a reportagem, o planejamento de cobertura dos fatos e eventos e a edição.¹⁴; A atividade jornalística: conceituação. Os fundamentos do jornalismo impresso em jornal e revista: a notícia, a reportagem, a linha editorial, a pauta, a apuração, a entrevista, a checagem de informações, o planejamento de cobertura dos fatos e eventos e a edição de matérias. A dinâmica da redação jornalística. A equipe de redação e suas atribuições¹⁵. Critérios de seleção e classificação das notícias. A linguagem jornalística em ação. Teoria e prática do texto jornalístico: determinantes de textualidade para jornal e revista. As normas de redação jornalística. Os títulos e as legendas. O papel dos títulos. Classificação dos títulos. Normas editoriais para títulos. Legenda e texto-legenda. A editoração eletrônica. Uso dos aplicativos de Editoração Eletrônica. A impressão e a distribuição jornalísticas.¹⁶

Em ambas as ementas se busca ensinar as técnicas de forma prática que o jornalista poderá encontrar na profissão, principalmente as voltadas ao modelo proposto – jornalismo impresso. Na segunda versão, de 2016, já um foco na expansão das atividades do jornalismo, como: apuração e checagem de informação. A adição de entrevista, por mais que seja uma

¹³ <https://www.pbagora.com.br/noticia/educacao/sindicatos-planejam-greve-nacional-na-educacao-na-paraiba-movimento-deve-paralisar-ufpb-ufcg-e-ifpb-ja-em-marco/> Acessado em: 13 de julho de 2024

¹⁴ Trecho inicial da ementa de 2011, ANEXO F

¹⁵ Trecho inicial da ementa de 2016, ANEXO F

¹⁶ segunda parte da ementa praticamente idêntica, com a adição do trecho em sublinhado em 2016, ANEXO F

tecna presenta no item reportagem, foi também destacada. É importante demonstrar a adição do modelo de revista, não somente jornal, para a disciplina. Essa mudança tem relações com a evolução das práticas docentes, como veremos mais à frente no histórico do Jornal QO.

Sobre a possibilidade de expansão dessas práticas, infelizmente, não há um setor de memória das produções acadêmicas. Estas produções, relatos, pesquisas e demais publicações estão dispersos em revistas, anais, bibliotecas internas da instituição de forma que não estão correlacionados com a coordenação de curso ou o próprio departamento de jornalismo, onde os docentes estão alocados na estrutura da UFPB.

A própria UFPB também mudou sua estrutura organizacional com o passar do tempo, o que faz que alguns acervos também sejam difíceis de catalogar para quem os herda. Isso foi constatado ao se buscar os registros dos docentes que ministraram as disciplinas que eram responsáveis pelo jornal-laboratório do curso.

É uma necessária contribuição à memória do ensino em jornalismo dar subsídios ao menos nas disciplinas práticas de elementos que vão além das ementas e planos de aula. Os jornais-laboratórios como produto são bivalentes em ter sobre si um papel didático-pedagógico, que por sua vez pode ser considerado efêmero para um viés analítico mais amplo, como também possui a característica inerente ao jornalismo de registro contemporâneo da história. É partir disso que encontramos elementos suficientes para identificar os indícios que levam ao Jornal QO ser uma ferramenta pedagógica para formação profissional em jornalismo desde seu início.

3.2 Quando começou o Jornal QO?

A pergunta inicial para levantar a história do Jornal QO é quando ele começou a ser feito. Ao iniciar essa investigação, foi conversado com alguns servidores e docentes mais antigos que apontaram o professor Carmélio Reynaldo Ferreira¹⁷ como quem começou a produção do Jornal Laboratório Questão de Ordem.

Para colaborar com isso, foi encontrado uma matéria publicada em 2019, na edição temática do bairro Jaguaribe, dos então repórteres-estudantes Beatriz Alcântara, Nilberlandio Lucena e Rebeca Wallach um perfil sobre o Professor Carmélio. Estava na página 16 do caderno “Campus” o perfil “Um divisor de águas”. Esse perfil fez um resgate histórico sobre a vida e obra do professor como registro de sua aposentadora, após 40 anos trabalhando na UFPB. Ele é descrito na matéria como “pai do Questão de Ordem”. Em trecho é possível ler

¹⁷ Professor da UFPB de 1979 a 2019, <http://lattes.cnpq.br/7540618544986340>

que “Na época de sua criação, o QO era uma opção juntamente com o tradicional TCC na etapa final da formação do curso e era impresso na Editora Universitária.” (Alcântara, Beatriz; Lucena, Nilberlandio; Wallach, Rebeca, 2018, Jornal QO, Edição 08 Jaguaribe, p. 16). Foi com esse indício que foram colhidas entrevistas e somado materiais para responder o questionamento inicial.

Figura 2 - Recorte da foto da matéria de perfil do professor Carmélio Reynaldo



Fonte: Jornal QO - Edição Jaguaribe (2019, p.16)

Com os registros indicando o início das atividades do curso em 1977, a turma estava a encaminhar, na estrutura curricular da época, para a formação em 1980. Nisso era necessária uma produção de um estágio de prática profissional. Como visto em Dias (2013), o estágio em empresas ficou proibido até 2013. Foi feita uma entrevista com o professor onde ele corrobora com a matéria de 2018,

Na época a estrutura curricular a gente não tinha o TCC, trabalho de conclusão de curso, tinha estágio, inclusive o estágio do estudante de jornalismo na época era proibido em empresa de comunicação, então tinha que ser na universidade ou em algum órgão público. Só que na turma [...] um grupo resolveu se dedicar ao jornalismo impresso e o outro grupo ao radiojornalismo. O grupo do radiojornalismo fez um programa de rádio como fosse um laboratório, ele não foi veiculado em nenhuma emissora e a turma de jornalismo impresso, que ficou comigo, fez o Questão de Ordem (Carmélio Reynaldo, 2023)

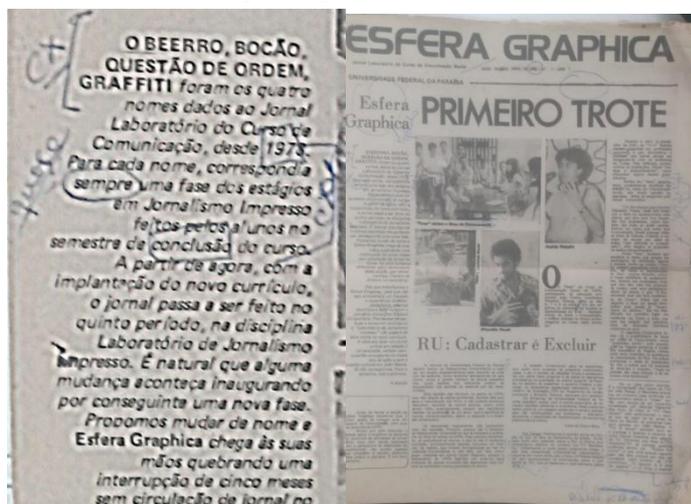
O professor Carmélio Reynaldo foi de estudante a professor durante o curso devido a formação profissional na área, a legislação permitiu o convite e contratação para o quadro. É justo na entrevista com ele que é revelado que antes do Jornal QO existia um jornal-laboratório experimental nas disciplinas de Jornalismo Impresso chamado O BEERRO, tal disciplina era ministrada, segundo ele, no terceiro período letivo, inicialmente pelo professor Antônio Fausto Neto¹⁸, convidado na época para as primeiras turmas do curso. Ou seja, diferentemente do que

¹⁸ Professor colaborador na UFPB entre 1978 e 1991, em atividade na UNISINOS e professor colaborador do PPJ UFPB, <http://lattes.cnpq.br/6946599956105105>

se apontava antes, o Jornal QO não foi o primeiro jornal-laboratório da UFPB, mas o primeiro feito como atividade de conclusão de curso.

Não foi encontrado nenhum registro do O BEERRO, mas um outro jornal-laboratório, que brevemente substituiu o Questão de Ordem, chamado ESFERA GRAPHICA, durante passagem pela disciplina do professor João de Lima Gomes ¹⁹ em abril de 1986, registra ele e outros como no detalhe da capa da sua edição (figura 3).

Figura 3 - recorte coluna e capa do jornal-laboratório ESFERA GRAPHICA (1986)



Fonte: Jornal ESFERA GRAPHICA - (ANEXO E)

A edição que a pesquisa teve acesso do professor João de Lima não pode ser digitalizada com scanner, tendo sua captura feita pelo celular do pesquisador. Para melhorar um pouco o trecho, foi usado uma edição de melhoria de nitidez através de um programa de edição de imagem, o Adobe Photoshop 2021²⁰. No trecho em destaque da primeira coluna são citados O BEERRO, BOCÃO, QUESTÃO DE ORDEM e GRAFFITI pela publicação, datando o início da produção de jornais-laboratórios o ano de 1978. Isso corrobora com a turma de 1977 fazendo o jornal, mas não encontra coerência para o trecho “Para cada nome, correspondia sempre uma fase dos estágios em Jornalismo Impresso feitos pelos alunos no semestre de conclusão do curso” (figura 1).

As marcações em caneta azul não foram explicadas pelo professor João de Lima, o que é importante destacar justamente as marcas na data “1978”, a palavra “sempre” e “conclusão”. De fato, ao comparar a datação do currículo e o relato do professor Carmélio gera contradição. Na entrevista com o professor Carmélio ele relata que foi por volta de 1981 a publicação do Jornal QO.

¹⁹ Professor de Comunicação do DECOM UFPB, <http://lattes.cnpq.br/2464714009394722>

²⁰ O Adobe Photoshop é um software de código fechado de edição de imagens bidimensionais do tipo raster integrante do pacote Adobe Creative Cloud, desenvolvido pela Adobe Systems.

És que é encontrado no NDIHR da UFPB algo que conseguiu dar mais um passo em entender o caso. Um dos primeiros exemplares do Jornal QO.

Figura 4 - Edição Nº 4 Jornal QO - 1980



Fonte: Hemeroteca NDIHR (2024)

A edição número 4 encontrada é da semana de 14 a 21 de maio de 1980 e é identificando como “Jornal-laboratório do Estágio em Jornalismo da UFPB”. Esse é o artefato histórico mais antigo encontrado por essa pesquisa do Jornal QO, trazendo para 1980 sua publicação, mas corroborando o status de estágio para conclusão do curso e dentro do período curricular em que a turma de 1977 tinha para conclusão do curso.

Ou seja, o Jornal QO pode não ter sido o primeiro jornal-laboratório do curso, mas sua primeira edição se encontra no primeiro semestre de 1980. Assim a pesquisa encontra que o ensino de jornalismo laboratorial da UFPB tem seu início em 1978, na disciplina de Jornalismo Impresso do curso de Comunicação Social Habilitação em Jornalismo, e o Jornal QO, enquanto do nome “Questão de Ordem” tem sua primeira publicação em 1980 como jornal-laboratório para estágio em jornalismo.

Foram formados 20 jornalistas e, para o professor Carmélio, o Jornal QO deu uma resposta às críticas que os profissionais de campo tinham sobre os professores que o reitor Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque da UFPB, entre 1976 e 1980, tinha contratado de várias regiões do país para expandir os cursos, entre eles a da criação do curso de Comunicação Social.

Foi graças a essa primeira turma que o conceito nas redações sobre o pessoal formado na UFPB mudou, porque eles levaram conhecimento que o pessoal das redações normalmente não tinha. Eu dizia para eles que uma coisa é você chegar lá e o cara dizer “faça isso, faça aquilo” e você faz, mas você formado na academia você tinha

noção de todo processo. A sua dificuldade de adaptar a rotina era de duas ou três semanas, depois você está fazendo bem (Carmélio Reynaldo, 2023)

E o nome Questão de Ordem? O nome vai causou interpretações distintas sobre a origem, mas é a possibilidade de conversar com o docente que primeiro o pensou que nos ajuda a compreender o sentido inicial.

[...] é uma expressão muito usada dentro do movimento estudantil. E outra coisa é que nossa intenção, porque você imagina o seguinte, estava no final da ditadura, então a nossa intenção era ser um contraponto, uma questão de ordem, uma intervenção no discurso hegemônico da imprensa. Daí o nome de, quer dizer, a gente quer fazer uma interferência no discurso de vocês estão fazendo. E aí ficou nome, ‘Questão de Ordem’. (Carmélio Reynaldo, 2023)

A interpretação anos depois não foi a mesma quando outro professor assumiu a condução da disciplina em 2008. “Eu achei um nome horrível, que era um nome para mim que me remetia uma coisa da ditadura militar, ordem e progresso, questão de ordem, parecia uma coisa militar, então [...] Eu questioneei se podia mudar o nome, e não podia mudar o nome.” (Entrevista Professor Thiago Soares, APÊNDICE B4)

Essa busca do marco inicial já revela indícios da não estruturação sistemática das produções jornalísticas feitas na UFPB. Tais indícios se somarão a outros no decorrer desse resgate histórico. Pode se então compreender que, na natureza experimental dos jornais laboratórios abrem margem a um não compromisso com identidades gráficas, com mudanças ocorrendo muito significativamente com as trocas de docentes.

3.2 Primeiras edições, primeiras polêmicas

Somados os vinte formandos de 1980, foram 151 que receberam o diploma de jornalismo até o segundo semestre de 1984 dos mais de 639 estudantes que entraram no curso. Foi na virada do ano de 1984 e 1985 que foram encontradas no NDIHR mais algumas edições do Jornal QO. Antes de tratar desses achados, é importante destacar esse período essa falta de registros.

Ao buscar informações sobre essa época, o professor Carmélio destaca sua atuação em alguns anos, entre 1981 e 1983, em que atuou “sozinho” na disciplina, até que ao ir para o radiojornalismo, a coordenação da disciplina teria colaborações do professor Alarico Correa Neto²¹ e do professor Jose David Campos Fernandes²², mais conhecido como professor David.

[...] essa disciplina ela envolvia você ter conhecimento da parte de artes gráficas e da parte da redacional mesmo. E nesse caso, David tinha conhecimento da parte de artes gráficas e Alarico que não tinha. Eu tinha por que antes de entrar para a universidade, eu fui editor de cultura do jornal O Norte, e como meu horário, era difícil de encontrar um diagramador disponível, aprendi a diagramar. Então eu fazia a edição e

²¹ Professor aposentado da UFPB, <https://www.facebook.com/alarico.correianeto>

²² Professor aposentado da UFPB e ex-Diretor do CCTA UFPB, <http://lattes.cnpq.br/0834759597666609>

diagramava. Tive condições de ensinar as 2 coisas quando assumi jornalismo impresso. (Carmélio Reynaldo, 2023)

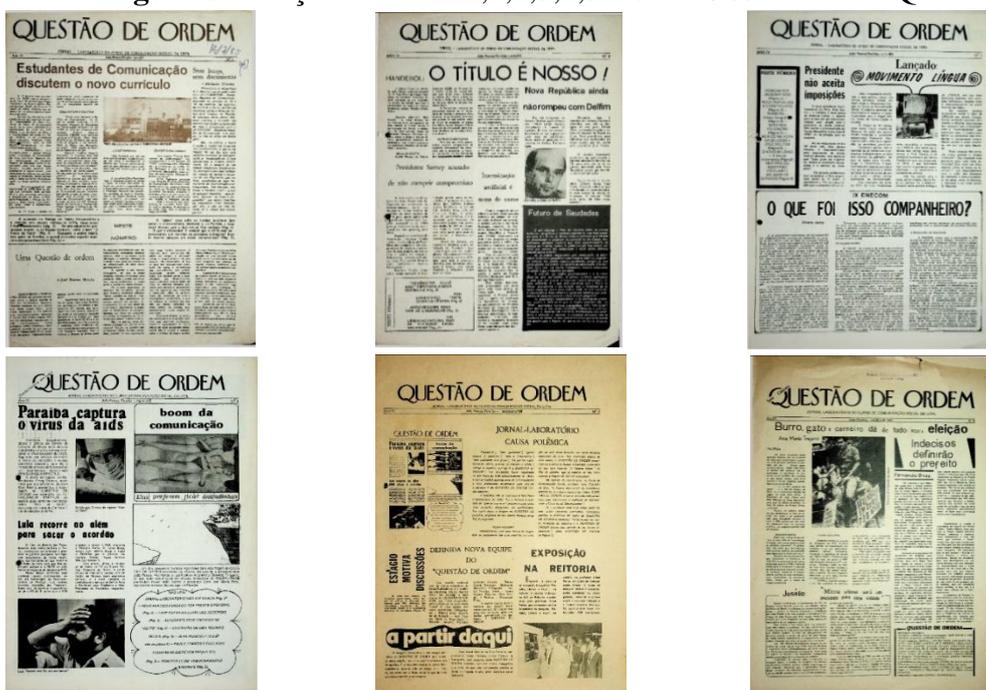
Um dos indícios que dificulta a coleta de informações mais precisas são a falta desses materiais, um dos fortes indícios do problema de registro e conservação da memória. Todavia, através dos jornais é possível afinar que é nesse período que temos uma transição do currículo de 1977 para uma nova versão de 1985. Enquanto isso surgem edições com estilos diferentes, dentro espectro do *hardnews*. Foram encontradas 7 edições na hemeroteca do NDHIR e digitalizadas para a pesquisa. Abaixo as capas, com destaque para o expediente do “Ano III número 1”. Não se encontra menção de ser um estágio como na edição de 1980, o que muda a concepção do Jornal QO nesse período.

Figura 5 - Capa e expediente Jornal QO - ano III nº 1-



Fonte: Hemeroteca NDHIR (2024)

Figura 6 - Edições ano IV nº,1,2,3,4,5 e 6 de 1985 do Jonral QO



Fonte: Hemeroteca NDHIR (2024)

É possível ver nos exemplares pelas capas, assuntos do cotidiano, opiniões e uma edição humorística. Esta edição humorística será mais comentada a frente. Observando os expedientes, pela mudança dos nomes e as datas das edições, entre dezembro de 1984 a outubro de 1985, foram duas turmas que estiveram à frente das edições.

Ao conversar com o professor Alarico sobre esse período que coordenou o Jornal QO, ele conta o estilo que ele conduzia, com uma linha que ia do *hardnews* a algo mais humorístico, que gerou uma grande crise com os profissionais da comunicação na época, a famigerada edição número 4 do ano IV de agosto de 1985, quando se criou notícias e manchetes com tons provocativos e de sátiras a figuras públicas e a própria universidade, como “Paraíba captura o vírus da aids” em pleno anos 1980.

Alarico: [...] nesse Questão de Ordem causou essa polêmica todinha [edição de 04 de 1985], motivou até que eu e David, nós fôssemos chamados à reitoria prestar contas nesse jornal e houve uma ameaça de a gente ser demitido por causa desse jornal. [...] Eu acho que coincidiu também com o pessoal que estava saindo daqui, entrando no mercado de trabalho. Acho que houve essa integração a partir daí, que acabou aquela celeuma que existia, a queimação de um lado contra outro. Você pega aqui essa reportagem no [Jornal] Momento, tem muita gente caiu de pau em cima, aqui mesmo, na próxima edição, no jornal número 6 [a repercussão foi no número 5 de 1985] teve muita gente a favor. Teve um aluno que disse que na “sala preta” [apelido de uma das salas do CCHLA, a época, que era usada pelo curso] que quando leu o jornal quase teve um orgasmo. Eu acho que valeu a experiência, pode não ter sido positivo ali em alguns aspectos, mas eu acho que vendeu o produto. Eu acho que talvez foi um marketing. É o marketing tem essas coisas, a coisa certa dá certo, mas eu acho que esse aqui deu certo, no sentido de despertar o interesse pelo jornal-laboratório. [...] Pode ter sido exagerado, mas é o que eles queriam fazer então foi feito por brincadeira, uma vez. Pega o jornal você vai entender, tudo não era notícia, era gozação com as notícias. [...] muito na linha do Pasquim, que eu acho até exagerou mais que o Pasquim. Mas repercutiu, é tanto que, eu estava vendo aqui, foi a única edição que esgotou, tudo mundo queria essa edição. (Alarico Correia Neto e Carmélio Reynaldo, 2024)

Figura 7 - Capa edições nº4 e nº5 do Jornal QO (extremidades) e capa do jornal O Momento edição 13 a 19/10/1985 (centro)



Fonte: Jornais do professor Alarico Correia Neto, doado à pesquisa (2024)

Um dos indícios que pode se levantar desse fato é que o Jornal QO, ao pautar a mídia local em um experimento de uma de suas edições, causou um tensionamento nas relações com a mídia tradicional. Mesmo com mais de 150 jornalistas formados desde 1980, as noções de cada docente sobre uma mesma ferramenta pedagógica diferem muito. Enquanto o professor Carmélio imprimiu, por necessidade do estágio, um estilo mais tradicional, que emulasse o padrão do mercado e criasse uma aceitação dos egressos na comunicação paraibana; o professor Alarico coordenava o Jornal QO, junto ao professor David, em um formato de experimentação, mesmo colocando em risco os cargos, mas criando um impacto que mostrou o jornal-laboratório da UFPB para a comunidade, indo além das fronteiras da universidade.

A diferença de estilos de condução é nítida nas falas dos professores:

Alarico: Todo mundo tem o direito de aprovar ou não aprovar, e não foi feito para aprovação total, essa que era a intenção dele, de sondar qual é a opinião que esse tinha. A minha era de colocar em pauta um produto feito pelos alunos que eles mesmos criaram. Certamente ele não poderia até sair daqui para trabalhar no Pasquim, mas a intenção não era fazer um jornal igual que já tinha em João Pessoa na produção comercial, era fazer um jornal realmente servisse como um laboratório, e funcionou. (Alarico Correia Neto e Carmélio Reynaldo, 2024)

Carmélio: A minha posição era o seguinte, tinha que formar o pessoal para o mercado. [...] Minha preocupação sempre foi essa, assimilar a rotina de produção do jornal. Ou seja, a gente tem a reunião de pauta, dia tal, depois é cumprir as pautas, preparava o jornal, diagramado, levava para gráfica. Tudo isso dentro de um cronograma rígido, que era geralmente o motivo dos meus conflitos com os alunos, porque o aluno quer levar naquele ritmo de entregar um trabalho escolar qualquer. [...] E a minha cobrança, às vezes também levava a, digamos assim, a um mal-entendido. [...] Uma coisa que eu discordo da proposta de Alarico, porque exigiu também a responsabilidade com a verdade, entendendo a responsabilidade com os fatos, você ser fiel aos fatos. Esse aqui dava margem à criatividade [mostra o Jornal QO polêmico de 1985]. Tem uma coisa assim também, que o pessoal pedia “Ah, eu quero publicar um poema também”. Eu digo, “poema? O poema lá no curso de literatura”, é jornalismo, a gente não tem espaço para botar uma crônica ou um poema, a não ser que a sua crônica seja sobre um fato que está acontecendo. (Alarico Correia Neto e Carmélio Reynaldo, 2024)

As diferenças de estilos também conviviam com uma rotina de produção que era incerta. A falta de periodicidade, já apontada em outros casos de jornais-laboratórios no trabalho de Lopes (1989), se repetiu na UFPB. O Jornal QO teve uma edição em março/abril de 1986, com um suplemento de cultura, que na própria capa surgia como justificativa do atraso da edição a dificuldade em imprimir. No mesmo mês de abril de 1986 surgia o ESFERA GRÁFICA, criando uma outra descontinuidade de publicações.

É nesse período de 1980 a 1986 que são destacados elementos de produção com fotolito, com uso da “letra 7” e a diagramação com folha milimetrada. As edições que tinham números de exemplares limitados e muita negociação com a gráfica da UFPB para impressão, mesmo sendo algo do currículo do curso. Essas negociações são algo que desde 1980 até o presente

momento fazem parte da rotina do Jornal QO, um indício de sua desvalorização pedagógica frente aos investimentos da UFPB.

Figura 8 - Parte capa ano V nº1 Jornal QO 1986 e suplemento de cultura da mesma edição



Fonte: Hemeroteca NDHIR (2024)

3.3 Um salto no tempo

Entre 1986 até em alguma data perto de 1989 o Jornal QO passou por mudanças de nome, como destacado na edição do ESFERA GRAPHICA de 1986. A pesquisa encontrou uma edição de 1989, com o professor David Fernandes creditado como responsável, mas com colaboração de um grupo de professores. Entre 1990 e 1995 o professor Carmélio volta a conduzir o Jornal QO. Infelizmente os materiais produzidos nessa época, que eram da guarda pessoal do professor Carmélio, ao serem doados foram perdidos, como ele destaca.

Carmélio: Eu lamento muito porque é foi criado no DECOM, antigamente departamento de comunicação que hoje é DEJOR, que separou, foi criado um setor de documentação, o SEDOC e eu doeie toda a minha coleção do Questão de Ordem de todos, de quando eu fui orientador, eu doeie para lá. E depois [o SEDOC] foi desmontado e eu não sei onde foi parar esse acervo. (Alarico Correia Neto e Carmélio Reynaldo, 2024)

A perda da memória da produção de um jornal-laboratório pode não ser valorizada quando se pensa que uma produção inicial é mero exercício acadêmico, como uma prova escolar que após corrigida, salvo as determinações legais, são descartadas sem muito apreço.

O valor da memória de produções do passado é relativo, mas quando se trata de um registro temporal das atividades jornalísticas, onde se busca a experimentação com critérios de prática das teorias aprendidas e, de certa forma, emular estruturas profissionais na produção, se perde um ambiente de análise real da formação profissional do curso.

A perda de material revela o fenômeno da não valorização da comunidade em ver suas produções como um valor formativo crítico para o meio que atua. Há uma contradição em se pesquisar e formar conhecimento teórico analisando, com base em materiais do mercado muitas vezes do eixo Rio-São Paulo, e, por mais que existam uma quantidade boa de material de

pesquisa, o jornalismo regional. Não há na Paraíba sequer um Museu da Imprensa local, somente do Museu do Rádio²³.

Em 1990 o Jornal QO passou a ser impresso na gráfica do jornal Correio da Paraíba devido à colaboração que o professor Carmélio conseguiu por estar como *ombudsman*. Ele era entregue no sábado, junto com a coluna do professor e rodando na segunda feira em formato tabloide. A pesquisa não encontrou nenhuma edição desse período.

Todavia, além das escolhas de produção que já mudavam com o uso de novas tecnologias, outros fatores também desafiavam a condução dos docentes com a produção. O professor Carmélio relata uma interferência necessária de uma edição antes que a mesma fosse impressa por um erro na apuração.

Carmélio: Ia sair o erro que eu combatia como *ombudsman*, que foi o seguinte. O tomógrafo do Hospital Universitário estava quebrado, e as pessoas iam fazer tomografia eram encaminhadas para clínicas particulares. [...] Que receberiam do SUS invés do hospital universitário receber no SUS. Então nós fizemos. Era a primeira página, a primeira página com a manchete gigante e tal, e tinha entrevista com uma funcionária do hospital universitário, que de certa forma concordava com isso, e tinha também uma pessoa do sindicato dos servidores que, de certa forma também corroborava com essa versão que era dada. Eu deixava os originais do jornal do sábado e Bené [da gráfica] me entregava na segunda. Fui para casa, peguei o exemplar do Correio da Paraíba. Quando comecei a ler, tinha uma notícia lá falando que é dentro de um mês, mais ou menos chegaria à peça para consertar o tomógrafo. Aí eu disse “epa”, aí fui reler a matéria [do Jornal QO], [...] a aluna construiu de tal forma que dava a impressão, numa leitura superficial sem você saber que o tomógrafo estava quebrado. Aí eu corri 3 horas da tarde lá para o jornal para pedir para Bené para suspender a impressão do jornal. “rode não Bené” e teve que refazer a primeira página todinha. Levei na segunda-feira, jornal só saiu na quarta. Foi uma situação, porque era justamente o tipo de jornalismo que eu criticava, o jornal que eu orientava ia fazer. (Alarico Correia Neto e Carmélio Reynaldo, 2024)

A responsabilidade e experiência do docente para não deixar passar informações enviesadas, e frutos de uma apuração não tão profunda, é importante. Diminuir o risco que os jovens jornalistas, na criação de suas primeiras matérias, têm ao não ter plena experiência e tratar de assuntos “quentes”.

Mais uma vez, entre 1995 e 1997, não encontramos edições, só a do final de 1998 onde temos um exemplar com papel *offset* já com a coordenação do professor Edônio Alves²⁴. Ele assumiu a disciplina em duas fases, uma após a saída do professor Carmélio, no final de 1995 até 2007 e depois entre 2011 e 2016. O professor Edônio Alves tem uma característica importante tanto para a história do Jornal QO como para compreender melhor a função do jornal-laboratório em dois currículos e dois contextos diferentes, um no modelo sem a

²³ Inauguração do museu do rádio paraibano <https://paraiba.pb.gov.br/noticias/joao-azevedo-inaugura-museu-do-radio-paraibano-e-destaca-investimentos-do-governo-do-estado-na-preservacao-da-historia>

²⁴ Professor da UFPB, <http://lattes.cnpq.br/1109531166719736>

possibilidade de estágio, antes da reforma de 2013, e pós-reforma de 2013, que permitiu o estágio em empresas de comunicação. Além de ser um em Comunicação Social e o outro período como Jornalismo. Essa discussão será abordada mais à frente na sua segunda passagem pela disciplina.

Os jornais que tivemos acesso e digitalizamos foi a edição 09 de setembro de 1998 e a edição 11 de fevereiro de 1999. Todas em *offset*, impressas pela Editora Universitária, que substituiu a Gráfica Universitária dando mais ênfase na edição de livros. Com isso, o estilo de diagramação foi se aproximando mais a uma revista que de um jornal, saindo do padrão tabloide e do papel jornal.

Figura 9 - Capas das edições nº1 agosto de 1989, nº9 setembro de 1998 e nº11 fevereiro de 1999



Fonte: Hemeroteca NDHIR (2024)

3.4 Um estranho no ninho

Em 2007 para 2008 houve um concurso para a vaga que iria trabalhar a disciplina de Jornalismo Impresso. O professor Thiago Soares²⁵, cuja formação e histórico era da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), traz consigo uma abordagem própria do que seria o Jornal QO.

[...] talvez tenha mudado um pouco a cara do jornal para sair de um viés de jornalismo assim, *hardnews*, e entrar numa outra esfera que eu achava de repente, talvez até um pouco para quebrar com essa dureza assim do nome, Questão de Ordem. [...] solicitava várias vezes a chefe do departamento e não era atendido, não havia verba, sempre tinha um pouco um argumento nesse sentido. [...] os alunos começaram a gostar e imprimiram, mas com os próprios recursos. (Thiago Soares, 2024)

²⁵ Professor da UFPE, <http://lattes.cnpq.br/8404228786481624>

A resistência encontrada não esmoreceu a vontade de criar produtos nascidos das práticas dos discentes. É nesse contexto que a edição temática de 2008, impresso com recursos dos discentes, foi inscrito e premiado no EXPOCOM de 2009, o único em todo período pesquisado, na categoria J09 - jornal impresso, e não na J03 - jornal laboratório impresso.

O professor Carmélio alegou, em entrevista, que o fato de o Jornal QO nunca ter ganhado tal prêmio, foi por não existir interferência dos docentes no processo de produção das notícias, na sequência da fala dele, foi lembrado desse prêmio concedido em uma proposta de linha editorial distinta do que praticava.

O professor Thiago Soares, ao contrário da linha *hardnews* mantida até a época, com algumas experimentações no humor, adotou o jornalismo cultural de sua formação profissional, com abertura para os variados gêneros literários, como sua forma de condução.

Surge, dessa forma, a primeira experiência, encontrada por essa pesquisa, de tematização das publicações, seguindo uma linha já iniciada anteriormente de diagramação voltada ao modelo de revista, mas agora abraçando-o de vez, com papel fotográfico de poucas tiragens, impressos em gráfica privadas e com recursos próprios.

São claros os indícios da mudança de linha editorial, da experimentação do laboratório, com uma visão “de fora” sobre a prática da ferramenta pedagógica.

[...] trabalhava com crônica, trabalhava com entrevista pingue-pongue, trabalhava com reportagem, então esses múltiplos gêneros textuais também eram contemplados. Eu usava isso justamente para explorar uma coisa que eu notava no curso, que era uma ausência de textos até mais literários, crônicas. Eu vinha do campo do jornalismo cultural, então eu quis também um pouco trazer esse debate também para o campo do jornalismo cultural. Então, essa formatação de múltiplos gêneros textuais era algo que também eu quis implantar (Thiago Soares, 2024)

O questionamento sobre o afastamento das visões de *hardnews*, o aceitar estruturas literárias fora do espectro visível da tradição jornalística, serviu como exercício da inovação proposta ou o afastamento dos critérios de formação profissional? Nesse contexto ainda não está em vigência a ementa com a possibilidade de revista na produção impressa, sendo de total liberdade do docente conduzir a ferramenta pedagógica para essa linha.

A experimentação, além do êxito no EXPOCOM, se manteve por curto período, até 2011. A pesquisa conseguiu acesso e digitalizou para a criação do acervo da memória do Jornal QO 5 edições, duas de 2008 e três de 2010.

Figura 10 – Capas das edições dezembro de 2008 e edição Dossiê Reforma Ortográfica de 2008 (premiada Expocom 2009)



Fonte: Arquivo pessoal do estudante egresso Allysson Viana Martins²⁶

Figura 11 - Capas das edições setembro de 2010, outubro 2010 (Rachel de Queiroz 100 anos) , edição especial de setembro 2010 (Euclides, A Obra, O Homem, A Vida)



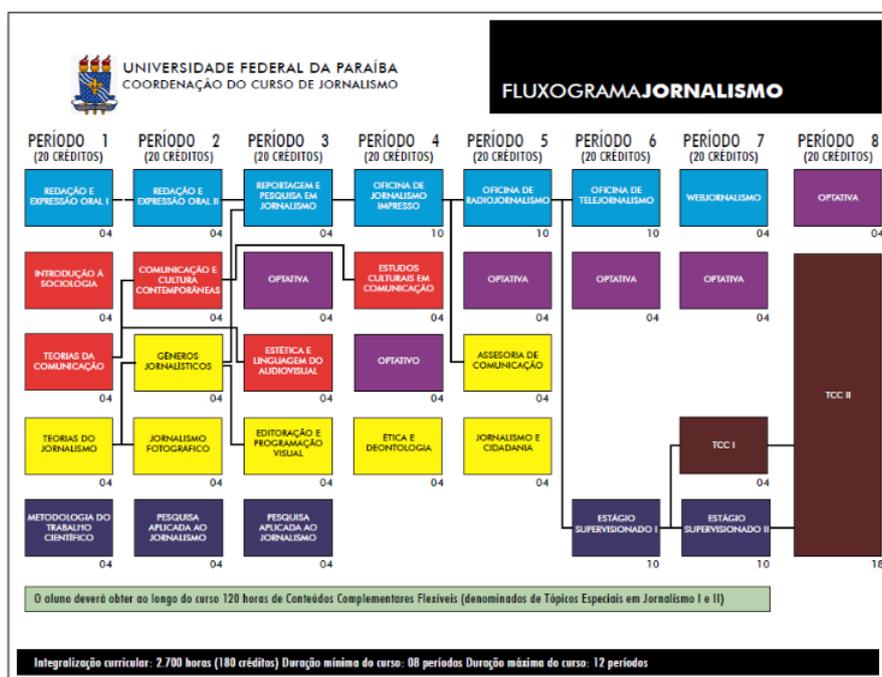
Fonte: Arquivo pessoal do Professor Carlos Azevedo (2024)

3.5 Um jornal como um jornal

Em 2011 o professor Edônio Alves volta de seu doutorado e reassume a condução do Jornal QO. O nome “Questão de Ordem” foi o único fator de continuidade do jornal-laboratório. Toda estrutura da disciplina mudou, passando a se chamar Oficina de Jornalismo Impresso. Iniciava o curso de Bacharelado em Jornalismo, não mais ligado à Comunicação Social, com seu currículo aprovado em 2011. A nova disciplina tinha parte da sua carga horária original distribuída para uma disciplina anterior de Editoração e Programação Visual e se tornava um pré-requisito para as oficinas de Radiojornalismo e, por seguinte, Telejornalismo.

²⁶ Egresso do curso de Comunicação Social Habilitação em Jornalismo, <http://lattes.cnpq.br/4680709999113101>

Figura 12 - Matriz Curricular de jornalismo, 2010



Fonte: Projeto Político Pedagógico do Curso de Jornalismo, UFPB (2010)

Além disso, se recriava a parceria com o jornal A União, usando o parque gráfico dele para impressão do jornal. Somado a isso, o professor Edônio Alves contou com a ajuda de um colega que conheceu no doutorado e estava como servidor na UFPB para ajudar na diagramação. Foi possível fazer um jornal em formato Standard (Berliner) com 16 páginas e entre 2011 e 2016 foram publicados, pela primeira vez também em formato digital no site issuu.com, 19 edições do Jornal QO. Até o momento é o período com o maior volume em arquivos digitais.

A existência desses jornais permite, em rápida análise, verificar as mudanças durante fatos nacionais que tiveram impacto no cotidiano da universidade. Os impactos do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), da criação do Centro de Comunicação Turismo e Artes (CCTA), onde o DECOM passou a fazer parte. A criação do DEJOR, com os docentes de jornalismo indo para uma estrutura departamental própria, consolidando o afastamento que o próprio curso de Jornalismo criou ao sair do conceito do curso de Comunicação Social, na lei de cotas e outros conteúdos que podem ser analisados como registro histórico e da produção profissional em jornalismo do curso. Encontrar esses indícios reforçam o valor do jornal-laboratório na memória do ensino em jornalismo.

Figura 13 - Capas Jornal QO edições 21 a 30/Nov 2011, 9 a 16/Set 2013 e 15 a 21/Jun 2016



Fonte: Extraído de <https://issuu.com/jornalqo> (2024)

A criação do CCTA trouxe uma expansão dos ambientes de produção. A disciplina agora teria uma sala laboratório que, com o tempo, foi informatizada com computadores que davam apoio na produção. É também dessa época a implantação do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) como um ambiente onde as atividades burocráticas estariam informatizadas. É nesse contexto que desde a turma 2013.2 temos os registros das ementas, planos de aula, quantidade de alunos matriculados e demais outros dados com possibilidades mais facilitadas de registro e acesso.

Sobre a mudança na linha editorial, é reencontrado conceitos de formação mais tradicionais do *hardnews* e numa abrangência, novamente, delimitada à universidade. A estruturação dos gêneros tradicionais do jornalismo evoca uma busca na aproximação da produção da época à formação de mão de obra qualificada ao mercado.

[...] a minha ideia de linha editorial era focada no seguinte: primeiro, cobertura do espaço da comunidade acadêmica, apenas. [...] Por que isso? Primeiro é, isso facilita ao aluno. Ele já está dentro da comunidade, a sua mobilidade para trabalhar, para fazer as coisas. Segundo, é menos custoso. Porque se a gente estivesse cobrindo, por exemplo, a cidade, isso demandaria equipamentos, carro é gastos a mais. [...] O processo jornalístico, digamos assim, profissional, ele tem um timing muito rigoroso. Então você tem o *deadline*, [...] Só que a gente tem que entender que a gente está num processo laboratorial, o aluno não tá pronto ainda para responder essas questões de um nível profissional. É então claro que atrasava, atrasava por questões do aluno, por questões também da própria universidade de funcionamento das coisas, [...] eu não contemporizava com o atraso, entendeu, para mim teria que estar, se não a pessoa perder, “xau”, vamos, alguém vai fazer o trabalho dele, mas teria que está feito naquele momento, por que a gente tem o cronograma. (Edônio Alves, 2023)

Todavia, é justo este mercado profissional que em 2013 recebe a possibilidade de obter estagiários para completar suas necessidades de pessoal e ensino de técnica aos estudantes, em troca de bolsa e experiência em suas rotinas de produção, com possibilidades de aproveitamento ou não dos que por lá passarem. Isso é percebido já nesse primeiro momento pelo professor Edônio Alves.

[...] num segundo momento, que é o que você pergunta, a gente tinha as duas realidades para o aluno. Ele fazia jornalismo já no espaço laboratorial ou ele conseguiu um estágio numa empresa. Essas duas questões, essas duas práticas são diferentes entre si. Porque quando o aluno está estagiando, ele está submetido a uma lógica mercadológica total, portanto, é empresarial. Quando ele está fazendo jornalismo ainda na universidade, ele faz isso também, mas ainda ligado a uma série de questões acadêmicas. O acompanhamento acadêmico é diferente. Por isso que o professor da disciplina, ele é o orientador da disciplina, o nome lá, técnico, porque ele continua orientando o aluno e tal. Então há uma diferença do ponto de vista da aquisição, da experiência jornalística, entre você está fazendo estágio ou você está fazendo o Jornal Questão de Ordem. Pessoalmente, acho que o estágio ele deveria ser melhor regulamentado. Ele só poderia existir muito depois da prática efetiva do laboratório. Aí sim o aluno poderia estar já, já seria um segundo momento em que ele já tem todo um conhecimento prático já adquirido, e lá ele vai só se adaptar à questão mesmo da empresa. Mas é mais ou menos isso, são duas instâncias diferentes. (Edônio Alves, 2023)

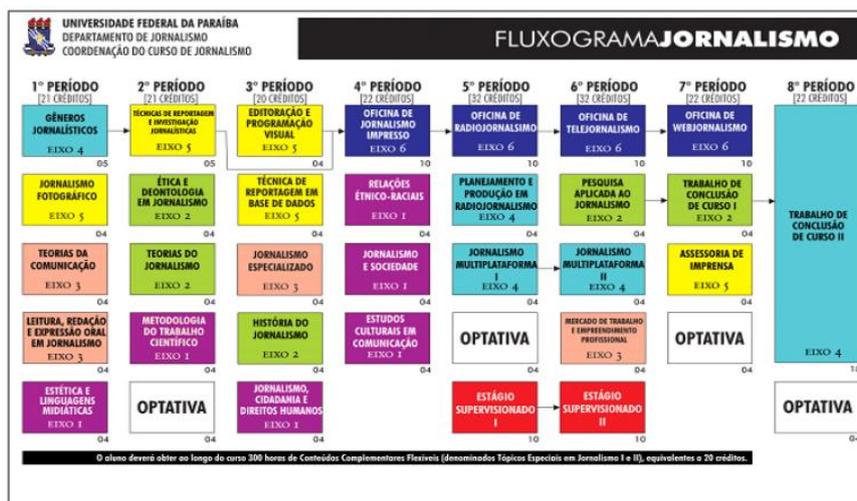
O jornal-laboratório, que na UFPB, teve sua fase de ser, além de uma ferramenta pedagógica de formação profissional e de experimentação um dos meios de estágio para formação, em 2013, com os estágios em empresas de comunicação, foi perdendo sua relevância nesse quesito. Esse indício de mudança de status impacta no termo de formação profissional? Que formação profissional a universidade pode dar em comparação ao ambiente efetivamente profissional pode entregar? Essa discussão vai se tornar mais crítica conforme o jornalismo impresso, na tinta e papel, perde espaço no mercado profissional. Mas isso são impactos que podem ser vistos na próxima fase.

3.6 Mudanças e crises do que ser

A modernidade chegou ao jornal-laboratório, mas seus impactos foram lidos de forma divergente em nova mudança. Em 2016 o curso teve um novo currículo aprovado, que essencialmente não impactou a essência da estrutura da Oficina de Jornalismo Impresso já em execução, mas a chegada de um novo professor para assumir a disciplina trouxe outra visão na condução das produções.

O professor Carlos Azevedo buscou alterar totalmente a abordagem feita até o momento. Ao resgatar uma abordagem temática, buscou romper com os manuais de redação e mesclar uma visão de jornalismo comunitário com a prática experimental fora do Campus universitário

Figura 14 - Matriz curricular de jornalismo - 2016



Fonte: Projeto Político Pedagógico do Curso de Jornalismo, UFPB (2010)

. O Jornal QO passou a não limitar a abrangência dentro da universidade, mas delimitar-se por bairros da cidade, não da busca da notícia, mas essencialmente na criação de reportagens, crônicas e entrevistas.

A única coisa que não mudou foi o nome. Mas assim, quando eu entrei, a recomendação é que a gente não tirasse o aluno de dentro da universidade e que para o aluno era perigoso estar nas ruas, com os estudantes e tal. E a primeira coisa que eu fiz foi tirar o aluno de dentro dos muros da universidade. Porque era um jornal sobre o campus universitário. Era não era um *house-organ*, mas era um jornal que refletia as precariedades da universidade pública, os diversos contextos. [...] tive a ideia de fazer o bairro da cidade. [...] bairros nobres, mais nos periféricos, bairros classe média. Isso trouxe a outros estudantes um contato maior com a realidade, um contato maior é com a prática real. Mesmo entrevistando pessoas, elevando “não”, pegando em cachorro, cachorro querendo pegar você, levando chuva e levando Sol. Então foi essa minha contribuição também de trazer o jornal comunitário muito ancorado na tradição do jornalismo literário. (Carlos Azevedo, 2023)

. O professor Carlos buscou apresentar o trabalho realizado em publicação científica no artigo publicado em 2018 onde define o estilo trouxe ao Jornal QO.

O jornal Questão de Ordem possui um estilo literário com visão gráfica que transpassa o jornalismo impresso tradicional, realizado nas universidades brasileiras. Sua característica fundamental é o foco em um bairro da capital paraibana por edição, fazendo com que os alunos tenham contato com as tensões urbanas e sociais contemporâneas, e que as expressem para a população por meio da escrita. Os estudantes se debruçaram sobre o assunto para além do teor de serviço, envolvendo arte, culinária, segurança, representação e denúncia na realização das edições. (Azevedo filho e Cabral, 2018)

O rompimento com o *hardnews* e a valorização da produção com uma visão de ida aos lugares fora da universidade trouxeram desafios de produção e criação. O Jornal QO não tinha mais o apoio do diagramador do projeto anterior, o que fazia o processo depender do conhecimento prévio dos estudantes da disciplina de Editoração para a execução das

diagramações e de estudantes bolsistas que traziam o apoio técnico necessário para execução das atividades no laboratório.

O período que se inicia em agosto de 2016, trouxe a execução, em sua primeira turma, de 2 jornais de 16 páginas e uma revista, todos impressos. Contudo, conforme levantado em pesquisa anterior (Silva, 2021), a frequência de publicações em um semestre foi dois por edição nas duas primeiras turmas Edição Centro e Bancários, mesma turma 2016.1 e Edição Mangabeira e Castelo Branco; mesma turma 2016.2. Na Edição Torre, turma 2017.1 foi coordenada pela professora Sandra Regina Moura²⁷, durante uma licença do professor Carlos Azevedo, mas buscando seguir o mesmo projeto. A Edições Roger e Varadouro, foi a última numa mesma turma 2017.2. A dificuldade em manter bolsistas como assistentes para a manutenção dos projetos editoriais contribuiu para a falta de continuidade do ritmo de produção. É importante destacar que de 2016 até 2018, nenhuma versão digital ou em PDF foi mantida ou armazenada em algum site ou aplicação.

Figura 15 - Capas Jornal QO edições: n1 Centro 2016, n5 Torre 2017 e n7 Varadouro (com erro na capa ficou “varaouro”) 2018



Fonte: Scanner feito pela pesquisa (2024)

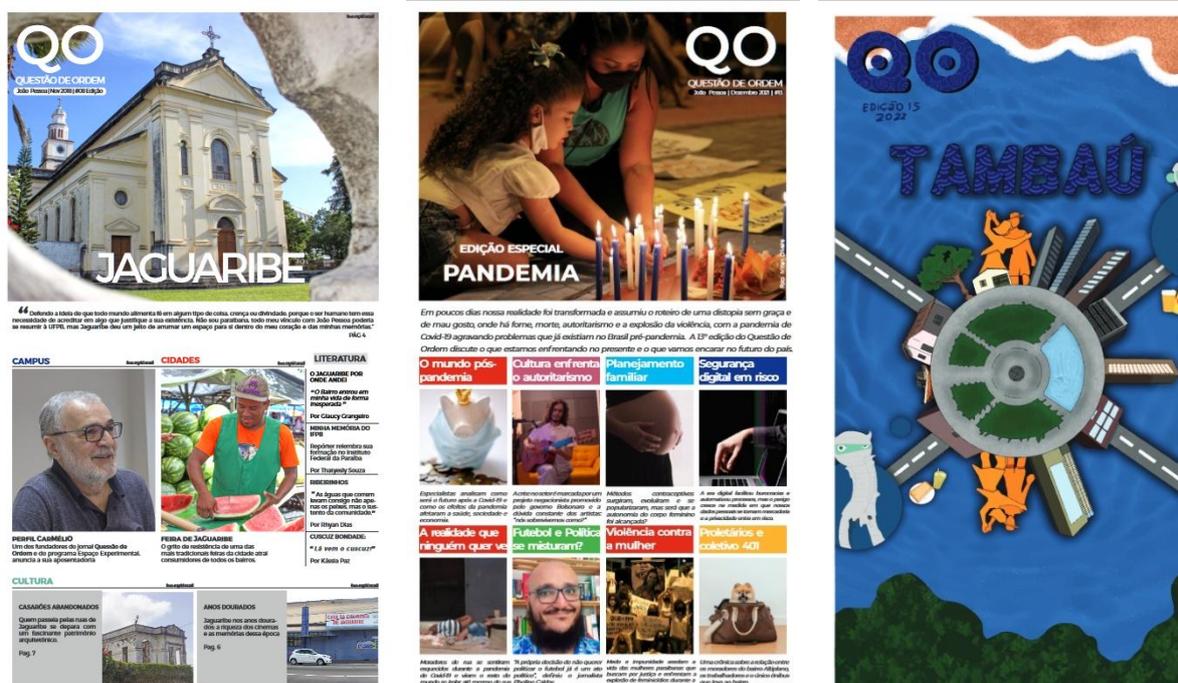
Em 2018, na oitava edição, bairro Jaguaribe da turma 2018.1, houve uma colaboração da diagramação feita pela turma de Editoração, mudando o projeto gráfico, após a perda do arquivo de diagramação anteriormente usado. A iniciativa de diagramação com a turma de outra disciplina não se manteve e a edição Miramar foi feita pela turma 2018.2. A turma 2019.1

²⁷ Professora da UFPB, <http://lattes.cnpq.br/3572174435607783>

não conseguiu diagramar o jornal, alegando, dentre outros motivos, uma formação prejudicada pela falta de docentes quanto eram estudantes da disciplina de Editoração, além disso, não tinha bolsista que poderia auxiliar na condução da disciplina. O bairro Cruz das Armas teve matérias enviadas ao docente para correção, mas não foram diagramadas em formato jornal. A turma 2019.2 teve a participação deste pesquisador enquanto bolsista e a Edição Cabo Branco foi feita, porém não impressa.

É nesta época que temos o início da pandemia da COVID-19, que impactou a produção de reportagens no modelo que se propunha. Bem como todas as atividades curriculares foram suspensas. As turmas 2020.2 e 2021.1 foram remotas e produziram duas edições especiais, sendo a segunda delas impressa.

Figura 16 - Capas Jornal QO edições n8 Jaguaribe 2018, n13 Pandemia2 2021 e n15 Tambaú



Fonte: PDFs adquiridos pela pesquisa (2024)

Tais edições especiais possuem uma linha editorial distinta da aplicada até o momento, com foco também em *hardnews* devida sua construção remota. A metodologia de trabalho, mesmo desafiadora, foi exitosa na criação dos produtos e foi objeto de publicação no Intercom (Silva, 2022). Mas voltas às aulas pós pandemia, houve novas alterações na diagramação, fruto da qualidade técnica da turma 2021.2 na Edição Penha e Seixas, com a impressão dessa edição. Já para 2022.1 a parceria com a gráfica da União precisou ser readequada e foi informado a dificuldade de licitação para impressão e a Edição Tambaú ficou restrita ao formato digital.

[...]a dificuldade de impressão ela constante porque a universidade tem um rito também de compra, um ritmo também próprio. E esse ritmo de licitação, do pregão, de resolução, de questões burocráticas, não bate com o jornalismo. Então às vezes a

gente está com a edição pronta, mas não tem o recurso lícitável, o recurso mesmo para imprimir. [...] Além de ensinar, de ir para a rua, de editar o jornal, eu sou uma pessoa que fica responsável de ir buscar lá na [gráfica do jornal] A União, de carregar o jornal nas costas para guardar de tentar resolver essa parte burocrática. Ultimamente está mais difícil a gente lidar com essa parte burocrática, mas acredito que ela é essencial também. A gente poder ver o jornal impresso, eu acho que é fantástico. (Carlos Azevedo, 2023)

Sobre a turma 2022.2 segue o relato no próximo capítulo, onde o processo de produção foi acompanhado. O Professor Carlos Azevedo destacou o impacto profissional que a fase de bairros causou na mídia local.

Tem um caso bem interessante em que o jornal A União é durante um período, eu acho que talvez até por uma influência de alunos que foram estagiar lá e já tinham passado pelo QO, ele fez uma série de matérias sobre os bairros também. Era curioso, tinha uma página só sobre os bairros de João Pessoa. Aí eu acho que é um caso bem interessante em que a academia consegue influir nos meios. E geralmente o movimento, é inverso. Aí você querendo reproduzir o que acontece nos meios e você tentando dar uma dinâmica do que acontece no mercado de trabalho. Mas nesse caso ficou interessante porque a gente viu o pessoal fazendo o que a gente fazia. Isso dava muito orgulho. O pessoal dizia “eita, professor, estão fazendo sobre o de Jaguaribe”. Então foi uma série que o jornal A União também fez (Carlos Azevedo, 2023)

A produção do Jornal QO e alguns elementos trazem indícios de sua atividade enquanto formação profissional estão presentes na sua história e serão apresentados como o fenômeno que busca responder a indagação sobre sua relevância.

3.7 Índícios e inferências das entrevistas

Foram feitas perguntas direcionadas para os docentes quanto ao processo de produção do Jornal QO com o intuito de verificar as mudanças e características que cada condução imprimiu em sua coordenação e liderança. Tais informações apontam para um melhor entendimento dos indícios, levantados no resgate histórico e nas perguntas (APÊNDICE A) sobre a relevância para formação profissional do jornalista formado na UFPB.

É importante destacar que o papel do docente não em nada menosprezado na pesquisa sobre os jornais-laboratórios. Como supracitado no primeiro capítulo dessa pesquisa, nas teses e dissertações sobre jornais-laboratórios há o uso massivo de entrevistas e, de forma mais direta, as intervenções didáticas do professor-editor à produção escrita do aluno-jornalista é título do trabalho de Oliveira (2010). Diante disso, não é objeto desse estudo entrar nessa investigação mais específica, mas trazer das entrevistas os conceitos e métodos de trabalho que nortearam ao longo do tempo suas atividades.

Contudo, por mais que existisse o esforço na objetividade dos questionamentos, as repostas dos docentes são distintas tanto quanto a forma como na mescla de informações. Isso dá um caráter menos quantitativo ou de análise de conteúdo de suas repostas, mas não sendo

de descarte quando ao modelo indiciado de estudo de caso (Braga, 2008, p.84), relacionando-os na busca por inferências sobre o Jornal QO a partir do contexto social da formação profissional. Segue então os conjuntos de indícios e inferências com base nas entrevistas.

3.6.1 Sobre o conceito de jornal-laboratório, seu papel na formação profissional e estrutura de produção do Jornal QO.

A compreensão que os docentes possuem sobre o jornal-laboratório permeiam a visão laboratorial de experimentação e formação técnica na área. Isso se dá mais claramente nas respostas voltadas a esses questionamentos.

Quadro 2 – Respostas sobre o que seria o Jornal-laboratório

Docente	Respostas
Carmélio Reynaldo	[...] uma situação era um estágio da formação do jornalista que dava confiança ao jornalista que a gente estava formando, que ele poderia fazer jornalismo. [...] A gente nunca se colocou a serviço da assessoria de comunicação da universidade. [...] tinha que formar o pessoal para o mercado. [...] não era fazer experimentação propriamente, era tentar fazer o pessoal vivenciar a prática jornalística.
Alarico Correia Neto	[...] o professor tinha que trabalhar justamente nessa área de jornalismo impresso para mostrar como se faz um jornal. Todas as etapas do jornal na preparação da reportagem, como elaborar a reportagem, a questão técnica da elaboração da reportagem, depois da redação [...] a intenção não era fazer um jornal igual que já tinha em João Pessoa na produção comercial, era fazer um jornal realmente servisse como um laboratório.
Professor Thiago Soares,	A gente, na verdade, adotava na disciplina um sistema de reprodução do modelo das redações, das rotinas produtivas das redações [...] o jornal-laboratório, ele é um elemento importante, mesmo que não seja impresso, mas assim digital e tentando espraído nas redes, eu acho que ele é um ele é um veículo importante assim para o ensino e aprendizagem
Edônio Alves	[...] em qualquer área, mas no caso específico da área de comunicação, a gente precisa ter um espaço acadêmico de prática, não ficar só na teoria, e os laboratórios eles entram como esse espaço da prática, daquilo que é estudado teoricamente em sala de aula. Então, para mim, o jornal-laboratório, ele é o primeiro momento mais objetivo e direto em que o aluno começa a praticar realmente, efetivamente, jornalismo dentro da universidade
Carlos Azevedo	[...] ele tem a confecção de um produto e esse produto, no caso, pode ser também o digital ou impresso. No caso, a gente vende a tradição de sempre tentar manter o impresso, porque o impresso tem uma certa tradição, tem um certo prestígio ainda na sociedade. Então eu acho que o laboratório eu definiria como local de experimentação. Em que o estudante fosse capaz de experimentar linguagem e possibilidades também de errar. Coisa que no mercado não se permite. No mercado você tem que acertar. Aqui você pode errar, aprender com os erros também.

Fonte: Entrevistas da pesquisa Apêndice B

Existe uma clara diferença entre alguns conceitos sobre o jornal-laboratório, hora visões que buscam reproduzir as rotinas do mercado de trabalho ou compor um ambiente de experimentação das práticas, de forma mais leve, em comparação com o mercado de trabalho. Contudo, um indício forte em todas as entrevistas é a consolidação da estrutura de produção jornalística como o processo que é ensinado na disciplina. Ou seja, é evidente que mesmo que haja discordâncias sobre reprodução ou experimentação dos formatos, o processo de produção se mantém, como destaca Martins (2012):

Nem profissional demais para repetir vícios da mídia impressa e nem amador demais para deixar de praticar jornalismo sério, esse veículo tem como bases de sobrevivência a experimentação e a inovação, atributos indispensáveis para a formação do egresso dos cursos de Jornalismo. O jornal-laboratório depende de um arcabouço teórico forte, que norteie as atividades práticas, as quais estimulam o estudante e o colocam mais próximo da realidade do mercado de trabalho. (Martins, 2012, p.88)

Dentro dessa visão, entre teoria de prática, há, contudo, uma busca em termos de fazer cumprir a ementa, em face que existe, dentro das diferentes abordagens, pontos fortes e fracos se comprado o contexto atual do mercado de trabalho.

3.6.2 Sobre a linha editorial, modelo noticioso (*hardnews*) ou temático (reportagens), participação das escolhas de pauta, abrangências, fontes e apuração.

A conceituação sobre o jornal laboratório já considerava um direcionamento da linha editorial do Jornal QO. Isso já direcionava a turma na delimitação proposta pelo docente. Os modelos que mais ficaram em evidência no Jornal QO foram o modelo noticioso (*hardnews*) focado na produção de notícias vinculadas ao contexto universitário e a tematização de edições com produções especiais relacionados ao jornalismo cultural e comunitário, com a delimitação dos bairros de João Pessoa. Como já demonstrado no levantamento histórico, houve experimentações no campo humorístico e produções remotas, na busca de manter o ensino mesmo durante a pandemia da COVID-19.

Quadro 3 – Respostas sobre a linha editorial

Docente	Respostas
Carmélio Reynaldo	[...] a medida que a gente fazia noticioso, mas não como noticioso, digamos assim o jornalismo diário. A gente procurava fazer uma abordagem de uma de um periódico de uma semana ou de 15 dias. [...] a minha preocupação era justamente essa. Vamos cobrir a universidade, o que se faz na universidade? O que é que se faz na comunicação na Paraíba? Eram essas duas, digamos assim, esses dois nichos que a gente se dedicava.
Alarico Correia Neto	Uma coisa que eu discordo da proposta de Alarico [...] Esse aqui [mostrando a edição de 1985] dava margem à criatividade. [...] o pessoal pedia “Ah, eu quero publicar um poema também”. Eu digo, “poema? O poema lá no curso de literatura”, é jornalismo, a gente não tem espaço para botar uma crônica ou um poema, a não ser que a sua crônica seja sobre um fato que está acontecendo.
Professor Thiago Soares,	“Quando eu assumi o jornal na disciplina é eu lembro que a gente começou a trabalhar numa dinâmica de dossiês. A gente fazia dossiês temáticos. Foi um enquadramento que aproximou o jornal dessa dinâmica mais de revista. [...] a mudança editorial causou realmente uma crise. Acho que queriam um jornal mais <i>hardnews</i> e eu não. Por condições e pela qualidade é possível ser feita naquelas condições da universidade? Eu não achava oportuno uma coisa mais <i>hardnews</i> . Então eu imprimi uma veia mais jornalismo de reportagem, de crônicas, com outra pegada
Edônio Alves	[...]A gente tinha todas as etapas de fazer o jornal, da rotina, do jornalismo, entre elas a pauta, a reunião de pauta, nas reuniões de pauta definimos exatamente dentro desse universo da cobertura o que íamos cobrir para cada edição do jornal. A gente tentava fazer, na verdade, eu sempre quis fazer quatro edições por período [...]. Quer dizer, depende muito da dinâmica da turma. Mas já chegou uma turma a fazer os quatro, que, aliás, é uma turma, inclusive de ex-alunos estão bem situados no mercado. A maioria está nas grandes empresas. Então não é gratuito isso. [...]“Tem

	que cair' faz parte do processo jornalístico matérias caírem independente de qualquer coisa ou em qualquer lugar do mundo. Pautas caem e serão substituídas por outras, por razões específicas daquele momento, que aí não dá para falar em termos gerais, tem que saber exatamente. Mas claro que teve pauta que caía por várias razões, às vezes porque você não conseguia ouvir uma fonte que era necessária. Às vezes, porque a sugestão de pauta não foi suficientemente sólida. Então também fazia cair. Bom, isso é normal
Carlos Azevedo	Isso trouxe a outros estudantes um contato maior com a realidade, um contato maior é com a prática real. Mesmo entrevistando pessoas, elevando “não”, pegando em cachorro, cachorro querendo pegar você, levando chuva e levando Sol. Então foi essa minha contribuição também de trazer o jornal comunitário muito ancorado na tradição do jornalismo literário.

Fonte: Entrevistas da pesquisa Apêndice B

O professor Alarico não deu uma resposta mais direta, mas as edições coordenadas por ele, até a humorista (Ano IV número 4 de 1985) satirizava fatos recentes, e dava liberdade nas produções. Com ele e os professores Carmélio Reynaldo e Edônio Alves focaram em suas abordagens localizadas na UFPB no *hardnews*. Enquanto os outros buscaram pautas temáticas e reportagens, sendo as edições do professor Thiago Soares em pautas mais frias e o professor Carlos Azevedo rompeu as barreiras da UFPB proporcionando uma abordagem temática, mas focado em um bairro.

A apuração, no *hardnews*, é mais sensível para não ter problemas de criação de erros que impactassem a imagem do curso e da instituição, como destacou em alguns casos o professor Carmélio Reynaldo. Não quer dizer que não haja nas versões tematizadas, mas pela mudança na construção das reportagens, devido às visitas nos lugares, mais tempo de ajuste e menos edições publicadas, há um controle melhor da informação.

3.6.3 Sobre o uso de manuais de redação, autonomia do aluno-jornalista, gestão da equipe e edição, tempo e *deadline*

As estruturas de produção dos textos, o uso dos manuais de redação difere muito entre os docentes. A autonomia do aluno-jornalista, dentro das estruturas de equipe e edição, é bem delineada nos expedientes e há uma confiança dos docentes na estruturação por parte dos discentes, onde a qualidade dos materiais é creditada ao estilo da turma, não a postura dos docentes. Os docentes agem mais no controle de qualidade e no *deadline* de entrega, mas não necessariamente na manutenção de uma continuidade de publicações, por fatores também externos, que serão apresentados mais à frente.

Quadro 4 – Respostas sobre manuais de redação e autonomia discente

Docente	Respostas
Carmélio Reynaldo	<p>[...] nós temos um manual de redação [...] da minha época. [...] foi feita uma edição atualizada na edição do manual, porque tinha coisas que surgiam e aí outros vícios de linguagem que a gente tinha que chamar atenção no manual também, que antes não tinha coisas assim.[...] tinha que entrevistar o aluno também, “por que que é isso aqui? Vamos fazer assim”. Tinha tudo isso e principalmente esse tipo de matéria com denúncia era muito mais complicado. [...] o editor nunca era o professor, eram os próprios alunos. Da reunião de pauta, os alunos sugeriam. O professor orienta, o professor veta, o professor sugere. Mas aí é a responsabilidade toda ali é dos alunos, e eles não fazem uma super edição, uma coisa assim que você vai esperar com que um profissional faça.</p>
Professor Thiago Soares,	<p>Vou falar um pouco agora das regras e dos manuais. Eu usava o manual da Folha de São Paulo. Questão de ordem, escrita, padrão de texto, como se estava a idade, números. [...] a gente elencava alguns editores que eram alunos. Mas que eu tenho experiência dentro de mercado. Eu tenho estagiado ou então gostava realmente e que tinha uma aptidão assim para liderança e eles meio que também era um meio que coeditores juntos. Tinha o pessoal da arte, que fazia tudo era feito conjuntamente assim, a diagramação, as fotos, as artes. Era tudo meio definido coletivamente. Tinha um pouco das pessoas se facultarem a fazer, essa minha identificação de algumas pessoas. Essa apuração era feita pelos alunos sem recurso, os alunos faziam por conta própria. Na época não tinha essa coisa ainda muito disseminada ZAP, era uma apuração telefônica</p>
Edônio Alves	<p>[...] esse manual de redação ele foi criado, se eu não me engano, pelo professor Carmélio Reinaldo, quando ele é assumiu a disciplina na época dele [...] Claro que a cada momento a gente só adaptava ali alguma coisa. [...] Como parte da disciplina, um momento da disciplina era discutir a parte de é de como o jornalismo é feito em termos de equipe. Então a gente fazia a divisão da equipe com todos os cargos e funções do jornalismo do processo. É jornalístico, editor, editor geral, claro, adaptado. É uma questão de ótica. Cada jornal tem uma estrutura diferente, mas a gente é discutia isso, discutia as funções, o que cada função faz e depois elegia democraticamente entre os alunos quem ia ocupar tal função e a partir daí a cobrança seria feita em cima da pessoa que foi eleita porque ela tem a legitimidade da própria turma. [...] isso faz parte do aprendizado do processo jornalístico.</p>
Carlos Azevedo	<p>O Jornal Questão de Ordem já teve um manual de redação na época do Professor Alarico e com o professor Carmélio, inclusive eu tinha esse manual e uma compilação de outros manuais. Eu acho que o jornalismo se perde quando estabelece manuais, regras, ele burocratiza a sua atividade. E a gente não tem manual de redação, a gente não trabalha com nessa linha de estabelecer uma padronização do texto. [...] A gente trabalha com um produto artesanal. O teor, ele não é industrial, ele é um produto artesanal, é um produto de uma experimentação. Então, a gente tem que ter consciência que a gente não está espalhando o mercado. Eu acho que a gente não tem essa pretensão de espelhar o mercado. A gente tem a pretensão de fazer uma coisa bem-feita dentro de um prazo que é relativamente mais longo em relação a uma vivência profissional. [...] Às vezes o aluno volta quatro vezes no mesmo lugar para falar. Já ocorreu nesse semestre passado que a aluna teve que ir quatro vezes ao mesmo local e dizer, a matéria não está boa, a matéria falta personagem, então a matéria vai crescendo ao longo desse tempo também.</p>

Fonte: Entrevistas da pesquisa Apêndice B

Sobre esse aspecto, o professor Alarico também não deu uma resposta direta, mas é possível ver as estruturas nos expedientes. O manual de redação criado pelo professor Carmélio Reynaldo e foi usado pelo professores Alarico Correa e Edônio Alves por muito tempo, mas a postura mudou com o Thiago Soares usando um Manual da Folha de São Paulo e a resistência do professor Carlos Azevedo em padronizar a escrita. Mesmo assim, a autonomia dos estudantes em ter liberdade de composição de suas equipes é sempre visto nos relatos e nos expedientes. O que é importante constatar nas posturas dos docentes é a questão do deadline,

enquanto para uns é um critério indispensável e de valor profissional de referência, para outros há uma flexibilidade com vistas para a qualidade do que se busca apresentar.

Como já abordado, já existiram edições que não foram entregues, algumas sendo a única edição da turma, devido a uma imperícia da equipe dos estudantes, sendo o papel do docente, por vezes, só em dar valor nota e não a garantia da publicação em si. Bem como, sem a iniciativa dos discentes, não seriam impressos e nem inscritos trabalhos em eventos acadêmicos.

3.6.4 Sobre a técnica e tecnologia de impressão, distribuição e acesso, participação da comunidade (*feedback*) e a memória do ensino em jornalismo

Uma vez o produto feito, a distribuição faz parte do processo de retorno daquilo que foi apurado e mediado pelo jornalismo. É importante destacar, como aponta Anunciação (2013) o papel dos cibermeios nos novos acesos e formas de distribuir a produção dos jornais-laboratórios, no que para tanto é necessário infraestrutura e metodologias que usem os avanços tecnológicos não somente voltados a melhoria da produção impressa em si, mas na sua divulgação e retorno à sociedade.

É possível inferir que o jornal-laboratório, como atividade por muitas vezes concentrada na comunidade acadêmica, pode gerar leituras que compreendem o caráter experimental como algo não profissional e, por tanto, sem o valor que é dado às produções de empresas de comunicação. Somado isso ao já apresentado descaso com a memória, acaba sendo levado em conta o pré-julgamento de tais publicações. Já é bom frisar que o resgate do Jornal QO pode apresentar, além do valor histórico, uma possibilidade de análise de discurso e de conteúdo das edições, a fim de compreender se de fato elas são tão destoantes da execução do jornalismo quando às existentes no mercado regional.

Quadro 5 – Respostas sobre a técnica e tecnologia de impressão, distribuição e acesso

Docente	Respostas
Carmélio Reynaldo	O jornal era feito aqui, a gente vê até Alarico, era feito letra 7, é que era uma espécie de decalque. Você tinha, você decalcava e colocava o título. Havia toda uma dificuldade de fazer. Isso aqui era feito à mão [mostrando o desenho de uma publicação de 1985] e depois aí tinha que fotolitar. Era uma complicação muito grande, você nem imagina, por exemplo, a diagramação, a disciplina que eu dava, diagramação e revisão. Eu tive que aprender matemática. Eu nunca fui bom em matemática, mas eu tive que aprender matemática porque você tinha uma folha de papel milimetrada. E você ia calcular o texto que estava datilografado, a quantidade de toques que tem naquele texto e ele, quando fosse composto nessa fonte aqui, numa coluna de tal largura, quantos centímetros ele ocuparia naquela coluna. Em qualquer erro, ou ficava sobrando espaço, ou, pior, a matéria estourava. [...] Um jornal, uma empresa que fazia jornal impresso, era uma fábrica que todo dia lançava o mesmo produto, só que o mesmo produto era diferente de todos os outros que já tinha feito. Quer dizer, usava as mesmas ferramentas, mas sempre surgiam problemas justamente a conteúdo era diferente.

Alarico Correia Neto	Você vê a diferença de um jornal para hoje. A questão do visual até do ponto de vista também técnico, de equipamento. Nós trabalhávamos com composição “a quente” na editora universitária na máquina linotipo e logo depois vem <i>offset</i> . Com o <i>offset</i> as condições eram bem mais fáceis de resolver a formação, de composição e de preparação do jornal.
Professor Thiago Soares,	Eu lembro que havia uma cobrança para a impressão dos jornais. [...] a gente começou a fazer o jornal, os alunos começaram a gostar e imprimiram, mas com os próprios recursos. [...] Ele circulava internamente ali na universidade com uma tiragem era muito pequena. Nessa época que eu fui editor ele ficava na Secretaria do DECOM assim, disponível. E os alunos imprimiram números x. Era mais uma coisa de portfólio para os alunos [...] A gente chegou a circular ali pelo Centro de Filosofia e Letras e Artes, o CCHLA. Eu lembro de fazer algumas ações lá do pessoal, mas era a comunidade acadêmica da UFPB. Não tinha a participação de público assim, leitor.
Edônio Alves	A gente passou por várias fases em relação à imprensa ou por causa disso, então, em função da impressão que inicialmente era feita pela gráfica da própria UFPB, a gente tinha limitações de papel, de formato. Trabalhava conforme o que dava [...] essa segunda fase minha no Questão de Ordem, foi bem melhor, porque aí a gente tinha as estruturas e as condições, não ideais totalmente, mas muito próximo do mercado. [...] Marcava com a turma, sentava e dizia, “jornal está aqui, vamos dar uma olhada, vamos dar uma revisada, dá uma discutida do jornal da edição tal, e a partir de agora a gente vai distribuir o jornal”. [...] Cada aluno cobriria um espaço geográfico da comunidade acadêmica para a distribuição do jornal. [...] deixavam de ser jornalistas para serem jornaleiros e entender como funciona o negócio.
Carlos Azevedo	Em média, a gente imprime os 4 fardos de jornal, equivalem a mais ou menos 900 jornais. E tem aluno que diz “eu sou jornalista, não sou jornaleiro, eu não vou entregar”. E eu digo par ao aluno que “é preciso que você volte lá naquela pessoa, naquele pescador da Penha que você entrevistou e você olhou informação que você às vezes tomou até café na casa dele e você volta com seu produto e pronto impresso e entregue o jornal a ele”. [...] Eu já distribuí jornais na Penha, à noite, então eu sempre deixo os jornais em livrarias, como a livraria do Luís, em sebos. Então o meu carro sempre tem jornal para levar. [...] Eu acho que a gente tem que melhorar na parte digital para que a gente tenha um feedback melhor. Mas assim, tem algumas pessoas que chegam e diz “cadê meu jornal? Eu tenho uma assinatura do QO, eu gosto, que bairro estão?”.

Fonte: Entrevistas da pesquisa Apêndice B

É justamente essa entrega do produto que traz um valor distinto ao estudante. Nesse momento que, por ser o primeiro produto, com formato impresso, que se carimba o nome que muitos carregam na vida profissional. As várias mudanças de locais de impressão do jornal também evidenciaram uma disputa de custo e necessidade da prática. Neste contexto que surge proposições sobre a viabilidade técnica de se manter um formato obsoleto de se fazer jornalismo ainda em atividade.

3.6.5 O fenômeno didático-pedagógico do Jornal QO

Desde o começo do levantamento histórico, forma levantando alguns indícios que buscaram caracterizar o caráter único do Jornal QO como um caso de estudo. O objetivo formativo que se propõe enquanto ferramenta possui diferentes fases identificadas no como ele é atingido. O Jornal QO ter surgido como estágio para formação dos estudantes é um primeiro indício que sua identidade estava voltada a formação profissional. Ao se perder esse status com o tempo, não limitou a sua produção como fundamental para formação, sendo presente em todas os currículos com ementas voltadas à prática profissional.

Todavia, é possível também inferir que tal prática foi mantida de forma inconstante, com visões distintas de condução do Jornal QO, sendo seu nome, pelos registros colhidos, modificado até o final da década de 1980. O próprio Lopes (1989) já descrevia as inconstâncias de alguns laboratórios na manutenção de suas publicações.

Durante esse levantamento, é identificado o descaso na preservação da memória do ensino em jornalismo da UFPB com a perda de materiais, até mesmo doados à instituição. Pode-se inferir que as produções do curso não carregavam um possível valor à instituição, como exercícios acadêmicos, ou a mesma não possuía forma de manter catalogados em estruturas ligadas ao curso.

Nos registros recuperados, e corroborados nas entrevistas, é possível ver que, ao menos em parte de sua história, o jornal-laboratório pautou a mídia local. Foram as iniciativas experimentais que tensionaram a comunidade de forma crítica ou até de inspirando séries de reportagens baseados numa visão diferente do *hardnews* do mundo acadêmico. Por mais que não fosse um *house-organ*, ao abordar, por bom tempo, de forma crítica ou expositiva a própria universidade, o Jornal QO deu opções de prática de um jornalismo especializado na mediação das produções e notícias acadêmicas.

Contudo, nas conduções de docentes, que rompiam através de uma interpretação mais experimental do Jornal QO, uma abordagem mais reprodutora do *hardnews* acadêmico, não há um desvinculo sobre a estrutura de produção. Ou seja, mesmo em fases mais voltadas ao jornalismo cultural, jornalismo literário e jornalismo comunitário, não se desconfigurou a estrutura de produção, objeto da formação profissional jornalística.

Há um elemento que foi revelado durante a análise dessas entrevistas que revela impacto importante sobre a compreensão do Jornal QO e as escolhas editoriais – a formação docente. Conforme os docentes iam fazendo especializações, mestrados, doutorados, a visão dos processos mudou, mesmo que por vezes se buscasse uma aproximação com as rotinas do mercado.

A atual linha editorial, apresentada pelo docente Carlos Azevedo, que possui artigo publicado sobre o seu trabalho à frente do Jornal QO, já demonstra uma apuração no que diz respeito a levar as experiências práticas de volta para a análise teórico-científico. Isso, somada sua postura de tratar mais experimentalmente o Jornal, traz uma linha editorial que contrata com as de seus antecessores, inclusive até mesmo na imersão digital que o produto poderia ter.

Dessa forma, destaque-se que a discussão sobre quais fenômenos de aprendizado profissional ainda ressoam no jornal-laboratório em sua estrutura pensada totalmente para o impresso. Será justamente a aproximação contemporânea de um jornalismo literário, temático

e “artesanal” que pode ter a carga experimental necessária para a formação profissional? Ou é somente a resistência inócua de custos que, em comparativos aos filmes e químicos de revelação fotográfica, não serão mais usados e, por tanto, deve-se abraçar o novo formado que se aproxime das práticas de mercado?

Para melhor compreender os impactos na formação profissional, é preciso olhar mais de perto o Jornal QO em sua fase contemporânea e indagar aos discentes suas visões sobre quais tipos de conhecimentos eles compreendem que são próximos aos que hoje a profissão requer.

4. JORNAL QO TAMBIAÁ: O PROCESSO DE PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEO DE UM JORNAL-LABORATÓRIO IMPRESSO

Na sequência dessa pesquisa, vamos abordar o processo de produção do Jornal QO no semestre acadêmico de 2022.2 (entre 20 de fevereiro de 2023 e 15 de junho de 2023) no curso de graduação em jornalismo da UFPB. Durante este período, o pesquisador fez estágio docência na disciplina de Oficina de Jornalismo Impresso da grade curricular do curso sob a orientação do docente Carlos Azevedo. Foram acompanhados em sala de aula as atividades apresentadas no plano de aula do docente e feito um levantamento das fases da produção do Jornal QO edição 16 – Tambiá.

Como aproximação metodológica, foi feito um relato de experiência próximo do usado por Oliveira (2010, p. 170) para levantar as experiências do jornal-laboratório pesquisado. Tal prática aproxima esta pesquisa da linha investigativa usada na área e busca estudar o caso de forma contemporânea (Yin, 2005) os indícios que são necessários (Braga, 2008) para compreender o Jornal QO como uma ferramenta na formação profissional do jornalista formado na UFPB.

Desenvolvemos aqui a coleta das experiências no laboratório, com o itinerário de produção do Jornal QO, bem como os questionários aplicados aos discentes para obter deles uma visão mais ampla sobre suas expectativas iniciais e depois suas visões conclusivas após a prática.

O objetivo é compreender a aproximação do que é apresentado na ementa da disciplina, plano de aula do docente, publicações pregressas sobre o Jornal QO feitas pelo docente e a relação prática dos discentes. É a composição desses elementos que nos ajudou a compreender como o Jornal QO é produzido e como se dá suas atividades, diante de um olhar próximo.

Vale frisar que não serão colocadas categorias quantitativas ou afirmações voltadas ao embasamento puramente teórico, mas o estudo do caso em si em sua fase contemporânea. Dessa forma, será possível dialogar com os indícios levantados no levantamento histórico e relacionar, dentro do atual conceito de formação profissional apresentada pelo docente na condução atual, os indícios de sua função didático-pedagógica.

4.1 Uma turma atípica

Como preâmbulo dessa seção, é importante destacar algumas especificidades da turma em questão. Foram inscritos para turma de 2022.2 para a disciplina Oficina de Jornalismo Impresso 38 estudantes, sendo este número o maior no comparativo dos últimos 18 semestres letivos registrados no sistema de informação de dados da graduação da UFPB chamado

SIGAA, Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas) iniciado no semestre 2013.2 no curso (figura 17). Durante os 18 semestres, a média de alunos nesta disciplina foi de aproximadamente 26 alunos. Parte desse fenômeno foi o represamento da turma, com algumas pessoas de início de semestre não correspondente ao mesmo período de entrada, devido a pandemia da COVID-19.

Figura 17 - Imagem do quadro da disciplina de Oficina de Jornalismo Impresso (2013-2024)

Ano Período	Docente(s)	Tipo	Forma de Ensino	Situação	Horário	Local	Mat./Cap.
GDJOR0011 - OFICINA DE JORNALISMO IMPRESSO (GRADUAÇÃO)							
2024.1	Turma 01 CARLOS ALBERTO FARIAS DE AZEVEDO FILHO (150h)	REGULAR		ABERTA	26M12345	CCTA 227 - BLOCO B (CCTA)	30/35 alunos
2023.2	Turma 01 CARLOS ALBERTO FARIAS DE AZEVEDO FILHO (150h)	REGULAR		CONSOLIDADA	26M12345	CCTA 227 - BLOCO B (CCTA)	35/35 alunos
2023.1	Turma 01 CARLOS ALBERTO FARIAS DE AZEVEDO FILHO (150h)	REGULAR		CONSOLIDADA	26M23451	CCTA 227 - BLOCO B - LABORATÓRIO DE DANÇA (CCTA)	19/35 alunos
2022.2	Turma 01 CARLOS ALBERTO FARIAS DE AZEVEDO FILHO (150h)	REGULAR		CONSOLIDADA	26M12345	CCTA 227 - BLOCO B - LABORATÓRIO DE DANÇA (CCTA)	38/40 alunos
2022.1	Turma 01 CARLOS ALBERTO FARIAS DE AZEVEDO FILHO (150h)	REGULAR		CONSOLIDADA	26M12345	CCTA 222 - BLOCO B (CCTA)	32/35 alunos
2021.2	Turma 01 CARLOS ALBERTO FARIAS DE AZEVEDO FILHO (150h)	REGULAR	PRESENCIAL	CONSOLIDADA	26M12345	CCTA 231 - BLOCO B - LABORATÓRIO DE JORNALISMO (CCTA)	15/20 alunos
2021.1	Turma 01 CARLOS ALBERTO FARIAS DE AZEVEDO FILHO (150h)	REGULAR	REMOTO	CONSOLIDADA	26M23451	SALA	24/40 alunos
2020.2	Turma 01 CARLOS ALBERTO FARIAS DE AZEVEDO FILHO (150h)	REGULAR	REMOTO	CONSOLIDADA	26M23451	SALA	28/40 alunos
2019.2	Turma 01 CARLOS ALBERTO FARIAS DE AZEVEDO FILHO (150h)	REGULAR		CONSOLIDADA	26M12345	CCTA 231 - BLOCO B - LABORATÓRIO DE JORNALISMO (CCTA)	26/40 alunos
2019.1	Turma 01 CARLOS ALBERTO FARIAS DE AZEVEDO FILHO (150h)	REGULAR		CONSOLIDADA	26M12345	CCTA 231 - BLOCO B - LABORATÓRIO DE JORNALISMO (CCTA)	28/40 alunos
2018.2	Turma 01 CARLOS ALBERTO FARIAS DE AZEVEDO FILHO (150h)	REGULAR		CONSOLIDADA	26M12345	CCTA 231 - BLOCO B - LABORATÓRIO DE JORNALISMO (CCTA)	26/40 alunos
2018.1	Turma 01 CARLOS ALBERTO FARIAS DE AZEVEDO FILHO (150h)	REGULAR		CONSOLIDADA	26M12345	CCTA 231 - BLOCO B - LABORATÓRIO DE JORNALISMO (CCTA)	19/40 alunos
2017.2	Turma 01 CARLOS ALBERTO FARIAS DE AZEVEDO FILHO (150h)	REGULAR		CONSOLIDADA	26M23456	CCTA 231 - BLOCO B - LABORATÓRIO DE JORNALISMO (CCTA)	18/40 alunos
2017.1	Turma 01 SANDRA REGINA MOURA (150h)	REGULAR		CONSOLIDADA	26M23456	CCTA 231 - BLOCO B - LABORATÓRIO DE JORNALISMO (CCTA)	25/50 alunos
2016.2	Turma 01 CARLOS ALBERTO FARIAS DE AZEVEDO FILHO (150h)	REGULAR		CONSOLIDADA	26M12345	CCTA 231 - BLOCO B - LABORATÓRIO DE JORNALISMO (CCTA)	21/50 alunos
2016.1	Turma 01 CARLOS ALBERTO FARIAS DE AZEVEDO FILHO (150h)	REGULAR		CONSOLIDADA	26M12345	CCTA LABJO (CCTA)	26/45 alunos
2303034 - OFICINA DE JORNALISMO IMPRESSO (GRADUAÇÃO)							
2015.2	Turma 01 EDONIO ALVES DO NASCIMENTO (150h)	REGULAR		CONSOLIDADA	24M12345	CCTA LJI	22/40 alunos
2015.1	Turma 01 EDONIO ALVES DO NASCIMENTO (150h)	REGULAR		CONSOLIDADA		CCTA LAB J	25/50 alunos
2014.2	Turma 01 EDONIO ALVES DO NASCIMENTO (150h)	REGULAR		CONSOLIDADA		CCTA LAB J	29/50 alunos
2014.1	Turma 01 CARLOS ALBERTO FARIAS DE AZEVEDO FILHO (150h) e EDONIO ALVES DO NASCIMENTO (150h)	REGULAR		CONSOLIDADA		CCTA LAB J	33/50 alunos
2013.2	Turma 01 EDONIO ALVES DO NASCIMENTO (150h)	REGULAR		CONSOLIDADA		CCTA LII	29/50 alunos

Fonte: Portal Coordenação Graduação

Durante o ano de 2020, no início do semestre letivo de 2020.1, a UFPB suspendeu o calendário acadêmico devido a emergência sanitária. No semestre 2020.1 não foi ofertada a disciplina, sendo que ela voltou em modo remoto no período 2020.2 no ano de 2021 devido ao descompasso do ano letivo com o ano corrente. Foram dois semestres em que existiu a produção e impressão do Jornal QO em edição especiais com temáticas voltadas à pandemia e produções remotas com critérios mais noticiosos, que diferente do estilo do Jornal QO na atualidade. No final do ano de 2022, no semestre letivo de 2021.1, as atividades voltaram a ser presenciais.

Um detalhe muito importante destacar é que a turma tem, em sua maioria, alunos matriculados no início do período pandêmico. Por ser uma disciplina do 4º período do curso os

alunos matriculados no semestre letivo 2020.1, entre 2020 e o primeiro semestre de 2022 não se conheciam pessoalmente. As atividades de formação acadêmica dos 2 primeiros semestres letivos se deram de modo remoto. Tais fatos são importantes para compreender alguns comportamentos encontrados durante a observação das atividades.

4.2 Primeiras atividades

O início das atividades acadêmicas do semestre letivo de 2022.1 se iniciou-se em 08 de fevereiro de 2023. As aulas da disciplina ficaram definidas sempre às segundas e sextas. O primeiro dia de aula foi no dia 10 de fevereiro de 2023 numa sexta feira. Foram apresentados algumas atividades e o planejamento geral da disciplina, bem como as experiências colhidas no semestre anterior. Com a presença de muitos dos matriculados, o professor Carlos Azevedo já colou para discussão da turma a necessidade de divisão de trabalhos em dois produtos, sendo eles ou dois jornais ou um jornal e uma revista. Na aula subsequente foi discutido mais a fundo a questão da quantidade de alunos matriculados, 38, o maior já registrado e, por tanto a necessidade de existir um limite de matrícula na disciplina de 20 alunos.

Diante da proposição do docente sobre a salubridade de produção com tamanha carga, foi decidido ter dois produtos, a revista Ciclo, que já teve edições em algumas turmas no passado de forma não periódica e limitada a uma única edição impressa, e o Jornal QO. Foram expostas algumas informações sobre a estrutura e viabilidade de produção impressa do Jornal QO, o que inviabilizaria ter duas edições no mesmo no semestre. Diferente dos primeiros dois semestres da condução do professor, onde existiram duas edições por semestre, a saber edição Centro e Bancários em 2016, e Mangabeira e Castelo Branco em 2017, não existem mais recursos financeiros para a impressão de duas edições de mil exemplares do Jornal QO no semestre devido ao contingenciamento de recursos da instituição ao longo do tempo.

Durante as aulas foram explicadas as estruturas dos jornais já produzidos, citando experiências das confecções do jornal em cada caderno. Em seguida explicou como se daria também a estrutura da revista. Foi definido fazer um sorteio e criar duas equipes, uma para o Jornal QO e outra para a revista Ciclo, foram dos 38 alunos, 12 se colocaram para trabalhar na revista. 26 dos remanescentes vão trabalhar no Jornal QO, com alguns em apoio de fotografia e revisão na revista também.

Nesse momento foram escolhidas duas pessoas, uma para ser a editora chefe da Revista Ciclo e uma para o Jornal QO. A estudante Rebecca Ferreira²⁸ foi escolhida pela turma para o

²⁸ Graduanda em jornalismo pela UFPB, rebeccanarrie@hotmail.com

Jornal QO, com isso foram feitas suas anotações (ANEXO A) Foi explicado sobre a responsabilidade do editor criação das pautas, acompanhamento e que a não entrega de alguns colegas de alguma matéria pode acarretar reprovação.

Com a divisão feita, as atividades de cada produto também foram divididas da presença em sala de aula na semana. Ficou definido que o Jornal QO teriam suas atividades na segunda, e a revista Ciclo da sexta. Na sequência falou sobre o trabalho de campo com a necessidade de boné, protetor solar e equipamentos.

Após isso, os alunos relacionados para a revista foram dispensados da aula e os do Jornal QO foram mantidos para as primeiras atividades, falou sobre o processo de criação do jornal. Pontuou que se define e estrutura a equipe, depois o bairro escolhido, em seguida uma ida a campo com um levantamento preliminar. Neste levantamento deve ser destacado a arquitetura, pessoas, história e o conhecimento do bairro e reforçou que durante as visitas é feita uma aproximação para depois fazer as pautas. Dos bairros sugeridos: Manaíra, Altiplano, Tambiá, Valentina, Geisel, Bairro dos Estados, Alto do Matheus, Treze de maio, José Américo e Cristo. Foi escolhido Tambiá por um voto de diferença do Cristo. Foi criado um grupo no WhatsApp para comunicação e acompanhamento das atividades.

4.3 Levantamento inicial

Foi feito um questionário (APÊNDICE 3) para levantar alguns pontos relacionados aos aspectos iniciais dos estudantes com respeito a disciplina e ao Jornal QO. A intenção é levantar as expectativas e conhecimentos prévios que eles tinham sobre produção de jornal. Foram formuladas perguntas em âmbito geral para os que se matricularam na disciplina sem vinculação da participação no questionário a notas na disciplina, observando o critério optativo da parte dos estudantes em participar.

Sendo assim, dos 38 matriculados, 19 responderam. Destes três responderam que iriam trabalhar somente com a Revista Ciclo, três que ajudaram na revista e no Jornal QO e 13 que iriam trabalhar somente com o Jornal QO. O questionário foi dividido em 2 partes, uma para todos os matriculados na disciplina e outra para os que iriam trabalhar exclusivamente ou não com o Jornal QO.

4.3.1 Aspectos iniciais no geral sobre produção textual

Foram gerados alguns gráficos quantitativos para compreender a turma pesquisada (Gráfico 1 e 2) e foram abertas algumas perguntas subjetivas.

- a) Sobre a produção textual durante o período em que esteve na escola básica (ensino fundamental e médio)
- b) Se antes de iniciar o curso de jornalismo já se tinha alguma experiência em publicações
- c) Quais gêneros jornalísticos gostou mais de aprender e executar na graduação
- d) Se tem alguns gêneros jornalísticos inéditos que gostaria de experimentar.

Gráfico 3 - Período no curso

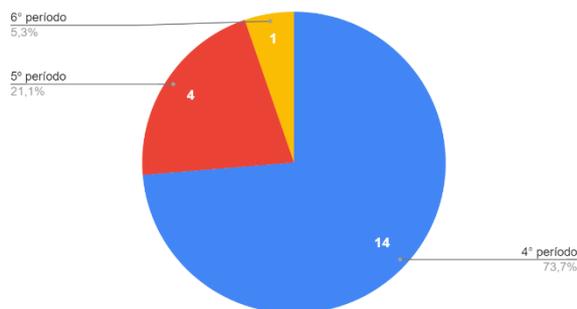
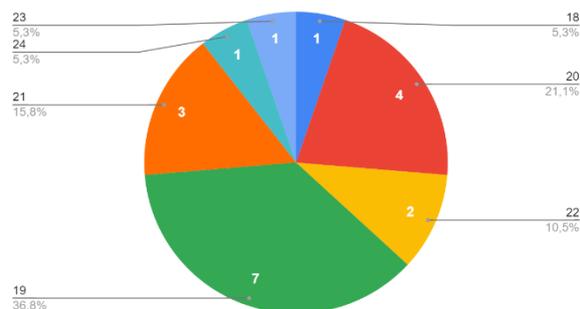


Gráfico 4 – Idade dos estudantes

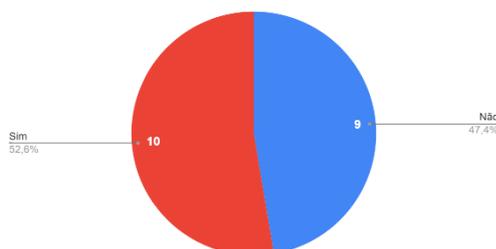


Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Sobre a produção textual no ensino fundamental e médio, a questão aberta revelou que a maioria só conseguiu desenvolver a escrita através da pressão para a redação para o ENEM. Alguns tiveram incentivos de leitura paradidática, mas sentem que não tiveram uma formação adequada e que a forma de desenvolvimento de produção textual na graduação é diferente da que foram apresentados antes.

Dentro da experiência anterior com publicação, os estudantes que assinalaram positivamente puderam dizer subjetivamente em quais meios. Com a maioria, 10 de 19 (Gráfico 3) afirmando que já tiveram experiência antes de entrar no curso de Jornalismo, foram encontrados respostas: “clube de jornal da escola”, “postagem do dia a dia no Instagram”, “página no Instagram sobre esportes”, “acesso a blogs”, “histórias online sem muito compromisso”, “publicação de conto em projeto escolar”, “publicação de poemas em antologias poéticas”, “blog sobre Club Penguin”, “anais de eventos acadêmicos de outra graduação não concluída” e “artigo num livro sobre Análise do Discurso”.

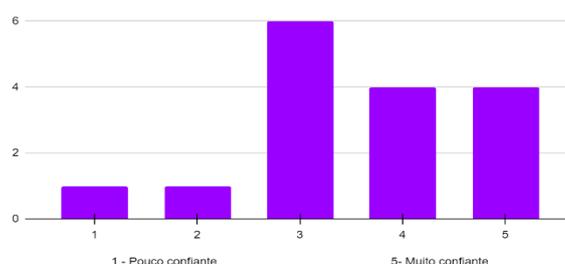
Gráfico 5 - experiência anterior com publicações



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A disciplina Oficina de Jornalismo Impresso é ofertada aos que estão no 4º período do curso. Os estudantes tiveram contato com matérias teóricas, mas algumas disciplinas práticas ou que os próprios docentes incentivam produção como parte de seus critérios de avaliação. Disciplinas como “Jornalismo Fotográfico” e “Gêneros Jornalísticos” (1º período), “Técnicas de Reportagem e Investigação Jornalística” (2º período) e “Técnica de Reportagem em Base de Dados”, “Jornalismo Especializado” e “Editoração e Programação Visual” (3º período) possuem em seu arcabouço, dependendo da condução do docente, possibilidades de produção. Logo o questionamento sobre o grau de confiança na elaboração de matérias foi mediano a elevado.

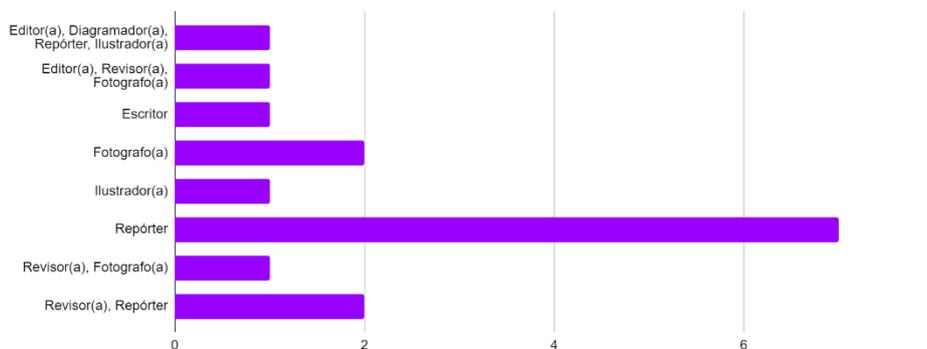
Gráfico 8 - Grau de confiança para elaboração das matérias no Jornal QO



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Diante das possibilidades de funções que podem ser exercidas na produção do Jornal QO, foram destaque algumas atividades relacionadas a produção e reportagem, sugerindo de antemão um aspecto inicial voltado à prática do fazer jornalismo, com base no que tiveram de informações pregressas sobre as funções.

Gráfico 9 - Função que gostaria de desempenhar na edição do Jornal QO



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

As últimas três perguntas foram direcionadas de forma a criar uma análise comparativa sobre o antes e o depois da experiência e experimentação que os estudantes tiveram ao longo da produção dessa edição. Logo, a opinião sobre o papel de um jornal-laboratório, a necessidade ter um jornal-laboratório impresso na graduação e visando formação de estudante de Jornalismo é necessária uma experiência com jornal impresso, e não somente digital, serão

tratados com as questões similares no segundo questionário que foi aplicado na mesma turma ao final da disciplina.

4.4 Estrutura, ida a campo, produção, revisão e diagramação

Entre os dias 13 de 27 de fevereiro o professor Carlos tratou de explicar para a turma, as especificidades do processo de construção das matérias no Jornal QO. Da estrutura de páginas, divisão de cadernos, e a ênfase no jornalismo literário com viés de narrativa cidadã (Azevedo Filho e Cabral, 2018). Preencheu no quadro o nome do bairro Tambiá e quatro setores: História, Personalidades, Cultura e “Problemas” do bairro. O docente escolheu dois alunos e definiu a pauta para o livro do Tambiá que ele tinha previamente pesquisado a pós a escolha do bairro na aula anterior. Definiu o professor historiador entrevistado para essa pauta e pediu para editora anotar os nomes dos estudantes (ANEXO B).

Sobre os personagens e personalidades, o professor indicou achar durante a ida até o local. Na pauta de cultura sugeriu livrarias culturais, a Usina Cultural, sede das emissoras de TVs sediadas no bairro e o Karaokê Napoleão. Além disso, adicionou em “História” os colégios locais, a Praça da Independência os Casarões das associações.

Durante esse período de aulas, foram se criando pautas e distribuindo dentro dos espaços disponíveis de cada caderno. A participação da turma foi complementar as indicações dos locais. Sempre que possível foi dado pelo docente ênfase que “sem produção não terá nota”. Esse indício leva ao registro de que já existiram edição que não tiveram a entrega e produção do material, (SILVA, 2021, p. 25). Foram definidas três equipes de 8 pessoas e que cada dia da aula correspondente ao Jornal QO fossem a campo conhecer o bairro. Apresenta a sua metodologia, em que durante a visita não se define roteiro. Em seguida definiu sobre o local de encontro. Foram realizadas 3 visitas a campo do mês subsequente. Por motivos pessoais do professor, foram suspensas algumas aulas, voltando a partir do dia 24 de março a definição de pautas, entrega de um modelo de pauta (ANEXO C). A editora chefe Rebecca Ferreira criou um controle com os nomes (figura 18).

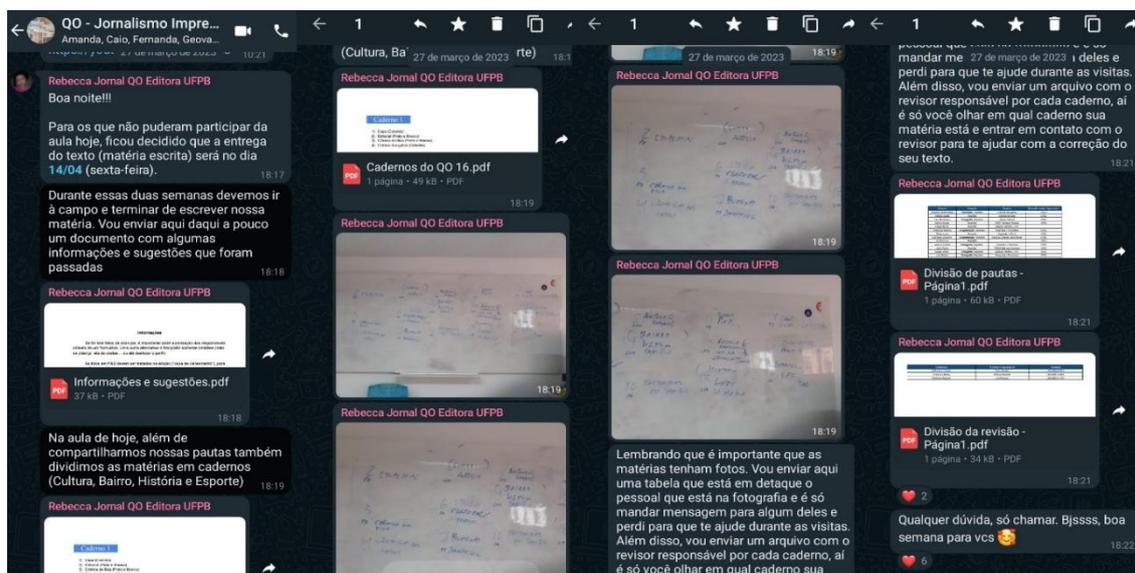
Figura 18 - Papel com a tabela de funções do Jornal QO

Alunos	Função	Pautas	Data da visita/ Apuração
Amanda Vasconcelos	Ilustradora, Repórter	Crônica dos gatos	10/03
Antônio Lucas	Repórter	Crônica da Jica	27/02
Caio Bontempo	Fotógrafo		27/02
Esther Sousa	Repórter	EEEF Epitácio Pessoa	10/03
Felipe Muniz	Repórter	Seleção também	
Fernanda Heloisa	Editoração, Repórter	Ensaios + Pausadas	27/02
Flávia Lucia	Repórter	Napoleão + P. X	14/03
Geovanni Carvalho	Editoração, Repórter		27/02
Ian Perazzo	Revisão		10/03
Jéssica Larissa	Fotografia		27/02
João Pedro	Repórter	PSNS Mãe dos Homens	10/03
Kaylla Vitoria	Repórter	Seleção também	10/03
Lara Ribeiro	Fotografia	Shopping + Pausadas	27/02
Lirivel Araújo	Repórter		27/02 e 14/03
Lucas Goes	Repórter	PSNS	10/03
Mateus Henrique	Repórter		10/03
Neuma Líbia	Repórter	História de Tambia	27/02
Rayson Santos	Repórter	história de Tambia	27/02
Rebecca Namê	Editora-chefe		10/03
Ruan Batista	Repórter	V. L. S.	14/03
Tacyano Teixeira	Revisão, Fotografia		
Vanessa Polary	Fotografia		10/03
Vinicius Marantz	Repórter	Napoleão + P. X	14/03

Fonte: Documento de controle de funções da editora (2024)

Nos dias posteriores o professor orientou os trabalhos já apresentados e indicou algumas abordagens para os temas faltantes. A editora chefe buscou sempre replicar no grupo no WhatsApp²⁹ as informações da aula. Como consta na figura 2, não só o resumo das atividades, mas documentos de apoio como informações e sugestões, a divisão de cadernos com as pautas, imagens do quadro que foi desenhado em aula, divisão de pautas e divisão dos estudantes que trabalhariam na revisão. O compilado dos materiais da aula estarão no Anexo C. Como consta na comunicação na figura 19, as produções textuais e as fotografias começaram a ser entregues no dia 14 de abril para revisão e correção por parte do professor Carlos.

Figura 19 - Montagem da comunicação da editora no grupo de *whatsapp* da edição



Fonte: Grupo no WhatsApp da produção do Jornal QO (2023)

²⁹ WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones

Mesmo assim, o professor avaliava viabilidade das produções, como em 30 de março ele comunicou no mesmo grupo que uma pauta sobre as “pousadas” do bairro foi cancelada. Isso se deu pela possibilidade de colocar em risco os estudantes, já que tais lugares, além de serem pontos de prostituição, tinham relatos sobre consumo e tráfico de drogas.

A apuração das matérias foi iniciada já durante as primeiras entregas, com avaliação em sala de aula das que eram concluídas antes do prazo. As aulas de 17 de abril a 18 de maio foram aulas voltadas para revisão, ajustes e correções do texto. A diagramação foi iniciada com a preparação do arquivo Indesign³⁰ baseado no projeto editorial do semestre anterior. O trabalho do estudante escolhido para diagramar foi feito e grande parte de forma remota.

A equipe buscou fazer alguns ajustes na diagramação e tirar algumas fotos que seriam incluídas na diagramação. Por imprevisto pessoal do docente, na reta final da produção do Jornal QO, o mesmo não esteve. Perto do final do semestre foi feito novo questionário dia 05 de junho para saber dos estudantes as suas experiências após o semestre. Foi aberta uma campanha para ajudar a divulgar o *Instagram* do QO para ser uma plataforma de divulgação do trabalho. O semestre letivo acabou dia 16 de junho sem uma versão fechada do PDF do Jornal QO Também publicada. No dia 26 de junho este pesquisador pediu para saber em que ponto parou a diagramação, sem resposta. O que se tem acesso são os textos feitos e corrigidos, além das fotos tiradas, mas não há o arquivo do InDesign na pasta compartilhada da turma. Para fins de memória, toda a pasta foi adicionada ao conjunto dos jornais digitalizados da pesquisa.

4.5 Levantamento final

Para compreender melhor as relações que os estudantes tiveram durante a produção do Jornal QO, foi feito um novo questionário aos estudantes (APÊNDICE 4). Essa atividade não ficou relacionada a nenhuma forma de acréscimo de nota na disciplina, sendo optativa. Neste caso, foram 15 respostas do total dos 26 iniciais relacionados para trabalhar com o Jornal QO.

Nesse universo pesquisado, buscamos ver em que função a pessoa ficou alocada e se ela teve autonomia na hora de produzir. Os resultados demonstram a variedade de posições, mesmo nessa amostra e uma única discordância sobre autonomia.

³⁰ Indesign é um software de edição de projetos gráficos da Adobe com licença paga.

Gráfico 10 - Função desempenhada

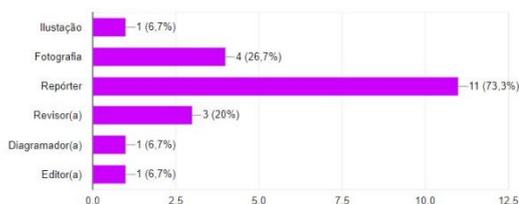


Gráfico 11 - Autonomia na produção



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Nos questionamentos sobre a escolha do bairro e as correções e edições, há uma pouca margem de discordância sobre o que foi escolhido e das interferências nas produções. Um apontamento extra que foi observado é uma certa não vaidade sobre a produção dessa turma.

Gráfico 13 - Aprovação do bairro

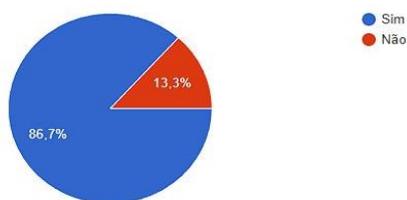


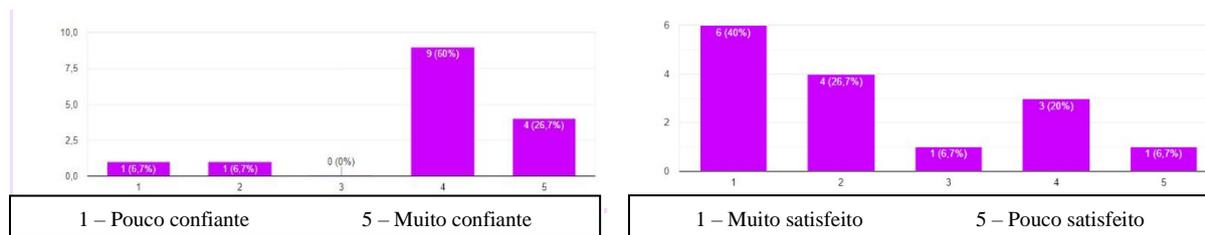
Gráfico 12 - Concordância nas edições



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Na sequência foram levantados questionamentos sobre o grau de confiança que o estudante teve ao elaborar as atividades no Jornal QO e o qual de satisfação que eles tiveram com a experiência. Os resultados (Gráfico 14 e 15) demonstram uma visão mais sólida no grau de confiança, no comparativo com a expectativa, as respostas demonstram que a prática trouxe mais confiança no que se estava produzindo. Ao ponto que também há uma grande satisfação na produção, mas com uma curva um pouco acentuada numa meia insatisfação, o que sugere que há pontos a serem aprimorados.

Gráfico 15 - Grau de confiança nas atividades **Gráfico 14 - Grau de satisfação nas atividades**



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Foram observados alguns fatores que atrapalharam na execução das atividades dentro do prazo, mesmo com a organização prévia da editora chefe. No Gráfico 18, além da mobilidade, destaca-se muito a relação de atividades com as demais disciplinas como impedimento para uma boa produção das atividades. Tal fato valida as considerações no apontamento de Elias Machado (2021, p. 11) onde “(...) o que acontece é que, muitas vezes, as

disciplinas teóricas são vistas pelos estudantes como um obstáculo que impede a plena entrega aos trabalhos necessários para o desenvolvimento das atividades nos órgãos laboratoriais.”

Na estrutura curricular do 4º período do curso, além da Oficina de Jornalismo Impresso que compreende dois dias (segunda e sexta), são ofertadas as disciplinas de Relações Étnico-raciais, Estudos Culturais em Comunicação e Jornalismo e Sociedade.

Gráfico 16 - fatores que atrapalharam a execução de atividades



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Nessa mesma linha, foi perguntado para resposta subjetiva, quais foram as maiores dificuldades para a produção. Quarto não encontraram dificuldades ou grandes problemas. Foram pontuados: falta de comunicação, falta de profundidade por conta das características do bairro escolhido, analisar por outras perspectivas e produzir um texto em conjunto, buscar personagens que participassem da matéria, encontrar fontes que se sentissem confortáveis para falar, agendar entrevistas, comunicação com os lugares para entrevistar, dificuldade na busca de informações e acesso a lugares, adequar o texto, escrever um jornalismo mais literário enxergando fora da caixa, e a elaboração do texto para o Jornal.

4.6 O jornal-laboratório e a formação profissional na UFPB

A pesquisa buscou trazer a visão dos estudantes acompanhados nesse semestre letivo de 2022.2 sobre as questões sobre formação profissional ao final do semestre. As concepções que vão ser demonstradas agora vão revelar alguns indícios que estão relacionados à visão discente sobre a formação profissional que o Jornal QO desempenhou.

Para iniciar a discussão, é necessário resgatar a discussão que permeia o conhecer o processo e, com isso, ter uma visão mais reflexiva da produção, em contraste com a busca de conformidade com os aparatos tecnológicos como condicionamento final de qualquer produção da área. Se no passado não muito distante o debate sobre os jornais-laboratórios estava sobre

teoria e prática, hoje uma nova camada se apresenta sobre experimentação mais ou menos próximas às técnicas digitais, afinal a ferramenta didático-pedagógica deve ser lida como estritamente profissionalizante quando ao processo de criação de um produto com aproximação técnica do ambiente profissional, ou quando a experimentações artesanais voltada à formação reflexiva e crítica?

Sobre o ponto de vista econômico, em primeira análise, é possível destacar que as produções dos jornais-laboratórios estão livres das “amarras econômicas” e “interesses dos anunciantes” quando ao debate sobre sua função e importância para a sociedade (Xavier e Bronosky, 2016). Todavia, há outras interferências quando se trata de um custo para as instituições de ensino, públicas ou privadas, na manutenção de um parque gráfico, estruturas laboratoriais com softwares de edição entre outros que são apontados por Anunciação (2013) pertencentes ao cenário de convergência já encontrado.

Elias Machado (2021) vai mais longe, ao puxar uma visão mais crítica ao dizer que “não é mais compreensível que a função das escolas de jornalismo seja a simples formação de profissionais para reproduzir velhos padrões de um mercado cada vez mais em extinção.” (Machado, 2021, p. 12) ao se deparar com os efeitos da Pandemia da COVID-19. Todavia, em entrevista Luciano Maluly (2016, p.216), Marcelo Bronosky, ressalta que “por mais que estejamos presenciando uma migração para o digital (...) as faculdades de jornalismo não podem ignorar a importância dos jornais-laboratoriais impressos na formação de seus estudantes, independente dos custos.”

As transformações nos meios de produção dos jornais-laboratórios acompanham os vários critérios de desenvolvimento do ensino em jornalismo. Portanto, é o diálogo institucional, no equilíbrio da qualidade do ensino, custos de produção e escolhas didático-pedagógicas que se busca traçar os caminhos a se seguir frente a estes novos desafios.

Diante disso, foi perguntado aos estudantes de o Jornal QO deveria continuar sendo impresso. Como observado que não há somente uma escolha binária, foram construídas possibilidades de respostas que variavam da existência somente em papel jornal, uma coexistência dos modelos impresso e digital, ter a diagramação clássica, mas acesso digital e a inviabilidade de manter o padrão impresso pela inexistência de mercado de trabalho nesse formato.

Gráfico 17 - Jornal QO deve continuar sendo impresso

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

As respostas revelaram a busca da coexistência dos modelos, buscando assim uma visão mais ampla dos aprendizados. Para tencionar mais a compreensão dos discentes sobre o formato impresso, foram feitos outros questionamentos adicionais de forma discursivas. O primeiro deles foi “Você acha que para a formação de todo estudante em jornalismo tem que ter uma experiência com jornal impresso e não somente digital? Argumente.”

Todas as respostas foram positivas. As argumentações se basearam na história do jornalismo, em conhecer os processos de produção do impresso, caracterizando seu diferencial, além de apontar que há empresas que vão resistir a total migração ao digital. O que é importante destacar que o aspecto de experiência histórica é o mais lembrado, o que revela que o foco acaba sendo mais pela experiência de criação e manuseios do que totalmente do processo jornalístico.

Na busca de compreender criticamente a visão dos estudantes, foi feita uma pergunta buscando contextualizar o cenário profissional vigente na Paraíba e no Brasil. “Diante de um cenário de crise de rentabilidade das empresas jornalísticas, em que vários jornais deixaram de circular no papel, você acha que é necessário ter um jornal laboratório impresso na graduação? Explique.”

Com esse contexto foram reveladas algumas divergências sobre o grau de investimento e importância no cenário acadêmico, conservando uma maioria que classifica como parte da formação mesmo que histórica e tradicional. A divergência se concentra no tempo de carga horária e no custo de impressão, no entanto a maioria observa como uma das fases necessárias e, de certa forma, única do curso. Esses elementos estão presentes na avaliação que (Xavier e Bronosky, 2016) fizeram:

É certo que questões financeiras influenciam na decisão de manter a oferta de uma experiência de impresso, contudo, produzir eventualmente material impresso também não oferece condições de proporcionar a experiência de rotinas, de edição, de fechamento e diagramação. Etapas importantes para o desenvolvimento cognitivo do estudante que são adquiridas na regularidade da produção. (Xavier e Bronosky, 2016, p. 186)

Por fim, foram questionados se “na sua opinião, o jornal-laboratório prepara o futuro profissional? Explique”. É nesses pontos que há nas respostas argumentos sobre os processos de produção, que possuem semelhanças com outros formatos e uma semelhança com o mercado de trabalho. Todavia, algumas respostas foram em uma relatividade sobre o objetivo profissional, seja pela falta de teoria dada ou a falta do dinamismo profissional, como uma ou duas matérias sendo feitas no espaço de tempo de 4 meses, enquanto no mercado o ritmo é muita mais acelerado.

Mesmo sendo minoria, tais encontros não diferem muito do encontrado por (Xavier e Bronosky, 2010) quando questionaram o jornal laboratório Foca Livre da UEPG se o jornal laboratório preparava para o exercício profissional, encontrando 1/3 daquela amostragem questionando se a rotina diferente ao ritmo do mercado seria algo que desabonasse a formação profissional do jornal-laboratório.

É um comum equívoco a leitura que os laboratórios são ferramentas de simulação do mercado de trabalho. O retrospecto do Jornal QO já demonstrou que ele, e muitos outros laboratórios, tinham até tal viés antes da autorização do estágio. Entretanto, com a autorização de estágio em jornalismo, é possível compreender que a formação profissional possui outra dinâmica nessa modalidade. Os conhecimentos profissionais advindo das disciplinas curriculares são colocados em prática dentro de uma rotina de produção de mercado através desse expediente curricular. A professora Zulmira Nóbrega em seu trabalho sobre o estágio supervisionado na UFPB encontra, ao analisar os relatórios de estágio e as áreas curriculares relacionadas a prática profissional que “vale ressaltar, ainda, comprovou-se, em certa medida ‘a morte do impresso’, a migração do impresso para o digital em se tratando das oportunidades de estágio.” (Piva de Carvalho e Alves da Silva, 2020, p.83).

Por tanto, não há uma total desaprovação do Jornal QO, na visão dos discentes, sobre a formação profissional que ele pode exercitar. Ao menos, nesse ponto, o Jornal QO vai na linha contrária apontada por Elias Machado (2021) que “Os laboratórios de ensino, na prática, são espaços para a reprodução de técnicas padronizadas, sem muitos espaços para inovações e experimentação de práticas narrativas, de apuração ou de gestão de empreendimentos jornalísticos.”. Há uma série de variáveis que ocorrem em cada turma que podem mover a produção de uma forma mais ou menos enquadrada nos anseios que existem durante a prática laboratorial frente aos processos de rotina, atualmente, majoritariamente digital.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a investigar o Jornal QO trazendo subsídios que venham destacar o seu papel na formação profissional do jornalista da UFPB. Ao levantar os conceitos de jornal-laboratório e seu impacto nas atividades de pesquisa e extensão, foi encontrada uma ferramenta didático-pedagógica que deve ter compreendida além da simples atividade acadêmica, mas na criação de ambientes de experimentação da atividade jornalística desde o ensino na graduação.

Contudo, é importante reafirmar o que é um jornal-laboratório em sua prática no Jornal QO, não só buscar posicionar dentro de um debate de raízes teóricas. Como também, ir além de uma construção analítica por critérios quantitativos que possam mensurar, através dos conteúdos ou da parametrização de dados, a sua relevância. Por este estudo de caso que, identificando o seu processo contínuo, apresenta diversos indícios de seu objetivo existencial, e por tantas camadas, possui em si elementos que identificam de forma complexa a natureza de uma produção acadêmica longa e multifacetada, que só são identificáveis dentro de múltiplas técnicas e abordagens, constituindo assim o fenômeno de formar profissionais aptos a iniciar o entendimento do que é ser jornalista.

Se olhar o conceito pesquisado sobre jornal-laboratório, será compreendido que ele se mantém no tempo e espaço ao princípio da formação profissional, sendo suas aplicações moldadas pelos diversos elementos que o compõe. É modelado pelos docentes e remodelado pelos discentes na medida que dão vida à produção, entre a necessidade do mercado, nas evoluções tecnológicas e nas experimentações que contribuem para uma visão mais ampla do fazer jornalismo. O que as pesquisas revelam sobre a história do jornal-laboratório no ensino de jornalismo no Brasil é sua natureza mutante.

Quando Lopes (1989) traz os conceitos de produção de uma atividade que está além da visão dicotômica de teoria e prática, surge possibilidades de análises distintas, com múltiplas ferramentas metodológicas, a formação dos jornalistas. Quanto a uma pedagogia para o jornal-laboratório, Vieira Júnior (2002) mescla a necessidade de uma organização, com diretrizes profissionais pré-definidas, aplicação de conceitos de manual de redação. O equilíbrio, ainda na graduação, entre a formação técnica e as responsabilidades sociais foram o tom que ele buscou em sua proposta.

Todavia, não só de um padrão de texto que o produto jornal-laboratório é analisado. Mota (2007) demonstra analisando as produções gráficas que o ambiente de experimentação também traz suas referências do que já praticado, mas uma falta de aprofundamento quando as

linguagens visuais na sua relação com o público-alvo das produções. A questão de público-alvo vai justamente na avaliação de Policeno Filho (2008) sobre a transformação dos jornais-laboratórios em *house-organ* das instituições de ensino, ou passo que Santos (2010) enxerga como positivo a compreensão que os jornais-laboratórios podem trabalhar como agências de notícias por estar dentro das atividades profissionais que os estudantes podem exercer.

Todavia, esta pesquisa encontrou mais que discussões sobre o conceito, a prática, a forma e o modelo. Oliveira (2010) aprofunda as questões do dia a dia nos critérios linguísticos e de escolhas que surgem nas relações dicotômicas de editor docente e do jornalista discente. E, enquanto o assunto era tangenciado em outras pesquisas como mais uma onda do efeito temporal que a tecnologia influencia no fazer jornalístico, Anunciação (2013) costura o ensino de jornalismo ao novo contexto de convergência.

As produções dos jornais-laboratórios não estão limitadas as decisões puramente econômicas, mas são alcançadas pelos impactos existentes nos modos de se fazer e de como se manter relevante enquanto formação profissional. Ora, com a extinção da obrigatoriedade do diploma em jornalismo, a conformidade aos sistemas de estágio durante a graduação e a profusão de graduações em regime de EaD, as adaptações e a relevância de produções laboratoriais então em rota de colisão com os custos de determinadas escolhas que busquem valorizar alguns critérios específicos do fazer jornalismo além da mera simulação da estrutura mercadológica, como também da experimentação descompromissada com o impacto na comunidade retratada nas publicações.

É uma realidade desafiadora. Ao ver as publicações de artigos e projetos que exaltam as características que os estudantes procuram evidenciar, indo além do padrão mercadológico, também ressoa nos custos de impressão e manutenção estruturas tecnológicas de produção atualizadas (Xavier e Bronosky, 2016). É tentador se inserir na viabilidade de produzir portais de notícias web, com menor custo, e com informações definidas pelo próprio meio que se recebe e publica. Essa forma de apuração, produção de notícias e reportagens difere de investimentos de tempo, deslocamento e criação de material experimental impresso, fora a concorrência de integração e convergência com outras atividades expandidas, como o rádio expandido e o *streaming/on demand* das plataformas de vídeos.

É imperativo pensar como atualizar o jornal-laboratório no fazer sentido da formação profissional crítica do estudante de jornalismo frente atividades de estágio. Piva de Carvalho e Alves da Silva (2020) demonstra na UFPB que as oportunidades dentro do mercado de trabalho buscam moldar dentro do objetivo fim da empregabilidade, os conteúdos mais tecnicamente atualizados, que, por fim exploram a mão de obra para, em parte, manter as estruturas de

trabalho de baixo custo. Questionar se há espaço para um “velho” formato, de jornal impresso, para ensinar jornalismo com uma estrutura mais literária e social, visando a experimentação além da simulação, mesmo que dentro de estruturas já funcionais no passado.

Ao se buscar em Elias Machado (2021), é possível compreender que os órgãos laboratoriais não devem estar limitados a suas vertentes tradicionais, mas aprofundar o debate em relacionar as práticas no corpo curricular da formação do jornalista ao buscar a proximidade da graduação e pós-graduação. Há um ponto de interseção que a formação profissional dos laboratórios pode contribuir no “o que fazer com o jornalismo?”, de Zelizer (2015), também se busca colocar na mesma mesa profissionais, pesquisadores e professores de jornalismo.

Observar como o Jornal-Laboratório Questão de Ordem da UFPB se moldou no tempo, quer seja se aproximando aos *modos operati* do mercado, quer seja rompendo com as visões de estrutura, é algo que valeu este estudo. Achar que o Jornal QO é mais uma atividade disciplinar do curso e não valorizar sua relevância local e suas multiabordagens ao longo do tempo como algo diferenciado. Não é só mais um jornal-laboratório, mas um conjunto de ideias que formam nos docentes que já ministraram a disciplina, uma visão de formação. E, aos estudantes que já escreveram, um batismo.

Além de identificar no Jornal QO essa ferramenta necessária para formação profissional, o resgate de materiais que podem construir uma memória do ensino de jornalismo na UFPB com a digitalização dos jornais e a possibilidade de criação de um acervo do Jornal QO em seus quase 44 anos é algo que valoriza a pesquisa. Disponibilizar tais achados para futuras pesquisas é um passo importante para a UFPB e o PPJ, que não se furta em objetar suas próprias práticas como objeto de estudo e análise.

Se não for da pesquisa brasileira em jornalismo valorizar a memória do ensino em jornalismo, pode ser que tenhamos que sair de uma caverna de conceitos monocromáticos e retroalimentados do que seja ciência no campo da comunicação e do jornalismo. O jornalismo é a testemunha da história, e o berço do jornalismo está em suas formações universitárias. É a partir da valorização do ensino em jornalismo que o diploma universitário terá peso.

Cabe então ressaltar que para tal valor é necessário não só olhar as produções profissionais como dignas de análise, mas criar ambientes de valorização da memória das produções acadêmicas como uma forma de analisar nossa forma de ensinar e formar criticamente os profissionais que vão inovar a prática jornalística, não importando a tecnologia usada ou formado entreposto pelo mercado.

De tal forma, mesmo observando a produção contemporânea do Jornal QO, na edição Tambiá, é possível perceber que há um respeito e admiração pelo fazer jornalismo naquilo que

é sua essência – o jornal. Mesmo uma turma “nascida”, de muitas maneiras, numa era digital e na pandemia da COVID 19, não é em momento algum descartada a necessidade de se buscar, mesmo com alto custo, ter a versão impressa de sua produção.

A pesquisa não conseguiu aprofundar as apropriações teóricas aplicadas no desenvolvimento de jornais laboratórios. Fica como uma das propostas de trabalhos futuros, tendo como base os docentes que trabalham a disciplina, verificar como eles usam os trabalhos teóricos na prática experimental. Nas entrevistas, é possível pensar as relações de forma a confirmar ou não a existência delas caso seja trilhar o caminho da busca dos indícios de teoria e prática nos jornais-laboratórios.

Acompanhar o que se faz, onde se mescla as evoluções tecnológicas às dificuldades de diálogo com o mundo real, faz parte do aprendizado em jornalismo.

REFERÊNCIAS

ALVES, E. **Entrevista B3**, [nov. 2023]. Entrevistador: Rúben Salomão Gomes da Silva. João Pessoa, 2023. 1 arquivo .mp3 (27 min e 31 seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

ANTONIOLI, M. E. Diretrizes Curriculares e cursos de Jornalismo: a formação do jornalista à luz da legislação educacional. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, v. 4, n. 15, p. 6-6, 2014.

ANUNCIACÃO, C. P. **Jornal-laboratório no contexto da convergência**: um estudo empírico sobre ensino de jornalismo. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2013.

AZEVEDO FILHO, C. A. F. **Entrevista B1**, [set. 2023]. Entrevistador: Rúben Salomão Gomes da Silva. João Pessoa, 2023. 1 arquivo .mp3 (29 min e 39 seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

AZEVEDO FILHO, C. A. F.; CABRAL, M. M. L. **Questão de Ordem: jornalismo literário construindo narrativas cidadãos sobre a cidade de João Pessoa**. XIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã - Comunicação, Direitos Humanos e Diversidade, realizada na Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA, 21-23 nov. 2018

BRAGA, J. L. Comunicação, disciplina indiciária. **Revista MATRIZES**, v. 1, n. 2, p. 73-88. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. Resolução nº 2 de 24 de janeiro de 1984. Fixa o Currículo do Curso de Comunicação Social e dá outras providências. **Documenta**, Brasília, n. 278, 1984.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 1 de 2 de setembro de 2013**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=19121&Itemid=866>. Acesso em: 22 jul. 2024

CORREA NETO, A. e REYNALDO, C. **Entrevista B5**, [jan. 2024]. Entrevistador: Rúben Salomão Gomes da Silva. João Pessoa, 2024. 1 arquivo .mp3 (1 h 16 min e 19 seg). A entrevista com cortes encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

DIAS, R. **Entre o humanismo e o tecnicismo**: a experiência do jornal-laboratório e do estágio universitário como prática simulada e assistida. *Conexão-Comunicação e Cultura*, v. 12, n. 24, 2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo. Atlas, 2008

LOPES, D. F. **Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. Summus Editorial, 1989.

MACHADO, E. (2021). As Diretrizes Curriculares como matrizes para inovações nos Cursos de Jornalismo. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**. 11 (29), p. 3-13. 2021.

MALULY, L. V. B. Marcelo Engel Bronosky - O Jornalista da Resistência. **Revista Extraprensa: Cultura, território e novos sujeitos políticos**. v. 9 n. 2, p. 213-217. 2016.

MARTINS, R. B. F. O jornal-laboratório como exercício da prática e teoria na formação superior em Jornalismo. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v. 12, n. 1, p. 84-94, jan./jun. 2012.

MOTA, G. C. **Projeto gráfico em jornal-laboratório: ensaio de novas linguagens ou mimetismo mercadológico**. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudo dos Meios e da Produção Mediática) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/D.27.2007.tde-24042009-162650. Acesso em: 2023-07-14.

NÓBREGA PIVA DE CARVALHO, Z.; VASCONCELOS, V. Ensino de Jornalismo: reformas curriculares, novas configurações e atuação de egressos da UFPB. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, v. 11, n. 29, p. 14-30, 22 dez. 2021.

OLIVEIRA, N. A. F. de. **Jornal-Laboratório: das intervenções didáticas do professor-editor à produção escrita do aluno-jornalista**. 2010. 424 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Londrina, 2010.

OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde. **Histórico da pandemia de COVID-19**. [2020?] [internet]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 14 jul. 2023.

PIVA DE CARVALHO, Z. N.; ALVES DA SILVA, G. Estágio supervisionado no curso de jornalismo da UFPB: análise dos três primeiros anos de implantação. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, v. 10, n. 26, p. 69-84, 24 nov. 2020.

POLICENO FILHO, M. L. **Jornal-Laboratório, Uma Atividade Pedagógica Muito Além Do Exercício de Marketing**. 2008. 178 f. Dissertação (Mestrado em Processo Comunicacionais) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2008.

REYNALDO, C. **Entrevista B2**, [nov. 2023]. Entrevistador: Rúben Salomão Gomes da Silva. João Pessoa, 2023. 1 arquivo .mp3 (51 min e 04 seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

SANTOS, F. de M. dos. **Prática e Aprendizado (a importância da Agência Universitária de Notícias como jornal-laboratório)**. 2007. Tese (Doutorado em Estudo dos Meios e da Produção Mediática) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/T.27.2007.tde-08082007-154536. Acesso em: 14 jul. 2023.

SILVA, R. S. G. da. **Análise de conteúdo do jornal-laboratório Questão de Ordem: edições bairros de João Pessoa (2016-2020)**. Orientador: Carlos Alberto Farias de Azevedo Filho. 2021. 85 f. TCC (Graduação) – Bacharelado em Jornalismo, Departamento de Jornalismo, Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021,

SILVA, R. S. G. da. Análise das capas do jornal-laboratório Questão de Ordem: edições da Pandemia 2021. Intercom, 2022, João Pessoa. **Anais[...]**. João Pessoa: UFPB, 2022.

SOARES, T. **Entrevista B4**, [jun. 2024]. Entrevistador: Rúben Salomão Gomes da Silva. João Pessoa, 2024. 1 arquivo .mp3 (18 min e 16 seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

VIEIRA JUNIOR, A; LOPES, D. F. **Uma pedagogia para o jornal - laboratório**. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002

XAVIER, C.; BRONOSKI, M. Formação superior em Jornalismo e os desafios da prática do jornal-laboratório. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v. 6, n. 19, p. 177-190, jul./dez. 2016.

_____. Rotinas produtivas em jornal-laboratório a partir da experiência do Foca Livre –UEPG- PR. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, v. 1, n. 6, p. 173-185, dez. 2009/mai. 2010.

YIN, R. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução de Daniel Grassi. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZELIZER, B. O que fazer com o jornalismo?. **Brazilian journalism research**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 12–27, 2015. DOI: 10.25200/BJR.v10n2.2014.737. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/737>. Acesso em: 22 jul. 2024.

APÊNDICE A – MODELO DE ENTREVISTA SEMI-ABERTA AOS DOCENTES

1. O que você entende como jornal-laboratório?
2. Qual o papel do Jornal QO na formação profissional do jornalista e no ensino de jornalismo na UFPB?
3. Quanto tempo você trabalha/trabalhou com Jornal QO?
4. Quais as fases do Jornal QO pelas quais passou?
5. Como era a estrutura da UFPB na produção do Jornal QO da sua época?
-
5. Qual a metodologia de ensino/produção que você desempenha/desempenhou?
6. Como a realidade profissional fora da UFPB interferia nos processos do Jornal QO?
6. Existe/existiu uma linha editorial a ser seguida?
7. O que é/era notícia no Jornal QO na sua condução?
8. Como são/eram escolhidos os assuntos que serão/foram pautados?
9. Quem participa/participava da escolha das pautas?
10. Como as pautas são/eram direcionadas?
11. Como se dá/dava a escolha das fontes?
12. Como ocorre/ocorria a apuração?
-
13. O Jornal QO conta/contava com (ou segue como modelo) algum manual, regra ou norma de redação e estilo?
14. Qual é/era o nível de autonomia do repórter (aluno) na produção noticiosa?
15. Quem gerencia/gerenciava a equipe?
16. Como ocorre/ocorria a gestão da equipe?
17. Quais são/eram os cargos dentro do processo de produção?
18. Qual é/era a influência do fator tempo no processo de produção?
19. Os prazos (*deadline*) são/eram respeitados?
20. Qual a periodicidade Jornal QO na sua época?
21. Quantos jornais eram produzidos por semestre?
-
22. Há/havia uma preocupação com a memória dos jornais?
23. Onde são/eram arquivadas as edições anteriores?
24. Como se dá/dava a distribuição dos jornais?
25. Quem participa/participava da etapa de distribuição?
26. Qual é/era o público específico do jornal?
27. Existe/existia reunião de avaliação do processo de produção de cada jornal?
28. Como acontecem/aconteciam essas reuniões de avaliação?
29. A produção está/estava aberta à participação do público-leitor?
30. Como ocorre/ocorria a participação do público-leitor?

APÊNDICE B – ENTREVISTAS TRANSCRITAS
ENTREVISTAS COM DOCENTES e EX-DOCENTES

Arquivo: B1 – Prof. Carlos Azevedo

Tempo de gravação; 29 min e 39 seg

Realizada em 16 de setembro de 2023

Obs. Entrevista realizada via Meet do Google através da conta acadêmica do mestrando, ativa no momento, para uso acima e 1 hora e capturada localmente por programa OBS Studio.

Identificação: Prof. Carlos Azevedo, atual professor da disciplina de oficina de jornalismo impresso do curso de Jornalismo da UFPB.

Pesquisador: A matéria dessa entrevista é dar um registro histórico do Jornal QO também é contar um pouco da produção e das experiências que estão acontecendo. No caso, como o senhor é professor nesse momento, então as perguntas são mais sobre o presente, mas eu vou repetir elas também para os professores que também deram aula. A primeira pergunta é, o que o senhor entende como um jornal-laboratório?

Prof. Carlos: No caso da UFPB, o jornal-laboratório, ele é uma prática que é feita pelos estudantes na metade do curso. E como prática ele tem a confecção de um produto e esse produto, no caso, pode ser também o digital ou impresso. No caso, a gente vende a tradição de sempre tentar manter o impresso, porque o impresso tem uma certa tradição, tem um certo prestígio ainda na sociedade. Então eu acho que o laboratório eu definiria como local de experimentação. Em que o estudante fosse capaz de experimentar linguagem e possibilidades também de errar. Coisa que no mercado não se permite. No mercado você tem que acertar. Aqui você pode errar, aprender com os erros também.

Pesquisador: Então, o papel do QO na formação profissional do jornalista no curso seria justamente isso, ter um local de erro para errar, para testar.

Prof. Carlos: É, eu acho que o laboratório ele deveria ser mais cedo. Não na metade do curso, eu acho que logo no início, no segundo, terceiro período, para que os estudantes pudessem logo ou ter um outro laboratório de introdução ao jornalismo para que não demorasse tanto. É muito comum quando o pessoal termina o laboratório eles colocaram e diz, olha, foi minha primeira experiência em jornalismo. Quer dizer, dois anos se passaram e a pessoa não teve nenhuma experiência no curso de jornalismo, então eu acho que deveria ser logo, logo no início. Isso é uma prática para as diversas da linguagem também.

Pesquisador: A quanto tempo que o senhor trabalha diretamente com o jornal-laboratório é a sua primeira vez o laboratório o senhor já teve alguém experiência antes?

Prof. Carlos: Quando eu fui professor da Universidade Estadual da Paraíba, UEPB, em Campina Grande, e trabalhava com reportagem lá. Infelizmente, dadas condições de ir lá da universidade a gente nunca conseguiu imprimir um jornal. E quando eu vim para cá e fiz concurso, mais ou menos 2011, eu vim para o Departamento de Comunicação e no departamento não dava aula em Jornalismo, eu dava aula em RP [Relações Públicas], eu dava aula em Rádio e TV, dava aula em Arquivologia e Biblioteconomia. Com a criação do Departamento de Jornalismo, é eu vim para cá, para o departamento de jornalismo e o professor Edônio, que editava o jornal-laboratório, ele se afastou para ser chefe e passou para mim a tarefa de editar e de dar a disciplina de oficina de jornalismo impresso. Então isso foi em 2016, se não me engano. Então desde lá, desde 2016 eu venho trabalhando com os alunos a confecção do Jornal Questão de Ordem. Então o jornal é parte da atividade da disciplina oficina de jornalismo impresso.

Pesquisador: Mudou alguma coisa na estrutura quando você entrou? Houve algumas modificações até agora do teu período? O que que mudou na estrutura de produção do jornal?

Prof. Carlos: A única coisa que não mudou foi o nome. Mas assim, quando eu entrei, a recomendação é que a gente não tirasse o aluno de dentro da universidade e que para o aluno era perigoso estar nas ruas, com os estudantes e tal. E a primeira coisa que eu fiz foi tirar o aluno de dentro dos muros da universidade. Porque era um jornal sobre o campus universitário. Era não era um *house-organ*, mas era um jornal que refletia as precariedades da universidade pública, os diversos contextos. Em relação a tirar o jornal de dentro da universidade, eu tive a ideia de fazer o bairro da cidade. Ao faz o jornal circular pelos bairros da cidade, bairros nobres, mais nos periféricos, bairros classe média. Isso trouxe a outros estudantes um contato maior com a realidade, um contato maior é com a prática real. Mesmo entrevistando pessoas, elevando “não”, pegando em cachorro, cachorro querendo pegar você, levando chuva e levando Sol. Então foi essa minha contribuição também de trazer o jornal comunitário muito ancorado na tradição do jornalismo literário.

Pesquisador: Essa é a metodologia que você aplicou no caso. A realidade profissional fora da UFPB interferiu um pouco na produção do jornal?

Prof. Carlos: Tem um caso bem interessante em que o jornal A União é durante um período, eu acho que talvez até por uma influência de alunos que foram estagiar lá e já tinham passado pelo QO, ele fez uma série de matérias sobre os bairros também. Era curioso, tinha uma página só sobre os bairros de João Pessoa. Aí eu acho que é um caso bem interessante em que a academia consegue influir nos meios. E geralmente o movimento, é inverso. Aí você querendo reproduzir o que acontece nos meios e você tentando dar uma dinâmica do que acontece no mercado de trabalho. Mas nesse caso ficou interessante porque a gente viu o pessoal fazendo o que a gente fazia. Isso dava muito orgulho. O pessoal dizia: “eita, professor, estão fazendo sobre o de Jaguaribe”. Então foi uma série que o jornal A União também fez.

Pesquisador: E você acha que existe uma linha editorial bem clara do Jornal QO?

Prof. Carlos: Não. Porque o jornal é, por exemplo, vou dar um exemplo aqui. Isso aqui é um formato revista, ó, tá vendo? [mostra a edição do Jornal QO de 2010 conduzida pelo Professor Thiago Soares]. Aqui é sobre Raquel de Queiroz e esse outro [Mostra outros exemplar de 2010]. É sobre Euclides da Cunha, então foram professor Thiago Soares, que hoje está na UFPE. A cada um deixa um pouco de como pensam o jornalismo e sua marca também no

Questão de Ordem. Então, se você pegar várias edições, cada edição tem um contexto diferente, um contexto de produção diferente.

Pesquisador: No caso do seu período, você imprime que linha editorial?

Prof. Carlos: Eu acho que a linha editorial é geralmente uma linha mais ligada à história da cidade, ao local, a valorização do saber local e em busca de histórias de pessoas anônimas que geralmente não sai em jornais tradicionais, não sai pessoas anônimas que têm algum contato também.

Pesquisador: O que a notícia no QO hoje, então?

Prof. Carlos: Eu acho que não trabalhando mais com notícia. A gente trabalha com reportagem, com relatos. Então, às vezes o relato ele atravessa os gêneros, atravessa os gêneros de forma tranquila. Ele hibridiza os gêneros dentro da escrita do Questão de Ordem.

Pesquisador: E os assuntos são escolhidos com a participação da turma. Como é que é o processo de escolha desses?

Prof. Carlos: O processo é o seguinte, a gente escolhe um bairro. Geralmente quando a gente mostra, pergunta onde cada um mora, tem aluno que não conhece a cidade, porque é de fora. E a gente faz a escolha do bairro, depois a gente faz uma série de 3 ou 4 diversas no bairro. Percorrendo as ruas do bairro, no caso de Tambiá, a gente percorreu todas as ruas, porque é um bairro pequeno e a gente mapeou 100% do bairro, mas no caso de bairros grandes, a gente percorre as ruas principais a procura de histórias do bairro, à procura dos problemas do bairro, à procura também de personagens que só têm nesse bairro.

Pesquisador: Na questão da própria criação da reportagem, além da procura dessa criação de assuntos, como é que feita a apuração? Porque nem sempre, às vezes, você pega uma fonte e precisa apurar se aquela informação tem alguma base ou não, ou alguma fonte tem algum problema. Como é que você vê na nesse período agora, como está sendo a apuração do Jornal QO?

Prof. Carlos: Divide o grupo dentro da editoria, a pessoa que vai ficar como editor geral, quem vai ficar como como fotógrafo e os repórteres. Cada repórter escolhe seu assunto e cada assunto ele é abordado de forma pessoal também. Às vezes você pega um texto em que as pessoas se colocam, a pessoa narra. Inclusive, teve uma pauta que a pessoa buscou, buscou e não conseguiu, então disse “escreva sobre sua busca, sua procura”. Então é bem interessante isso. Cada pessoa define o seu modo de escrita e seu texto. Então o texto é uma coisa muito pessoal no Questão de Ordem.

Pesquisador: E com respeito a algum manual, regra de edição. Tem alguma coisa que é que seja específico, uma regra, um manual, uma norma?

Prof. Carlos: O Jornal Questão de Ordem já teve um manual de redação na época do Professor Alarico e com o professor Carmélio, inclusive eu tinha esse manual e uma compilação de outros manuais. Eu acho que o jornalismo se perde quando estabelece manuais, regras, ele burocratiza

a sua atividade. E a gente não tem manual de redação, a gente não trabalha com nessa linha de estabelecer uma padronização do texto.

Pesquisador: Você falou da questão já da autonomia do aluno, que ele tem uma total autonomia, e a questão da gerência de equipe, quem gerencia equipe?

Prof. Carlos: É interessante que, o professor ele só supervisiona o trabalho todo, mas assim o editor, ele que supervisiona a equipe, ele que vai estar cobrando [sic] dos colegas, ele que vai estar vendo [sic] o ritmo de produção. O editor, junto com o monitor também e o professor, a gente faz algumas definições, quais serão algumas escolhas, por conta do tempo, são apenas 4 meses. Mas, assim, devido à falta de condição de ter não ter um carro, de não ter equipamentos. Então a gente está sempre improvisando, está sempre tentando suprir as deficiências.

Pesquisador: O tempo então influencia bastante a produção, o processo ou você acha que o tempo é bem elástico, com respeito ao Jornal QO. É um jornal para um semestre no máximo. Já teve 2 jornais para um para um semestre. Em comparação com o mercado, o fator tempo, ele é um pouco diferente.

Prof. Carlos: Na verdade o tempo depende de cada turma. Tem turmas que fazem um jornal, dois jornais e mais uma revista. Teve uma turma que chegou a fazer dois jornais sobre dois bairros e ainda fez uma revista. Tem turmas que o parto é difícil, mas assim sempre a gente busca chegar ao final do semestre com um produto pronto. Algumas vezes a gente não consegue, mas, por exemplo, durante a pandemia a gente conseguiu mesmo, cada um em seu lugar, a gente fazer dois jornais sobre a pandemia.

Pesquisador: Só para fechar a questão dessa produção, do tempo e tudo mais. O *Deadline*, como é? É mais rígido, não é? O quando você percebe a questão desse prazo de entrega?

Prof. Carlos: A gente trabalha com um produto artesanal. O teor, ele não é industrial, ele é um produto artesanal, é um produto de uma experimentação. Então, a gente tem que ter consciência que a gente não está espalhando o mercado. Eu acho que a gente não tem essa pretensão de espelhar o mercado. A gente tem a pretensão de fazer uma coisa bem-feita dentro de um prazo que é relativamente mais longo em relação a uma vivência profissional. Mas existe também um processo de aprendizado que deve ser trabalhado ao longo do semestre. Às vezes o aluno volta quatro vezes no mesmo lugar para falar. Já ocorreu nesse semestre passado que a aluna teve que ir quatro vezes ao mesmo local e dizer, a matéria não está boa, a matéria falta personagem, então a matéria vai crescendo ao longo desse tempo também.

Pesquisador: Sobre a Memória do jornal.

Prof. Carlos: A memória como toda a questão da memória no Brasil, ela é difícil porque a gente vive em meio a precariedades e, às vezes com o próprio digital também. Às vezes a gente tem problemas, tenta preservar algumas edições, mas assim, as condições que a gente tem são bem complicadas. A gente não tem como imprimir o jornal, as vezes a burocracia não deixa, às vezes não tem dinheiro, mas assim são coisas que a gente vem enfrentando. E eu acho que é importante esse seu trabalho, porque é um trabalho que faz o resgate também da memória e é interessante. É que eu percebo que durante a minha estada aqui no jornal-laboratório. Eu sempre pensei de articular a produção do conhecimento sobre o jornal, então registrar a existência também do jornal dentro do pensamento acadêmico de comunicação. Então por isso que é importante o seu trabalho de graduação e o seu trabalho também no mestrado e depois

no doutorado, porque a gente precisa registrar também a existência dessas propostas de jornalismo ao longo do tempo na universidade pública.

Pesquisador: Eu fico honrado, mas só devolvo todo o investimento e tempo que foi dedicado, é honrar que nos honrou. A questão de como são arquivadas as edições anteriores é um pouco complexo, como o senhor falou.

Prof. Carlos: Sim.

Pesquisador: E como é que dá a distribuição do material que é produzido? Imprime quantos jornais e como é que eles são distribuídos?

Prof. Carlos: Em média, a gente imprime os 4 fardos de jornal, equivalem a mais ou menos 900 jornais. E tem aluno que diz “eu sou jornalista, não sou jornaleiro, eu não vou entregar”. E eu digo par ao aluno que “é preciso que você volte lá naquela pessoa, naquele pescador da Penha que você entrevistou e você olhou informação que você às vezes tomou até café na casa dele e você volta com seu produto e pronto impresso e entregue o jornal a ele”. Uma vez a gente fez o jornal do Jaguaribe e a gente distribuiu o jornal na feira e foi um momento na feira de Jaguaribe funcionando na quarta e uma menina levou ao jornal. E quando ela viu a foto dela impressa no jornal, quando ela viu a entrevista que ela tinha dado para o jornal, ela caiu no choro de emoção. Ela se emocionou muito. Então era uma coisa muito emocionante. Eu já distribuí jornais na Penha, à noite, então eu sempre deixo os jornais em livrarias, como a livraria do Luís, em sebos. Então o meu carro sempre tem jornal para levar. A gente faz de tudo para que as pessoas conheçam o nosso trabalho. E, de certa maneira, o jornal já é bastante conhecido. Nas livrarias, nos recantos, mas que são menos acadêmicos também.

Pesquisador: É, é e qual o público tão específico do jornal público-alvo, no caso?

Prof. Carlos: O público-alvo do jornal, na verdade, nesse projeto que eu estou fazendo é o próprio bairro, para que o bairro se conheça, para que o bairro entenda esses problemas, então, por isso há a necessidade. São da distribuição dos exemplares no bairro. Nas escolas, no bairro em si, então é preciso a gente. Passa por lá, mas a gente retorna com. Às vezes não dá, mas sempre priorizo a gente. Voltar ao bairro para distribuir. Alguns alunos não gostam de distribuir jornal. Diz que é papel menor, mas isso às vezes eu digo “olha, gente, isso é o nosso produto. Então vamos levar nosso produto de onde a gente conseguiu construir nosso produto, a gente leva ele [sic] de volta.”

Pesquisador: Eu já estou caminhando já para o final e eu vou fazer algumas perguntas que assim é, porque o modelo do jornal é um pouco diferente, mas eu só para poder ter essa questão histórica mesmo, que é a questão de como é que existe uma reunião de avaliação do processo de cada jornal, de como é que é feito, como é que se dá essa passagem de informação.

Prof. Carlos: Assim, a universidade ela possui sistemas de avaliação quando o aluno termina o semestre. Terminou e semestre que vem o aluno tem que avaliar o professor e o aluno se autoavalia e avalia o professor. Mas também, às vezes a gente tem, quando dá, uma avaliação do produto, quando o produto consegue chegar pronto, antes de terminar o semestre. Às vezes a gente não consegue, a gente não tem essa dimensão também autoavaliação e da avaliação. Isso é feito às vezes dentro do SIGAA [Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas] que é um sistema acadêmico. Mas assim, eu acredito que alguns alunos dizem que foi uma experiência muito boa, outros dizem que foi mais uma cadeira, mais uma

disciplina. Eu acredito que a gente consegue pelo menos plantar esse início de trajetória no jornalismo e depois eles vão para o laboratório de Rádio, o laboratório de Televisão, laboratório multiplataforma e às vezes a gente também vê o relato do estudante que chega para a gente, diz, olha, obrigado, professor, pela contribuição na minha carreira.

Pesquisador: É a questão de participação do público leitor? Existe alguma abertura do público leitor que você acha que tem esse retorno de quem leu o jornal ou isso ainda não está desenvolvido?

Prof. Carlos: Eu acho que a gente tem que melhorar na parte digital para que a gente tenha um feedback melhor. Mas assim, tem algumas pessoas que chegam e diz: “Cadê meu jornal? Eu tenho uma assinatura do QO, eu gosto, que bairros estão?” Então aí tem essa coisa. Alguns professores aqui da universidade gostam muito, professores de Geografia, professores de História, que também a gente dialoga muito com a Geografia, com a História. Então a gente tem, de certa maneira, um público, um leitor interessado já dentro da universidade e fora dela. O digital é o mundo. Recentemente, eu apresentei um trabalho num Painel sobre a prática de jornalismo durante a pandemia que foi promovido pela UNESCO. Então estavam experiências lá do Irã, davam experiências da Índia, do Brasil, do país em desenvolvimento ou países que que praticam o ensino do jornalismo. E o pessoal ficou muito interessado e disseram, nossa, como é que vocês conseguiram fazer um jornal durante a pandemia? Eu disse, eu nem sei, acho que foi uma vontade muito grande de fazer e a gente conseguiu.

Pesquisador: As perguntas que estão diretamente que eu vou repetir, tá para os outros docentes, mas tem um questionamento que é importante que é mais contemporâneo que é a vaquinha para poder imprimir o jornal. O abaixo assinado para imprimir o jornal e essa dificuldade de impressão, essa dificuldade de manter o jornal também impresso e não somente digital. A maioria dos jornais ou transacionaram totalmente o jornal-laboratório para o formato digital, alguns nem tem mais um formato do impresso. Então como você vê essa questão da convergência e essa dificuldade de impressão?

Prof. Carlos: É, eu acho que a dificuldade de impressão ela constante porque a universidade tem um rito também de compra, um ritmo também próprio. E esse ritmo de licitação, do pregão, de resolução, de questões burocráticas, não bate com o jornalismo. Então às vezes a gente está com a edição pronta, mas não tem o recurso licitável, o recurso mesmo para imprimir. As vezes os alunos se juntam e falam para imprimir. mas eu sou também uma pessoa que vai atrás. Além de ensinar, de ir para a rua, de editar o jornal, eu sou uma pessoa que fica responsável de ir buscar lá na [gráfica do jornal] A União, de carregar o jornal nas costas para guardar de tentar resolver essa parte burocrática. Ultimamente está mais difícil a gente lidar com essa parte burocrática, mas acredito que ela é essencial também. A gente poder ver o jornal impresso, eu acho que é fantástico. Semestre passado eu pedi as chapas de impressão lá na união para que cada aluno tivesse a chapa de impressão. E eles ficaram muito contentes, porque eles conseguiram ver sua matéria ali na chapa é um privilégio, aquilo ali está a história está impressa

Pesquisador: Para finalizar, o que o senhor gostaria de dizer com respeito ao Jornal QO e sua história. Como o senhor está como professor atualmente, como você o projeta? É a questão da mudança curricular? Porque vai ter uma mudança curricular no curso jornalismo. E como é que ficaria, como é que vai ficar o senhor?

Prof. Carlos: Assim em relação à mudança curricular não é uma coisa que dependa só de um professor, depende do coletivo. Então, a gente fez algumas mudanças curriculares já, mas não

mexeu no jornal, ainda na estrutura da disciplina que mantém o jornal. Eu acho que é um jornal que tem já uma tradição, já formou vários jornalistas. Outro dia estava vendo o Rubens Nobre falando e Donato Bandeira, o Renato Bandeira já foi o secretário de comunicação estava falando que fez o jornal fez. Então o jornal que tem mais de 40 anos e que é um jornal que passou por diversas fases da universidade, as dificuldades e é um jornal que se mantém apesar de todas as dificuldades. Então eu acho que esse projeto eu acho que o projeto deve ser mantido. Até mesmo quando eu deixar essa disciplina, o filme, outras pessoas vão continuar, cada um ao seu modo e cada um trazendo uma contribuição para a formação dos jornalistas.

Arquivo: B2 – Prof. Carmélio Reynaldo

Tempo de gravação; 51 min e 04 seg

Realizada em 9 de novembro de 2023

Obs. Entrevista realizada via Meet do Google através da conta acadêmica do mestrando, ativa no momento, para uso acima e 1 hora e capturada localmente por programa OBS Studio.

Identificação: Prof. Carmélio Reynaldo, aposentado pela UFPB.

Pesquisador: Muito obrigado pela presença do senhor, sou Rúben Salomão. Prazer, sou aluno do mestrado do PPJ e sou orientado pela professora Paula Paes e objeto de estudo é justamente a formação profissional do jornalista através do jornal-laboratório no caso da UFPB ou questão de ordem, é um estudo de caso e uma das ferramentas de estudo de caso é justamente as entrevistas, que servem para dar esse embasamento histórico e preenchem essas lacunas, que é a parte documental deixa passar.

Eu vou fazer algumas perguntas que eu já fiz essa entrevista com o professor Carlos Azevedo, que é o atual titular da disciplina e que está à frente do jornal-laboratório hoje, e algumas perguntas específicas com respeito à parte histórica. E aí eu gostaria de fazer já essa primeira pergunta, a parte histórica que o senhor até recentemente no [Podcast] Observatório Convidou professor Carlos para uma entrevista que foi legal, que o senhor falou que na primeira turma é que começou a efetivamente o jornal. Mas aí, nos registros que eu tenho aqui do currículo, não tem dizendo qual semestre inicia. Então eu não tenho nem como dizer em ano, no ano tal começou. É o senhor se lembra? Como é que?

Prof. Carmélio: Lembro, lembro porque foi o seguinte, na época, a estrutura curricular a gente não tinha o TCC, trabalho de conclusão de curso, tinha estágio. E o estágio poderia ser feito, inclusive o estágio de estudante de jornalismo, na época, era proibido em empresa. Empresa é, digamos assim, empresa de comunicação. Então, tinha que ser dentro da própria universidade ou em algum órgão público. Só que a turma resolveu. É uma turma resolveu fazer um jornal-laboratório e outra turma, quer dizer, um grupo de alunos resolveu se dedicar ao jornalismo impresso e outro grupo ao radiojornalismo. O grupo do radiojornalismo fez um programa de rádio, como fosse também um programa laboratório, digamos assim, ele não foi veiculado em nenhuma emissora. E a turma de jornalismo impresso, que ficou comigo fez o Questão de Ordem, isso foi no segundo semestre de 1981.

Prof. Carmélio: 81, foi a turma que entrou no segundo semestre. Foi a primeira turma que entrou no primeiro, no segundo semestre de 1977. E aí, em 1981, essa turma concluiu. Eu ainda preciso checar direitinho. Se se a gente não teve alguma greve, alguma coisa assim que

atrapalhou um pouco o calendário, mas foi no último período letivo da primeira turma que entrou em 1977, que era a minha turma também. Porque eu entrei na primeira turma e me formei em letras em 1979, eu já era jornalista. Aí abriu o concurso. E eu entrei e me colocaram para ser professor da minha turma, da turma da qual era aluno, entendeu?

Pesquisador: Ah que legal

Prof. Carmélio: Era uma turma muito boa. A gente conseguiu fazer inclusive uma façanha que nenhum outro, nenhuma outra turma conseguiu. A gente conseguiu fazer 6 exemplares, tiramos 6 tiragens, fizemos 6 números do [Jornal] Questão de Ordem, com tiragem semanal. Semanal, consecutiva, entendeu? Tanto que a gente, a gente criou uma carga horária extra, porque a gente tinha, a gente se encontrava no sábado pela manhã na universidade para fechar o jornal. E era o seguinte, Rúben, eu era o professor orientador, eu não fazia o trabalho, turma fazia tudo. Diagramação, edição, reunião de pauta. Era tudo feito pelos alunos.

Pesquisador: Isso é muito bom, muito bom saber, porque, é óbvio, cada professor tem uma atitude ou um pouco mais de interferência ou segue uma linha editorial. Obviamente essa primeira turma teve esse posicionamento, mas com o tempo eu até vi que 85 teve um novo currículo. É onde tem a primeira vez que que é descrito como item mesmo “Jornal-laboratório” e o que tinha que ter no jornal-laboratório. Em 85 fala que “tinha que ter pelo menos um mês por aula, tem que editar um jornal-laboratório, pelo menos um mês de aula com no mínimo 8 páginas, cada um no formato tabloide ou standard, tais veículos poderão ser impressos em gráfica própria ou contratada é cuidando, no entanto, que a prestação papel tipologia corresponda com o produto usual da indústria jornalística regional.” (lendo o currículo de 1985). É legal porque tem esse cuidado, o jornal-laboratório, ele tem que ter a mesma estrutura que o que no mercado regional e é principalmente a gente sabe que, naquela época não tinha estágio fora, então era a forma da formação profissional estar relacionada tanto no curso como também no mercado. Como você vê essa questão de dessa obrigatoriedade? Dava para cumprir essas tiragens?

Prof. Carmélio: Olha, era difícil. No nosso caso, a gente também teve a sorte de o diretor da editora universitária, da gráfica universitária, que na época era a gráfica não era editora, era um jornalista também e foi uma das pessoas que lutou pela implantação do curso de comunicação, era José de Moraes Solto. É quando a gente preparou a primeira edição. Aliás, não, porque é o seguinte, é se fazia jornal-laboratório numa na disciplina jornalismo impresso. Nesse caso, o jornal-laboratório se chamava O BEERRO

Pesquisador: E é isso que falar, o nome Questão de Ordem, não foi o foi o primeiro? Foi como é que era?

Prof. Carmélio: Não, não foi. Não foi O BEERRO. O primeiro foi O BEERRO que eu cheguei a participar como aluno da feitura. Então, havia um problema lá na editora que os funcionários da gráfica, o diretor, digamos assim, o diretor, não, o chefe da oficina da gráfica colocava dificuldade para fazer. Então, quando nós chegamos com o projeto do jornal

semanal, aí é claro que ele botou dificuldade. Só que “Zé Solto” tinha sido o diretor de jornal. Ele entendia de gráfica mesmo. Aí ele chegou para o cara e disse, “olha, a máquina tal faz uma tiragem de tantos exemplares, não sei o que.... a máquina tal faz uma tiragem de tantos impressos por minuto... máquina tal faz tantos impressos por minuto. Qual é o problema então de fazer de tirar 500 exemplares dessa coisa aqui se vocês fazem isso em 1 hora e meia, coisa assim”. E a gente propunha também um modelo diferente que era para imprimir em *offset*, mas a composição, haveria problema na composição que, é um pouco complicado para você, porque você não conhece como era, mas era o seguinte: A composição era ainda feita em linotipo, linotipo é o seguinte, você digitava num teclado, agora você tem uma máquina enorme que era quase como se fosse uma siderúrgica, porque você colocava lá o chumbo, uma barra de chumbo, ela derretia dentro da máquina e saía o carimbozinho de uma linha de texto, e elas iam saindo consecutivamente. Já saía a coluna, pronta como fosse o carimbo, aí colocava, montava na máquina. Então eles faziam isso, imprimiam um exemplar e aquele exemplar era fotolitado, a partir do fotolito ia pra máquina *offset* e imprimia em *offset*. Isso apressava muito o processo. E isso aí foi uma coisa até que eu propus, porque uma das dificuldades que o pessoal estava colocando era justamente para fazer essa impressão em *offset*, a composição, porque aí só tinha uma máquina para digitar para diretamente para *offset*, essas coisas. Mas havia muitos linotipos. Então, na época do O BEERRO, eu propus que fosse feito assim, ou seja, a composição era a quente, e fazia uma impressão e depois botava na máquina para *offset* rodar O BEERRO Então, quando chegou o Questão de Ordem a gente já tinha essa solução.

Pesquisador: Só para entender, a turma de 81 fez O BEERRO?

Prof. Carmélio: Turma de 81 fez o Berro também, mas, eu acho que, no terceiro período letivo. Terceiro ou quarto período, eu acho que foi no terceiro, foi no terceiro período. Aí essa turma depois, como o estágio, digamos assim, o correspondente ao estágio, fez fazer o jornal no final do período letivo. Ou seja, a disciplina jornalismo impresso estava na grade no terceiro ou no quarto período, não me lembro bem. Então aí a gente fazia na disciplina O BEERRO

Pesquisador: Então, na disciplina era O BEERRO e o Questão de Ordem era o foi o trabalho de conclusão de curso. Então. 2 jornais.

Prof. Carmélio: Exatamente. 2 jornais, exatamente.

Pesquisador: Interessante isso porque o jornal-laboratório, na verdade, era O BEERRO e o Questão de Ordem o projeto de final de curso

Prof. Carmélio: Mas eram também, saiu inclusive “Jornal-laboratório do curso de comunicação social da Universidade Federal da Paraíba.” Eram 2 agora, sendo que diferentes de disciplina

Pesquisador: Tinha abordagem diferente quem estava no O BEERRO? O professor que dava disciplina no O BEERRO, o senhor lembra quem?

Prof. Carmélio: Eu acho que um deles foi Alarico Correa Neto, que ainda é possível você, você falar com ele, porque Alarico também fez o Questão de Ordem.

Pesquisador: Vou aproveitar até como ponte, né, para poder aproveitar e marcar uma entrevista.

Prof. Carmélio: Foi exatamente Alarico Correa Neto e Jorge Machado, que infelizmente já faleceu. Eu, como eu, fui aluno de António Fausto Neto, que hoje está na Unisinos, foi o primeiro a fazer O BEERRO. Eu acho que foi justamente Fausto Neto, que hoje está na Unisinos. O pessoal do PPJ teve ter o contrato dele

Pesquisador: É interessante, interessante isso. Então é até bom porque ninguém conta essa parte, esse detalhe que tinha 2 jornais. Isso é muito legal. A partir de 81, então, continuou tendo 2 jornais, O BEERRO e o Questão de Ordem. Houve um período de unificar, não? Você lembra que até quando ficou mais ou menos assim?

Prof. Carmélio: Bom, eu acho que quando o Questão de Ordem circulou, aí O BEERRO acabou. Aí a disciplina jornalismo impresso não fazia mais jornal, porque eu cheguei também a ministrar jornalismo impresso sem fazer jornal. Nesse, no segundo currículo, que foi esse justamente de 85 aí foi que o Questão de Ordem passou a ser o jornal-laboratório da disciplina que aí foi criada, porque antes a disciplina era só jornalismo impresso. Foi criada a disciplina laboratório de jornalismo impresso, então Questão de Ordem foi levado para ela.

Pesquisador: Eu estou, eu estou vendo (olhando o currículo de 1977) justamente aqui é que tem a língua portuguesa 4 para o jornalismo impresso, que era acho que uma é pré-requisito. E aí jornalismo impresso, que aí tinha 90 horas, 8 créditos, aí tinha que ter como pré-requisito. Era a técnica de técnica de reportagem, entrevista e pesquisa. Aí, no currículo de 85 o jornalismo impresso, a disciplina começou a ser o jornal-laboratório que oficialmente o Questão de Ordem.

Prof. Carmélio: Exatamente, e aí a disciplina era o laboratório de jornalismo impresso. E que hoje em dia a oficina de jornalismo impresso.

Pesquisador: É que aí foi mudando aí currículos pra frente, vai mudando. De 1985 o senhor foi professor de jornalismo impresso nessa época, até mais ou menos quando?

Prof. Carmélio: Quando eu assumi a gerência da Rádio Universitária, eu não era diretor, eu era responsável pela programação e o radiojornalismo. Aí assumi também radiojornalismo. Eu acho que foi Alarico quem ficou, David Fernandes também. Eu acho que Davi Fernandes, inclusive, dividiu com Alarico essa disciplina. Porque essa disciplina ela envolvia você ter conhecimento da parte de artes gráficas e da parte da redacional mesmo. E nesse caso, Davi tinha conhecimento da parte de artes gráficas e Alarico que não tinha. Eu tinha por que antes de entrar para a universidade, eu fui editor de cultura do jornal O Norte, e como meu horário,

era difícil de encontrar um diagramador disponível, aprendi a diagramar. Então eu fazia a edição e diagramava. Tive condições de ensinar as 2 coisas quando assumi jornalismo impresso.

Pesquisador: O senhor assumiu mais ou menos quando?

Prof. Carmélio: Eu acho que foi logo depois de 81. Eu entrei e fiquei até 83, foi justamente quando a Rádio Universitária começou a funcionar. Aí eu fui para a radiojornalismo.

Pesquisador: E aí o Alarico ficou com o impresso e foi até... Aí a questão do tempo, 85, 80 e poucos, até 90?

Prof. Carmélio: Foi até 90, até 90 e alguma coisa, porque eu voltei quando eu deixei a Rádio Universitária em dezembro de 89 e em janeiro e no primeiro semestre de 90 eu assumi jornalismo impresso novamente e fiquei até 95, quando voltei para a rádio jornalismo.

Pesquisador: A beleza, então isso já me ajuda muito na cronologia. Quase ninguém tem a memória. Se a gente não tem, vai buscando. Quase não o registro de professores, deve tá em algum arquivo, não dá pra achar muito.

Prof. Carmélio: Eu lamento muito porque é foi criado no DECOM, antigamente departamento de comunicação que hoje é DEJOR, que separou, foi criado um setor de documentação, o SEDOC e eu doeí toda a minha coleção do Questão de Ordem de todos, de quando eu fui orientador, eu doeí para lá. E depois o [SEDOC] foi desmontado e eu não sei onde foi parar esse acervo.

Pesquisador: Onde é que foi parar, né? Na próxima semana vou fazer o trabalho de Ratinho para ver se acho alguma coisa para justamente ter essas imagens. Eu sei que o professor João de Lima mandou para mim, a ESFERA GRÁFICA, porque ele foi professor [da disciplina] durante um tempo. Ele mandou uma foto de um jornal dizendo que a ESFERA GRÁFICA tinha substituído o Questão de Ordem durante o tempo. Esse período o senhor lembra? Mais ou menos?

Prof. Carmélio: É, teve. Teve uma coisa assim. Teve uma época que cada professor que entrava, eu nem sei se Alarico e Davi mantiveram o nome, Questão de Ordem. Mas houve uma certa, digamos assim, desorganização. Não é propriamente isso, mas o nome do jornal-laboratório estava sendo trocado a bel prazer de cada turma. Então, as turmas, inclusive, resolviam mudar o nome do jornal-laboratório. Até que um dia, eu não sei [quando], acho que foi proposta do próprio Alarico, se não me engano. O departamento votou que o jornal-laboratório teria que se chamar sempre Questão de Ordem. Poderia ser de outros projetos, mas o jornal-laboratório da disciplina laboratório de jornalismo impresso, depois a oficina jornalismo impresso, tinha que manter Questão de Ordem, que é o nome, digamos assim, ao final, que foi o mais usado. Sempre mais usado, que tirou mais edições. Chegaram a fazer até

jornal de humor. Mas não tinha nada a ver com o com o jornal, com jornalismo. Era uma publicação impressa, mas não tinha nada a ver com jornalismo.

Pesquisador: É legal isso e esse relato, porque justamente vai de encontro com o que eu estou pesquisando, que o próprio Lopes (ref. 1989), que fala sobre o jornal-laboratório e tal, ele fala que tinha os jornais cobaias. Ele cita que os professores interferiam na linha editorial e, obviamente, no nome no caso. Isso está na história dos jornais. No Brasil inteiro uns eram mais institucionais, aí mantinham o nome bonitinho, aquela coisa mais certinha, outros foram mudando, deixaram de existir. Voltaram, isso é da história do jornalismo e é legal que QO jornalismo da UFPB também tem essa história. E é esse registro que eu quero pegar aqui. É importante? É. Eu vou agora fazer algumas perguntas, que é ensaio um pouquinho da questão histórica é mais a questão da formação profissional. Como o senhor via isso enquanto o senhor era professor da disciplina, tanto em 81 como também quando o senhor assumiu, em 90 e tudo mais? Como o senhor via a questão do jornal-laboratório, para o senhor, era uma ferramenta e o que você interpretava?

Prof. Carmélio: Olha, uma situação era um estágio da formação do jornalista que dava confiança ao jornalista que a gente estava formando, que ele poderia fazer jornalismo. Porque, digamos assim, ele passou a segurança para o pessoal, porque a primeira turma ela sofreu bastante. Ela foi muito questionada sobre a competência, se aquele pessoal realmente saído da universidade seria capaz de fazer jornalismo. Houve um questionamento muito grande. Houve uma campanha muito grande na imprensa paraibana. O não era assim, uma campanha que os jornais e as rádios encamparam, não. Mas aqui acolá, aparecia mesmo por escrito, porque houve também uma campanha contra os professores que vieram de fora, não só no curso de jornalismo, todos os professores, porque o curso de jornalismo, o curso de comunicação. Ele surgiu justamente no contexto de que a Universidade Federal da Paraíba começou a crescer, e crescer bastante. Ela era uma universidade, digamos assim, muito pequena. Aí quando Linaldo Cavalcante veio ser reitor, ele expandiu a universidade, criou muitos cursos e para dar conta da mão de obra, digamos assim, corpo docente. Criar um corpo docente e um corpo de Pesquisadores. Ele começou a trazer gente de fora, pessoas recém-formadas, pessoas que estavam terminando pós fora do país, ele já mandava e a pessoa praticamente era contratada, digamos assim, antes de terminar a pós-graduação, já estava comprometida de assumir aqui na Paraíba. Então a imprensa pessoense fez coro à burguesia pessoense, que se sentiu incomodada com essas pessoas que tinham costumes diferentes, aí começaram a dizer que tinha mulher que não raspava o sovaco. Tinha professor que fumava maconha e sala de aula. Está entendendo essas coisas que os bolsonaristas ressuscitaram, todos esses clichês que os bolsonaristas ressuscitaram sobre as universidades públicas, eram os clichês que se usava contra esse pessoal de fora.

Pesquisador: Entendi.

Prof. Carmélio: Então do jornalismo também havia essa campanha. E aí o pessoal se sentia inseguro, mas aos poucos eles foram. Alguns conseguiram emprego já antes de terminar o curso e isso passou segurança para eles. Porque uma preocupação minha, Rúben, era o

seguinte, era você incorporar a rotina da produção periódica. Não é só você fazer, porque você é o primeiro. Lá, o primeiro exemplar é eu sempre, quando na época da Rádio Universitária também eu falava isso, quando alguém chegava propondo fazer um programa, eu sempre dizia, olha, o seu primeiro programa vai ficar maravilhoso, o segundo vai ficar meia boca, o terceiro vai ficar uma porcaria. E no quarto você vai dizer que desistiu. Porque para fazer o primeiro, você tem a vida toda. Você teve todo desde quando você nasceu, ou então desde quando você pensou em fazer, você começou a planejar. Depois, você só teve uma semana para fazer o segundo, se for uma periodicidade semanal. O terceiro, você praticamente esgotou todas as ideias, porque suas ideias boas o senhor já botou no primeiro o que sobrou, botou no segundo. Então, para o terceiro, você já vai ter dificuldade. Então eu tive que trabalhar muito com o pessoal. Foi justamente isso. Eles incorporarem a rotina. E aí na nossa rotina, nós encaixamos a atividade no sábado. Pela manhã, na universidade, a gente abria ali o DECOM, que era é, é naquele mesmo local, sendo que os prédios eram completamente diferentes. E a gente abria lá e fazia, fechava o jornal e na segunda-feira eu levava para a gráfica. Na terça-feira o jornal estava pronto, estava.

Pesquisador: Teve diferença nessa a sua visão da questão de rotina? Sua metodologia de ensino desde 81 para, por exemplo, o período de 90 a 95 que você ficou à frente.

Prof. Carmélio: Teve por conta das limitações. Por mim a gente continuaria fazendo semanal, mas por conta das limitações orçamentárias, [já que] a universidade começou a pagar para fazer fora, fazer em gráficas fora, a gente passou a fazer quinzenal. Mesmo no período de 90 a 92, quando eu fui ombudsman do correio da Paraíba, nesse período de 90 a 91 era eu e Alarico e de 91 a 92 eu fiquei sozinho. E aí a retribuição do correio da Paraíba conosco era imprimir o Questão de Ordem. Então a gente fazia 1000 exemplares e eu levava justamente na segunda-feira. Levava no sábado, que era quando eu ia na redação preparar a minha coluna e na segunda-feira eu recebi o jornal impresso. Mesmo nessa época a gente não teve condições de fazer semanal, a gente fazia quinzenal também. Mas aí, nesse caso a gente fazia com 16 páginas.

Pesquisador: Já dava uma ampliada, uma adaptação. No formato standard, no caso, né?

Prof. Carmélio: No formato tabloide, tabloide sempre foi tabloide.

Pesquisador: O senhor deu aula também depois de 95, com a fase 2000 para frente, ou.

Prof. Carmélio: Bom, depois de 95, aí eu fiquei só em Radiojornalismo mesmo.

Pesquisador: A linha editorial mudou um pouco com o tempo? E como é que a notícia era tratada?

Prof. Carmélio: Olha, mudou comigo, não. Mudou justamente. Teve essas experiências, digamos assim, que foram algumas coisas mais especializadas. Como eu disse, chegaram até fazer jornal de humor. E depois teve essa linha que foi adotada, que eu gosto muito dessa

linha, foi adotada primeiro por Sandra e Carlos Azevedo vem dando continuidade. De fazerem umas edições especiais, específicas sobre uma determinada coisa. Os bairros, por exemplo, os bairros da cidade.

Pesquisador: o seu período era mais noticioso?

Prof. Carmélio: Mais noticioso, era noticioso. Só que medida que a gente fazia noticioso, mas não como noticioso, digamos assim o jornalismo diário. A gente procurava fazer uma abordagem de uma de um periódico de uma semana ou de 15 dias.

Pesquisador: Era mais reportagem, então dava a trabalhar mais.

Prof. Carmélio: Exatamente, mais interpretativo, mais opinativo.

Pesquisador: E as escolhas que eram pautadas, partia mais dos estudantes? Ou o senhor direcionava um pouco mais as pautas?

Prof. Carmélio: Bom, a gente a gente direcionava as pautas que fossem acessíveis para os alunos. Então eles não terem que se deslocar a longas distâncias. E a universidade é um universo. É a mesma linha que eu adotei também no espaço experimental e radiojornalismo. Dentro da universidade você porque a preocupação era o seguinte, era que a gente pegasse um espaço específico de temas, tanto geográfico como também temático. E a gente fizesse uma boa cobertura. Não adiantava a gente expandir para fazer qualquer coisa. Tinha um aluno querendo fazer uma reportagem sobre o Porto do Capim, o outro querendo fazer uma reportagem sobre o trem em João Pessoa, outro querendo fazer sobre o transporte público, não sei o quê. Então a gente fazia muita coisa, mas não tinha densidade. De você fazer uma boa cobertura de algo. Então você pegava aquele jornal e você não sabia. Esse jornal cobre o quê? Que espaço esse jornal cobre? Então a nossa preocupação era, a minha preocupação era justamente essa. Vamos cobrir a universidade, o que se faz na universidade e de fora? O que é que se faz na comunicação na Paraíba? Eram, eram essas duas, digamos assim, esses dois nichos que a gente se dedicava.

Pesquisador: E as Fontes? Os alunos consultavam ou eles mesmos levavam?

Prof. Carmélio: Então, eu sempre eu sempre cobrava dos alunos também que eles tivessem iniciativa de descobrir pauta. Aí assim, isso aqui dá uma boa matéria. Eu às vezes sugeria, mas eu sempre estimulava, cobrava, inclusive assim. Os alunos às vezes ficavam meio, é como é que diz? Chateados porque eu cobrava muito aqueles trouxessem pauta, aí eles traziam, mas eles traziam pautas óbvias, tipo essas pautas tipo meses coloridos, setembro amarelos, outubro cor de rosa...

Pesquisador: A parte de serviço.

Prof. Carmélio: Essas pautas que são muito recorrentes. E eu dizia para eles o seguinte, se você fosse ler um jornal e tivesse uma matéria sobre o novembro azul, você ia perder tempo lendo? você leria a reportagem? Eu sempre colocava isso. O que é que você gostaria de ler dentro desse universo que a gente cobra? É sobre o quê? Então, pronto, vai fazer uma matéria sobre isso.

Pesquisador: Dava para apurar com o tempo? Principalmente do quando foi para quinzenal, tinha um certo tempo para maturar, dava para apurar direitinho? O senhor puxava dizendo se isso dava, refaz....

Prof. Carmélio: Olha, meus conflitos com os alunos foram sempre nesse aspecto. Depois eles entendiam, porque era o seguinte, eu o encarregava ele de fazer alguma coisa, em radiojornalismo também era a mesma coisa. Aí ele ia lá, fazia a apuração e preparava a primeira versão. Aí eu ia lá com ele, mostrando, “olha, isso aqui, tá bom, isso aqui tá ruim, mude isso não sei o quê e tal”, mas não fazendo por ele, eu ia só dizer a ele o que ele tinha que refazer. E muitas vezes os alunos ficavam chateados, em radiojornalismo, mas aí quando terminava era porque estava em condições de publicar e se fosse publicado a nota mínima dele, eram 7. Porque tinha outros critérios também de avaliação, radiojornalismo também tinha isso também, a mesma coisa. E eu e muitas vezes os alunos é, ficavam chateados comigo porque eu mandava refazer muitas vezes tal. Mas depois que estava publicado, ele estava garantido que o trabalho tinha sido feito, ou seja, eu ajudava na construção. Eu indicava o caminho que ele tinha que fazer, seguir para elaborar.

Pesquisador: Era um editor chefe, né?

Prof. Carmélio: É exatamente. E aí a digamos assim, o trabalho dele estava em condições de ser publicado também em qualquer jornal, em qualquer veículo. Não era só porque era o jornal-laboratório ia ficar meia boca não. Eu dizia uma coisa que eu dizia muito para os alunos “você tem que ter um complexo de épico, não é de Édipo, é de épico, que é uma coisa de Tom Zé, que ele diz que a música brasileira é maravilhosa, porque todo compositor brasileiro é um complexado, porque tem complexo de épico, então ninguém quer fazer uma música mais ou menos, quer sempre fazer a melhor. Então era isso que eu digo para eles também.

Pesquisado: Eu tinha algum manual, algum tipo de manual, de redação, alguma coisa?

Prof. Carmélio: Dinheiro nós temos um manual de redação.

Pesquisador: Vinha na época do Alarico, ou da tua época?

Prof. Carmélio: Da minha época. E ele foi aperfeiçoado em várias e como no radiojornalismo também tinha o manual de redação. A cada edição ele ia sendo aperfeiçoado. Até em 2018,

quando eu quando eu me aposentei, a gente ainda fez uma edição. Ainda foi feita uma edição atualizada na edição do manual, porque tinha coisas que surgiam e aí outros vícios de linguagem que a gente tinha que chamar atenção no manual também, que antes não tinha coisas assim.

Pesquisador: Os cargos? Tinha editor chefe, repórter. Lembra principalmente da estrutura?

Prof. Carmélio: Jornalismo impresso, quando a gente quando criou realmente a oficina de jornalismo impresso, então eu peguei duas turmas que o TCC, das alunas, um grupo de alunas, uma delas eu me lembro inclusive, Verônica Guerra, não sei se você sabe que é de Rádio. Verônica Guerra foi uma editora porque era o seguinte, a editoria do jornal impresso era um TCC de um determinado aluno. Aliás, um grupo, geralmente três alunos ou três alunas que assumiu como TCC fazer a editoria do Questão de Ordem junto com a turma do laboratório de jornalismo impresso.

Pesquisador: Legal, não sabia disso, é um detalhe totalmente novo. Que eu não vi nada parecido. Um detalhe muito legal. Sobre a questão da memória, ficou sempre com os professores? Eles guardavam alguns materiais. Você no caso falou que já que doou. Nunca teve um cuidado da instituição ou do curso ou do departamento entre o memorial do Questão de Ordem.

Prof. Carmélio: Justamente tinha nesse SEDOC Nesse setor de documentação que foi desmontado. Sabe, na época, houve protesto, inclusive nós professores e alguns alunos também protestaram contra isso. Porque o SEDOC foi desmontado por falta de espaço, alegando falta de espaço, precisava daquela sala para outra atividade, alguma coisa assim, e não sei onde esse material foi parar.

Pesquisador: Para finalizar a questão justamente desse processo, como é que era a distribuição? Os alunos distribuía o jornal de alguma recepção, tinha leitores?

Prof. Carmélio: Era outra coisa, a gente estabelecia a tiragem. Não adiantava você fazer 1000 exemplares do jornal-laboratório e você não tem para quem distribuir. Então a gente fazia um estudo para ver qual era a demanda, qual era a tiragem, a capacidade de distribuição, a disposição de distribuição da turma. [interrupção por uma aparente queda de conexão e retomada do tema da resposta]. Então a gente estabelecia o seguinte, onde é que nós vamos distribuir? Quantos exemplares nós vamos precisar para a gente distribuir para evitar. Então isso também era uma preocupação. Ou seja, no laboratório os alunos têm o que assumir a gestão do projeto.

Pesquisador: O processo inteiro é tinha que ser pensado do começo da formação da pauta.

Prof. Carmélio: Era preciso isso, a gente fazia de acordo com a capacidade de distribuição e as propostas que os alunos faziam. [outra interrupção de conexão]

Pesquisador: O ponto que eu queria comentar é justamente o processo de criação do jornal, todo o processo de ensino aprendizagem junto com a questão prática. Todas as fases o aluno influenciava, estava junto, da concepção da pauta, depois das fontes, a apuração, distribuição e existia retorno, tipo os leitores falava alguma coisa ou não era distribuído?

Prof. Carmélio: Bom, esse feedback a gente não tinha condições de ter. Até porque ainda hoje você tem dificuldade até de ter um canal de comunicação. Quer dizer, hoje não, você pode ter, como é que diz, um blog, uma coisa assim, mas na época a gente não tinha. Então a gente não tinha um telefone, a gente não tinha um endereço, uma coisa assim, nada que pudesse permitir os feedbacks. Então, esse feedback às vezes vira uma conversa de alguém ou alguém se sentia prejudicado. Eu acho que aconteceu só umas 2 ou 3 vezes. Alguém sentiu prejudicado. Às vezes até mal-entendido, digamos assim, você sabe que na pesquisa acadêmica, às vezes um aspecto que o jornalista tentando simplificar para os leitores, ele diz uma coisa que é diferente que é outra doutrina, digamos assim. Está entendendo, é outra teoria, é outra teoria, entendeu? Aí ele usava uma palavra, ele tentava. Se o jornalista tenta simplificar isso ainda hoje existe o pessoal que cobre a academia.

Pesquisador: O jornalismo de pesquisa que tem essa questão de tradução, você simplifica para uma linguagem mais massiva, você vê “uma partícula Deus” que não é bem uma partícula Deus, mas foi [simplificado]

Prof. Carmélio: Normalmente eu conversava e dizia que é “não, olha isso é entenda a situação do jornalista” e você inclusive eu falar para o pessoal o seguinte, “você tem que entender que quando você publica, quando a sua pesquisa sai na imprensa, não vai sair como se fosse uma revista acadêmica. Tem que ter alguma coisa que as pessoas entendam o que é que você está fazendo, mas a esse detalhe que para o seu grupo da sua área faz uma diferença incrível, para o público em geral não é nada”.

Pesquisador: Para finalizar, é assim algo que o senhor acha que é interessante pontuar na história do jornal-laboratório que simboliza algo especial? Um aluno ou aluna que você viu já ali que iria ser uma pessoa, que iria ser uma referência na área. Você sentia que era um divisor de águas. Dava para saber quem ia seguir a carreira e quem ia só ter uma formação auxiliar?

Prof. Carmélio: Na primeira, a primeira turma foi uma turma extraordinária mesmo. Pelo menos 4 dos que fizeram o jornal-laboratório foram parar no Correio Braziliense. Teve outro que foi secretário de comunicação do governo do Rio de Janeiro, na gestão de Antônio Garotinho. Carlos Vasconcelos é um desses. Do Correio Braziliense, inclusive, faleceu semana passada Alexandre Torres. Teve um que foi secretário de comunicação também do governo do Maranhão. Era uma turma muito boa. Era uns talentos que estavam loucos por um curso de jornalismo, para realmente pessoas que se interessaram. E mesmo aqui, antes de eles irem para fora, mesmo aqui, todos eles foram contratados logo e foi graças a essa

primeira turma que o conceito nas redações sobre o pessoal formado na UFPB mudou. Porque eles levaram um conhecimento que a maioria das pessoas nas redações não tinha. O que eu dizia para eles, porque uma coisa é você chegar lá e o cara dizer: “faça isso aí”, você faz. Mas você tinha noção de você sair informado da academia, você tem na noção de todo o processo. Então você tem, digamos assim, a sua dificuldade de se adaptar à rotina. É coisa de duas ou três semanas, depois você está fazendo bem. É diferente de quando eu comecei. Meu primeiro dia de jornalismo, inclusive fui com a farda do Liceu, que eu estava no terceiro ano. Eu comecei e o chefe da reportagem sentou comigo, conversou algumas coisas, veio “assim e tal, é isso, isso, isso e agora faça isso”. Então tive uma certa dificuldade de aprender a fazer e nesse caso, eu não sabia o que era que estava acontecendo ali. Não sabia como aquilo ia resultar na publicação. O jornalista formado, não. Na universidade ele já sabe, ele pode não ter a prática ainda, mas ele chegando em qualquer redação. E era justamente isso que eu me preocupava muito. Passar para a turma, para os alunos, “vocês são capazes de fazer, você pode fazer mesmo”. Quando eu dizia refaça, mas eu dizia “Você pode fazer, você consegue fazer”.

Pesquisador: No período 90 a 95. Alguma coisa também te chama ou não?

Prof. Carmélio: Teve isso que a gente conseguiu fazer o jornal quinzenal com 16 páginas, graças a esse acerto com o Correio da Paraíba. Foi aí, depois a gente teve umas certas, teve algumas dificuldades. Aí foi feito um convênio com o jornal A União, mas aí, embora a digamos assim, a direção do jornal tinha boa vontade. O pessoal da oficina não tinha essa boa vontade, havia esse problema.

Pesquisador: Professor, eu fico principalmente honrado que é um resgate histórico. São detalhes que eu não sabia que do conselho editorial, como um TCC. Então tem algumas coisas que são bem diferentes, são bem muito legais.

Prof. Carmélio: Não era um o conselho editorial, a equipe. Editoria, era exatamente reportagem, chefe de reportagem, chefe de redação e editor que fazia toda a gestão do jornal.

Pesquisador: Passou algo a mais que o senhor ache que que é interessante jogar laboratório? Da importância dele, da história dele que te marcou?

Prof. Carmélio: Tem outro detalhe também, Rúben, que de uma forma ou de outra é uma boa cobertura também do universo da universidade, do universo acadêmico em João Pessoa, tá nas páginas do Questão de Ordem também.

Pesquisador: Ele se posicionou um pouco como a agência de notícias da universidade, *house-organ*

Prof. Carmélio: Não, ele nunca seguiu como linha auxiliar. Não era propriamente isso não, como também o “Espaço Experimental” [programa de radiojornalismo]. A gente nunca se colocou a serviço da assessoria de comunicação da universidade. Ela que faça seu trabalho, seus jornalistas que façam o seu trabalho. O nosso trabalho é diferente.

Pesquisador: É porque algumas universidades existiam, no passado, e algumas ainda existem essa ligação. “Vou usar a equipe jornalistas que estão formando como uma experiência profissional aplicada à assessoria de imprensa da própria universidade ou em parceria, alguma coisa assim. Tem exemplos na literatura, então só para deixar claro que tem essa distinção desde o começo não se tem nenhum tipo de ligação, é uma assinatura do próprio Questão de Ordem e de suas variantes no tempo.

Prof. Carmélio: É, mas a gente nunca colocou porque, inclusive, permitir isso seria permitir a exploração da mão de obra gratuita do aluno. Primeiro, porque você vai tomar o lugar de um profissional que devia estar trabalhando, e no entanto, está desempregado. Segundo você está explorando a mão de obra de um aluno. Qualquer veículo que eu orientei dentro da universidade, eu nunca permiti essa vinculação.

Arquivo: B3 – Prof. Edônio Alves

Tempo de gravação; 27 min e 31 seg

Realizada em 23 de novembro de 2023

Obs. Entrevista realizada na sala de reuniões do CCTA UFPB com o celular Motorola One Macro do pesquisador

Identificação: Prof. Edônio, ex-docente da disciplina de Jornalismo impresso e oficina de Jornalismo impresso

Pesquisador: Meu nome é Rúben Salomão. Eu sou Pesquisador: e aluno do PPJ e a minha dissertação é sobre justamente o papel do jornal-laboratório na formação profissional do estudante de jornalismo. E eu estou fazendo um estudo de caso do jornal questão de ordem do. Já durante pesquisa com os antigos já mostrou que tem algumas nuances, que não era só Questão de Ordem por um tempo, que foram outros jornais, depois consolidou como Questão de Ordem o jornal, laboratório do curso de comunicação social habilitação e jornalismo e depois o curso de jornalismo. É o senhor começou a lecionar na UFPB? Mais ou menos quando?

: Então é, entrei na Universidade Federal da Paraíba como docente em 1996. Antes eu fui também servidor da UFPB, que eu entrei em 92. Vão ser 4 anos como servidor, trabalhando inclusive no próprio departamento de na época na habilitação de jornalismo do departamento de comunicação, como editor de imagem, trabalhava com os alunos tal. Aí eu fiz o concurso e passei. Esses 4 anos me serviram como uma espécie de ambientação. E aí eu comecei a estudar para docência e passei no concurso e entrei em 96 como docente. Então de lá pra cá estou aqui no departamento. Grande parte dessa minha ação docente no departamento de jornalismo tem a ver com o Questão de Ordem, com o jornal-laboratório, porque eu passei um grande tempo da minha vida acadêmica dando a disciplina. Na época chamada jornal-laboratório e que agora é a oficina do jornalismo impresso.

Pesquisador: Era Jornalismo Impresso e depois virou Oficina de Jornalismo Impresso

Prof. Edônio Alves: Depois virou oficina, exatamente, é isso.

Pesquisador: Nessa primeira fase que o senhor pegou? É o foi nos anos 2000 por aí?

Prof. Edônio Alves: Por aí, por aí.

Pesquisador: Como era um jornal na aquela época? É dava para dar aquela continuidade, porque eu sei que o professor Carmelo falou que 95 ele saiu e estava tentando manter a impressão junto com o pessoal do Correio da Paraíba. Mas parece que acabou não dando certo. E aí, como é que continuou a impressão? Foi pela editora ou não? Ou teve que contratar algum outro lugar?

Prof. Edônio Alves: Quando eu entrei no jornal-laboratório que é para fazer exatamente a parte laboratorial do curso de jornalismo através de um Jornal Questão de Ordem é a primeira coisa que eu tive preocupação, e exigir nas instâncias administrativas do curso e do centro na época o CCHLA, era exatamente periodicidade, garantir a periodicidade e a impressão. Que durante a história do jornal-laboratório ou dos jornais laboratórios que houve, não foi só o Questão de Ordem, porque teve alguns outros antes, era um problema sério porque nem sempre era garantido. Na minha fase a gente conseguiu fazer um convênio com a editora do [Jornal A] União, e a gente tinha sempre garantido essa impressão do jornal através da gráfica do Jornal A União.

Pesquisador: Isso foi dessa tua a primeira fase 2000, 2000 e pouco?

Prof. Edônio Alves: Desde que eu entrei sempre existiu a impressão.

Pesquisador: Além da impressão de 2000, eu vi o material, ele é mais *offset* branco, não é o papel jornal. Depois, na sua segunda fase, que começou mais ou menos 2011, quando veio o novo currículo, sim, você assumiu de novo a jornada laboratório.

Prof. Edônio Alves: Isso depois do doutorado, quando eu fiz o doutorado, aí na volta eu assumi. Aí sim, aí ele ganha o formato standard. E aí ele passa a ser impresso pela gráfica do [Jornal A] União.

Pesquisador: Então do Jornal A União foi em 2011, na segunda fase, e a primeira fase era a impressão da própria editora.

Prof. Edônio Alves: Isso exatamente, da editora da UFPB.

Pesquisador: Da UFPB que aí aquele papel branco?

Prof. Edônio Alves: A gente passou por várias fases em relação à impressa ou por causa disso, então, em função da impressão que inicialmente era feita pela gráfica da própria UFPB, a gente tinha limitações de papel, de formato. Trabalhava conforme o que dava.

Pesquisador: É que existe uma questão de uma irregularidade de formatos, então eu precisava saber que realmente tinham regularidade de formato, porque da questão de impressão, da parte tecnológica e tudo mais

Prof. Edônio Alves: Que implicaria diretamente no projeto gráfico.

Pesquisador: Essas perguntas iniciais são para essa questão histórica e poder conseguir montar um pouco da linha histórica do jornal-laboratório, o senhor consegue? É pelo menos assim lembrar da tua volta do doutorado, foi em 2011, já era o curso de jornalismo

Prof. Edônio Alves: Aí ficou bem melhor. Aí essa segunda fase minha no Questão de Ordem, foi bem melhor, porque aí a gente tinha as estruturas e as condições, não ideais totalmente, mas muito próximo do mercado. A gente fazia um jornalismo muito próximo do mercado, mesmo sendo laboratorial.

Pesquisador: Eu vou pegar algumas imagenzinhas e dá para ver a diferença.

Prof. Edônio Alves: A diferença é muito grande.

Pesquisador: Agora eu vou fazer umas perguntas, mais do processo do próprio jornal-laboratório. Então a pergunta é, o que você entende como jornal-laboratório?

Prof. Edônio Alves: OK, bom, eu acho que qualquer curso, né? Evidentemente, em qualquer área, mas no caso específico da área de comunicação, a gente precisa ter um espaço acadêmico de prática. Não ficar só na teoria, e os laboratórios eles entram como esse espaço da prática, daquilo que é estudado teoricamente em sala de aula. Então, para mim, o jornal-laboratório, ele é o primeiro momento mais objetivo e direto em que o aluno começa a praticar realmente, efetivamente, jornalismo dentro da universidade. Quando eu dei a disciplina, fazíamos o Jornal Questão de Ordem, a primeira coisa que eu fiz foi a gente criar um projeto gráfico exatamente igual ao que existia no mercado, standard, com o número de páginas que contemporizasse ou que incluísse todos os gêneros práticas de gêneros jornalísticos. Então a gente tem um projeto gráfico que tinha a parte de opinião, artigo, crônica, charge, a parte de notícias, a parte de reportagem, a parte de entrevista, a parte de fotojornalismo. Então tudo isso estava contemplado no projeto gráfico. Então a minha noção, a minha concepção de um jornal-laboratório é tentar fornecer ao aluno um ambiente acadêmico e que ele possa praticar efetivamente a sua primeira experiência de jornalismo, que eu chamaria de um “jornalismo valendo” um “jornalismo real”.

Pesquisador: O senhor sentiu diferença quando do estágio? Porque anteriormente o estágio não podia ser feito, o próprio jornal-laboratório, a Rádio Universitária, era usadas como estágio. Na tua primeira fase ainda estava essa regra. Na sua segunda fase, o estágio começou a poder ser feito nas empresas de comunicação. Teve diferença no perfil da produção nessa troca?

Prof. Edônio Alves: Então é porque a gente tem 2 questões aí, a gente tem a parte específica laboratorial que tem a ver com o Questão de Ordem, que é o primeiro espaço, como eu falei, em que o aluno vai ter efetivamente a sua prática jornalística valendo na realidade, funcionando como se ele estivesse fazendo jornalismo em qualquer empresa, e tem a questão do estágio. O estágio é uma outra questão, inclusive complexa, muito complexa. Então num segundo momento, que é o que você pergunta, a gente tinha as duas realidades para o aluno. Ele fazia jornalismo já no espaço laboratorial ou ele conseguiu um estágio numa empresa. Essas duas questões, essas duas práticas são diferentes entre si. Porque quando o aluno está estagiando, ele está submetido a uma lógica mercadológica total, portanto, é empresarial. Quando ele está fazendo jornalismo ainda na universidade, ele faz isso também, mas ainda ligado a uma série de questões acadêmicas. O acompanhamento acadêmico é diferente. Por isso que o professor da disciplina, ele é o orientador da disciplina, o nome lá, técnico, porque ele continua orientando o aluno e tal. Então há uma diferença do ponto de vista da aquisição, da experiência jornalística, entre você está fazendo estágio ou você está fazendo o Jornal Questão de Ordem. Pessoalmente, acho que o estágio ele deveria ser melhor regulamentado. Ele só poderia existir muito depois da prática efetiva do laboratório. Aí sim, o aluno poderia estar já, já seria um segundo momento em que ele já tem todo um conhecimento prático já adquirido, e lá ele vai só se adaptar à questão mesmo da empresa. Mas é mais ou menos isso, são duas instâncias diferentes.

Pesquisador: A metodologia de produção mudou um pouco? Até mesmo nessa troca de curso, porque o senhor é um caso muito importante, pegou o curso tanto comunicação social e habitação e depois o próprio jornalismo, isso é, mudou a metodologia com a mudança de currículo, como foi adaptar isso?

Prof. Edônio Alves: Mudou um pouco, porque sempre que você mexe no PPC (Projeto Pedagógico do Curso) que é o projeto geral do curso, alguma coisa muda. A primeira coisa que mudou foi, inicialmente, o jornal-laboratório. Ele tinha uma carga horária maior, porque abrangia também a parte da editoração eletrônica na mesma disciplina. Então eu fui encarregado na elaboração do PPC de fazer essa alteração. O que é que eu fiz? Eu peguei a parte de carga horária, que era de editoração eletrônica, e tornei uma disciplina específica anterior, que é de editoração eletrônica. Então você passa primeiro pela editoração, para entender como funciona o design gráfico de notícia, a parte mais gráfica do jornal, de desenho, de funcionamento disso. Quando você chega no jornal, você já vem com esse conhecimento. Então, antes eram as duas coisas juntas, portanto, era uma carga horária maior, mais trabalho você dispersa.

Pesquisador: Tinha professores que compartilhavam a própria disciplina.

Prof. Edônio Alves: Às vezes sim, às vezes a gente fazia uma parceria com outros professores. Às vezes não. Eu me lembro que exatamente ao perceber isso, tinha um colega meu, um grande amigo meu que é jornalista, formado na UFRN, veio trabalhar aqui como servidor público no Centro de Ciências Médicas. E como eu conheci o trabalho dele na época que eu fazia o meu doutorado no Rio Grande do Norte, disse, “cara, eu vou trazer você pra gente fazer o jornal-laboratório”. Aí consegui trazer ele. Então ele fazia parte de desenho gráfico, jornal todo. Essa fase foi muito boa, que essa fase que tá lá no site do departamento. E o que é que ocorreu? Houve um desmembramento até uma disciplina anterior, que é editoração eletrônica. Quando você chega no jornal, você já vai fazer o jornalismo. Porque, em tese, você já tem a parte gráfica. E aí o meu colega, Alex Souza, ele só coordenava a parte de editoração, mas já fazendo. Não ensinando, já fazendo e ou orientando essa parte aí. Então há uma pequena diferença nesses dois momentos do curso.

Pesquisador: Essa diferença é muito legal, porque tem justamente a questão dessa mudança metodológica. É bem, é bem interessante.

Prof. Edônio Alves: Sim. E aí você foca melhor. Você vai ter menos hora, mas focada no jornalismo diretamente.

Pesquisador: A linha editorial é sempre teve a é a mesma ou teve alguma mudança, algum tipo de ajuste?

Prof. Edônio Alves: A linha editorial está muito ligada, evidentemente, a concepção do professor, da disciplina. Na minha época, quando eu dei, nos dois momentos que eu dei a disciplina, que fazíamos o Jornal Questão de Ordem, a minha ideia de linha editorial era focada no seguinte: primeiro, cobertura do espaço da comunidade acadêmica, apenas. Quando eu digo a comunidade acadêmica não é só o Campus I de João Pessoa, mas a universidade, Campus de Areia, Bananeiras. Sempre que tinha alguma coisa importante, a gente cobria. Rio Tinto etc., ou seja, a comunidade da Universidade Federal da Paraíba. O nosso universo de cobertura era esse. Por que isso? Primeiro é isso facilita ao aluno. Ele já está dentro da comunidade, a sua mobilidade para trabalhar, para fazer as coisas. Segundo, é menos custoso. Porque se a gente estivesse cobrindo, por exemplo, a cidade, isso demandaria equipamentos, carro é gastos a mais. Então eu circunscrevi o universo da cobertura, a comunidade acadêmica. Nem sempre foi assim, inclusive o atual professor não trabalha assim, ele cobre a cidade e tal. Para mim isso

não é uma questão de ser bom, ser uma coisa ou outra, é só a concepção mesmo, como cada um entende e tal.

Pesquisador: Então o que é a notícia? Na fase do senhor era a notícia era o mais voltadas ao campus?

Prof. Edônio Alves: Era só ligado ao campus exatamente. Ou seja, era uma cobertura da vida acadêmica em todas as suas instâncias.

Pesquisador: Os assuntos eram pautados...

Prof. Edônio Alves: É tendo como princípio isso.

Pesquisador: E a participação dos estudantes nessa escolha? Como na fase inicial...

Prof. Edônio Alves: Então aí a gente entra no processo jornalístico comum. A gente tinha todas as etapas de fazer o jornal, da rotina, do jornalismo, entre elas a pauta, a reunião de pauta, nas reuniões de pauta definimos exatamente dentro desse universo da cobertura o que íamos cobrir para cada edição do jornal. A gente tentava fazer, na verdade, eu sempre quis fazer quatro edições por período. São 4 meses, seria um mensal, mas só uma única turma conseguiu fazer quatro por período, o que é maluco, mas a gente entende também por que o pessoal tá começando. A ideia era isso, era a gente tentar fazer pelo menos quatro edições. Normalmente a gente fazia três ou duas. Teve turma que só fez uma. Quer dizer, depende muito da dinâmica da turma. Mas já chegou uma turma a fazer os quatro, que, aliás, é uma turma, inclusive de ex-alunos estão bem situados no mercado. A maioria está nas grandes empresas. Então não é gratuito isso.

Pesquisador: Acaba refletindo na formação profissional

Prof. Edônio Alves: Claro, a formação é outra.

Pesquisador: A escolha de fontes e a apuração também seguia...

Prof. Edônio Alves: Dentro da lógica da reunião de pauta e dentro da lógica das etapas, do processo jornalístico que se vê em sala de aula e na prática.

Pesquisador: Tinha um manual de redação?

Prof. Edônio Alves: Sim, é claro. Aliás, esse manual de redação ele foi criado, se eu não me engano, pelo professor Carmélio Reinaldo, quando ele é assumiu a disciplina na época dele. Ele teve o cuidado de fazer esse manual. E realmente é um manual muito interessante. Claro que a cada momento a gente só adaptava ali alguma coisa.

Pesquisador: Eu estou à procura desse manual. Eu não encontrei até agora.

Prof. Edônio Alves: Inclusive é uma das partes da disciplina era discutir o manual.

Pesquisador: A autonomia do aluno, como era? Alguma matéria já teve interferência? Tinha que cair ou alguma coisa assim...

Prof. Edônio Alves: “Tem que cair” faz parte do processo jornalístico matérias caírem independente de qualquer coisa ou em qualquer lugar do mundo. Pautas caem e serão substituídas por outras, por razões específicas daquele momento, que aí não dá para falar em termos gerais, tem que saber exatamente. Mas claro que teve pauta que caía por várias razões, às vezes porque você não conseguia ouvir uma fonte que era necessária. Às vezes, porque a sugestão de pauta não foi suficientemente sólida. Então também fazia cair. Bom, isso é normal

Pesquisador: A gerência das equipes, os alunos já tinham a estrutura era bem montada, tipo o chefe de...

Prof. Edônio Alves: Sim. Como parte da disciplina, um momento da disciplina era discutir a parte de é de como o jornalismo é feito em termos de equipe. Então a gente fazia a divisão da equipe com todos os cargos e funções do jornalismo do processo. É jornalístico, editor, editor geral, claro, adaptado. É uma questão de ótica. Cada jornal tem uma estrutura diferente, mas a gente é discutia isso, discutia as funções, o que cada função faz e depois elegia democraticamente entre os alunos quem ia ocupar tal função e a partir daí a cobrança seria feita em cima da pessoa que foi eleita porque ela tem a legitimidade da própria turma.

Pesquisador: O fator tempo no processo de produção e a questão dos prazos, o pessoal atrasava os prazos?

Prof. Edônio Alves: É, então isso faz parte do aprendizado do processo jornalístico. O processo jornalístico, digamos assim, profissional, ele tem um timing muito rigoroso. Então você tem o *Deadline*, que é o prazo final de entregar as coisas, mais rigoroso, você não pode falhar. Só que a gente tem que entender que a gente está num processo laboratorial, o aluno não tá pronto ainda para responder essas questões de um nível profissional. É então claro que atrasava, atrasava por questões do aluno, por questões também da própria universidade de funcionamento das coisas, é normal, mas uma das coisas que eu enfatizava muito e qualquer editor que você pegar que foi editor do Questão de Ordem, tenho vários aí no mercado, eles vão testemunhar isso: eu não contemporizava com o atraso, entendeu, para mim teria que estar, se não e a pessoa perder “xau”, vamos, alguém vai fazer o trabalho dele, mas teria que está feito naquele momento, por que a gente tem o cronograma

Pesquisador: O senhor tem os registros, principalmente da segunda fase dos jornais que foram produzidos na sua época.

Prof. Edônio Alves: É, eu tenho que para mim faz parte do jornalismo a questão da memória. A questão do registro histórico. Isso pra mim é integra a concepção que eu tenho de jornalismo. Então assim, para mim isso é muito interessante, porque quando a gente vê o mercado local, isso reflete no mercado profissional, você não tem. Raramente tem, eu trabalhei no jornal, trabalhei em TV, trabalhei jornal O Norte, alguns jornais importantes aqui da Paraíba e você percebe que não existe essa preocupação com a documentação do próprio jornal, os arquivos do próprio jornal. Como faz parte da minha concepção de jornalismo, para você ter você ter ideia, eu tenho em casa todas as eleições, todas que eu fiz, todas, inclusive algumas que eu não fiz, o que eu tive acesso, eu tenho em casa guardado, guardado comigo. E ao mesmo tempo, essa segunda fase que eu falei para vocês, eu coloquei no site do departamento de jornalismo, onde tem a parte de produção dos alunos. Então essa segunda fase “mais profissional”, entre aspas, do jornal-laboratório Questão de Ordem, as edições estão lá disponíveis ao público, mas é insuficiente, porque o universo é bem maior do que o que está.

Pesquisador: Como era feito a distribuição? O jornal foi impresso, chegou da [gráfica do Jornal A] União quentinho, e aí?

Prof. Edônio Alves: Então, dentro do processo jornalístico, a última etapa é a etapa da distribuição, que discuti o que é distribuição. E teoricamente, depois, na prática, então, a última fase da edição de um Jornal Questão de Ordem era distribuição. Então a gente, eu ia para a gráfica da União, pegava o jornal, trazia para cá com os lotes de jornais impressos. Marcava com a turma, sentava e dizia, jornal está aqui, vamos dar uma olhada, vamos dar uma revisada, dá uma discutida do jornal da edição tal, e a partir de agora a gente vai distribuir o jornal. Então a gente, dependendo da quantidade de jornal, a gente dividia pela turma. Cada aluno cobriria um espaço geográfico da comunidade acadêmica para a distribuição do jornal. Então era feita pelos próprios alunos. Os alunos nesse momento, deixavam de ser jornalistas para serem jornaleiros e entender como funciona o negócio.

Pesquisador: O público dava o feedback, o público falava alguma coisa.

Prof. Edônio Alves: Assim, teve várias matérias assim que repercutiam, que falava de questões, problemas acadêmicos, administrativos da universidade. Sim. E tinha sim.

Pesquisador: E conseguia fazer um tipo de reunião de final, do efeito do juntando que o aprendizado para o próximo semestre, que foi uma tal coisa...

Prof. Edônio Alves: Eu sou muito cuidadoso com isso, como o é um espaço laboratorial e o jornalismo, ele é feito por etapas e cada etapa tem uma lógica. A última etapa, como eu expliquei, era da distribuição, quando terminava a distribuição a gente fazia uma aula final de avaliação do período letivo, ou seja, de toda a experiência de ter feito o jornal, daquela turma ter feito o jornal. E aí nessa discussão geral, que era a última discussão da disciplina, a gente discutia tudo. O que é que rolou, o que é que não rolou, o que é que ficou faltando, as repercussões, às vezes algum tipo de problema com o repórter, perseguição de esse tipo de coisa que o jornalista tem.

Pesquisador: É diferentemente do hoje onde a gente está muito acostumado com esses comentários, a participação direta do público, naquela época ainda era bem menor. Tinha pouca inserção no caso, na sua época mesmo, não tinha rede social. Acho que o senhor saiu 2016. Não tinha nem muito no Facebook, um Orkut, estava começando, mas teve algum tipo de participação assim do público direto ou alguma contribuição?

Prof. Edônio Alves: Lembro então que teve sim, o que eu me lembro, o que eu achei interessante é que algumas edições os alunos publicavam na rede social a foto recebendo o jornal ou distribuindo ou fazendo. E aí havia os comentários sobre isso. “Ah, que que coisa legal. Vocês estão fazendo um jornal desse tipo, com essa qualidade e tal.” Então assim tinha, deu uma circulada muito legal. A discussão do Questão de Ordem na rede, evidentemente que um dentro daquele espaço limitado da galera mais ligada ao jornalismo, óbvio. Mas sim, com certeza isso era muito legal acompanhar esses comentários, essa discussão, porque vários alunos postavam. Por exemplo, tem aluno, de outra cidade, de outro estado, Ceará publicava e a galera de lá “poxa, que massa, né? O jornal da UFPB, fazendo um jornal assim e tal.” Muito legal isso.

Pesquisador: Alguma história, alguma coisa que você queira complementar. Isso aqui é um fato interessante que mostra essa a parte da do valor da formação profissional que no jornal-laboratório tem, que não é um estágio, mas assim é o primeiro nome oficial da pessoa. Ela assina a pela primeira vez isso. Nome profissional acaba sendo cunhado ali no Questão de Ordem.

Prof. Edônio Alves: Interessante isso, você ter lembrado, porque dentro dessas etapas que a gente falou aqui, uma delas quando a gente discutia a equipe, a formação da equipe era isso. Exatamente: “Pessoal, a partir de agora a gente vai fazer um jornal. A gente tem aqui as seguintes funções, editor, editor geral, editor de política, editor de esporte, editor de cultura etc., cada editor desse vai ter uma equipe de repórteres para fazer a sua editoria, trabalhar na sua editoria. Então, a partir de agora vocês se tornam jornalistas. Claro que ainda no universo acadêmico, não profissional ainda. Mas é como é um jornal que vai circular, o nome de vocês vai estar circulando [sic]. Então eu peço que a partir de agora, cada um escolhe o nome. O nome que você faz se identificar como jornalístico, porque a partir de agora vai ficar difícil você se livrar disso”. Realmente tem esse tipo de coisa. Muita gente hoje assina exatamente como era o Questão de Ordem. E só para lembrar uma coisa que você me pediu aí em relação a algo... Houve vários fatos, mas assim, uma das coisas que eu acho interessante é que é, inclusive, eu já pensei, em algum momento, fazer uma espécie de exposição das primeiras capas, dos jornais ao longo do tempo e convidar todos os editores de cada edição para fazer um evento e tal. É uma coisa que está na minha cabeça ainda. O porquê estou dizendo isso? Que brinca com a sua pergunta, é que vários editores que passaram pelo Questão de Ordem, muitos deles depois da já no mercado de trabalho, no mercado em várias empresas importantes, todos eles. Chega para mim assim quando a gente se encontra: “Poxa cara, tu não tem [sic] noção daquela experiência que foi edital o Questão de Ordem”. Tá fazendo jornalismo hoje, ou seja, uma coisa se reflete na outra. Isso é muito legal, você ouvir. Vários editores e editoras também: “Bom, professor, caramba, muito interessante, que na época a gente estava fazendo, eu não tinha noção ainda da importância de editar um jornal-laboratório, mas foi importantíssimo na minha formação, hoje eu estou trabalhando aqui, não é à toa então eu já cheguei ali pronto, já cheguei, claro que não, pronto totalmente, mas já preparado”. E isso é muito legal e isso rolou muito e rola quando eu encontro essa galera.

Arquivo: B4 – Prof. Thiago Soares

Tempo de gravação; 18 min e 16 seg

Realizada em 05 de junho de 2024

Obs. Entrevista realizada via WhatsApp após enviar as 13 perguntas do roteiro em forma de texto. As repostas foram juntando alguns pontos.

Identificação: Prof. Thiago Soares, ex-docente da disciplina de Jornalismo impresso e oficina de Jornalismo impresso

Primeira resposta: Eu vou começar a te responder a parte da histórica. Eu estive na UFPB de 2008 a 2013 (2012/2013). Eu sou jornalista formado pela UFPE, com mestrado UFPE, doutorado na UFBA e foi aprovado no concurso de jornalismo impresso porque eu tinha experiência. A minha vaga na UFPB foi de jornalismo impresso, fui aprovado também entre outros critérios, porque fui jornalista da Folha de Pernambuco do Recife, na época, mais de 10 anos. Acho que eu passei 15 anos na Folha de Pernambuco e lembro que no perfil de vaga do meu concurso na UFPB eu teria que ter experiência e eu comprovei a experiência. Enfim, foi aprovado como professor afetivo em 2008. Quando foi aprovado a disciplina que eu administrava era a disciplina de jornalismo impresso que incluía aquelas disciplinas de técnica de reportagem, entrevista e tal, e incluía também o jornal-laboratório. O primeiro contexto é, eu não sou uma pessoa da UFPB, não me formei na UFPB. Então essa histórico assim, dado Questão de Ordem como uma questão de validar o jornalista ali, eu não tenho realmente acesso. Eu vim de outro contexto, eu não conhecia, eu não conhecia nem sequer os professores, os colegas, então eu fui conhecendo lá, então é talvez a minha desvinculação de eu ter vindo de outro contexto, de Recife, eu não fiquei morando em João Pessoa, morei um período do probatório que fiquei realmente. Então talvez eu não tinha esse apego ou essa história realmente do Questão de Ordem. Do ponto de vista histórico, assim eu não tinha, não sabia que que tinha essa origem. Inclusive estou sabendo agora que foi um TCC para as pessoas provarem que eram jornalistas. Eu não, realmente não conheço esse contexto. O que me chegou assim, num primeiro momento foi um nome. Eu achei um nome horrível, que era um nome para mim que me remetia uma coisa da ditadura militar, ordem e progresso, questão de ordem, parecia uma coisa militar, então eu questionei, eu acho que teve isso também. Eu questionei se podia mudar o nome, e não podia mudar o nome. Eu estava chegando ali naquele momento no departamento e enfim, um pouco a contragosto, acho também realmente talvez tenha mudado um pouco a cara do jornal para sair de um viés de jornalismo assim, *hardnews*, e entrar numa outra esfera que eu achava de repente, talvez até um pouco pra quebrar com essa dureza assim do nome, Questão de Ordem. Pelo que eu lembro, era isso, talvez eu ter tentado mudar o nome do jornal e tudo possa ter incidido na negativa em relação

a imprimir o jornal, porque eu também lembro muito claramente de que eu solicitava várias vezes a chefe do departamento e não era atendido, não havia verba, sempre tinha um pouco um argumento nesse sentido. Os alunos, a gente começou a fazer o jornal, os alunos começaram a gostar e imprimiram, mas com os próprios recursos. Eu lembro também que a gente mandou o Questão de Ordem para o intercom e aí os alunos eventualmente ganharam prêmios, mas não lembro assim exatamente. Quando, quais. Assim, mas teve essa dinâmica e logo depois eu comecei, eu lembro que acho que com a volta do Davi, que eu acho que foi um colega, um professor que eu acho que estava afastado, eu não lembro. Quando ele voltou do afastamento, ele assumiu, eu acho que foi Davi e Edônio. Não lembro exatamente, eles assumiram o Questão de Ordem e aí eu não lembro também o como ficou, o jornal, se teve, se ficou e tal. Acho que é do ponto de vista histórico, é isso que eu lembro.

Segunda resposta: Bom, é o jornal-laboratório. Assim vou juntar ali as perguntas. A questão do jornal-laboratório para o ensino. Eu acho que é nesse caso foi fundamental. Foi fundamental porque a gente, na verdade, adotava na disciplina um sistema de reprodução do modelo das redações, das rotinas produtivas das redações. Então tinha reunião de pauta, saída para as pautas e acompanhamento e leitura e revisão. A gente teve dia, lembro também, a questão de ilustração, no primeiro momento a gente fazia um mapeamento, de quem podia ser editor, quem podia, quem tinha habilidade também com design, quem tinha habilidades com ilustração e fazer um pouco essa divisão. A gente adotava uma rotina produtiva do jornalismo dentro do sistema da universidade. Assim é que justamente por esse motivo ele acabava sendo muito importante pedagogicamente, os alunos viam que tinha toda uma dimensão coletiva na produção de um de um jornal. Então isso foi muito importante naquele contexto ali que ainda é o mercado jornalístico. Era operava nessa chave do jornal da guerra, de imprensa dentro dessa dinâmica. Confesso que hoje assim, eu não sei se é, acho que o jornal-laboratório continua sendo um elemento, um veículo importante, mas eu acho que hoje ele rivaliza com alguns outros formatos. Assim, mas eu ainda acho que o jornal-laboratório, ele é um elemento importante, mesmo que não seja impresso, mas assim digital e tentando espreado nas redes, eu acho que ele é um ele é um veículo importante assim para o ensino e aprendizagem.

Terceira resposta: Sobre o histórico assim do questionador, realmente eu não lembro. Eu só lembro que tinha tido uma coisa antes, eu realmente não tenho como te informar assim do jornal. Sobre a metodologia e sobre a linha editorial. Quando eu assumi o jornal na disciplina é eu lembro que a gente começou a trabalhar numa dinâmica de dossiês. A gente fazia dossiês temáticos. Foi um enquadramento que aproximou o jornal dessa dinâmica mais de revista. Teve essa possibilidade uma certa negativa para que o jornal fosse impresso e tal. Diante disso, me colocaram muitos, muitos percalços para o jornal ser impresso. Então a gente começou a tentar viabilizar ele de maneira mais rápida e barata. Por isso que a gente começou a adotar o perfil de dossiê, para não trabalhar com matérias muito quentes assim. Embora o dossiê tivesse uma coisa de elaborar pautas tinha do ponto de vista de metodologia. Se a gente trabalhava muito com o recorte de algumas pautas. A gente fechava o tema e a gente partilha para elencar pautas. Não é assim ligado a esses temas. E eu lembro que tinha também um dos critérios que a gente adotava. Assim, era de trabalhar formatos de texto, assim,

gêneros textuais distintos. Então assim, trabalhava com crônica, trabalhava com entrevista pingue-pongue, trabalhava com reportagem, então esses múltiplos gêneros textuais também eram contemplados. Eu usava isso justamente para explorar uma coisa que eu notava no curso, que era uma ausência de textos até mais literários, crônicas. Eu vinha do campo do jornalismo cultural, então eu quis também um pouco trazer esse debate também para o campo do jornalismo cultural. Então, essa formatação de múltiplos gêneros textuais era algo que também eu quis implantar

Quarta resposta: Vou falar um pouco agora das regras e dos manuais. Eu usava o manual da Folha de São Paulo. Questão de ordem, escrita, padrão de texto, como se estava a idade, números. Sobre a divisão de fontes, dessas escolhas não tem como precisar, assim exatamente como se dava isso, mas era um processo. Eu tinha uma equipe, era eu o professor, editor geral, mas a gente tinha editores que iam um pouco. É a gente elencava alguns editores que eram alunos. Mas que eu tenho experiência dentro de mercado. Eu tenho estagiado ou então gostava realmente e que tinha uma aptidão assim para liderança e eles meio que também era um meio que coeditores juntos. Tinha o pessoal da arte, que fazia tudo era feito conjuntamente assim, a diagramação, as fotos, as artes. Era tudo meio definido coletivamente. Tinha um pouco das pessoas se facultarem a fazer, essa minha identificação de algumas pessoas. Essa apuração era feita pelos alunos sem recurso, os alunos faziam por conta própria. Na época não tinha essa coisa ainda muito disseminada ZAP, era uma apuração telefônica. Não lembro exatamente assim, mas eram os alunos. Eu lembro que já chegou uma época, eu isso eu ouvia falar, que a universidade destinava carro para os alunos apurarem. Isso eu não lembro. Eu não vivi esse momento.

Quinta resposta: Sobre a questão da circulação. Ele circulava internamente ali na universidade com uma tiragem era muito pequena. Nessa época que eu fui editor ele ficava na Secretaria do DECOM assim, disponível. E os alunos imprimiram números x. Era mais uma coisa de portfólio para os alunos. Não lembro assim de uma circulação na universidade. Sobre a questão da periodicidade, eu acho que a gente fazia numa disciplina a gente chegava a fazer três ou quatro números. Como ele não era um veículo, não era um jornal de extensão, de projeto de extensão assim, eu acho que ele teria uma sobrevida, se adequava a esse momento da disciplina. Então era isso que acontecia era o período da disciplina aqueles meses ali da disciplina, sei lá, quarto a cinco meses, a gente fazia. Às vezes fazia as quatro edições e saíram na mesma época, no final da disciplina. Não tinha uma periodicidade assim, tinha número que a gente terminava a disciplina e fazia que é um pouco diferente, caso ele fosse, não sei se é ele era ou chegou a ser um projeto de extensão. Mas quando eu fazia ele [sic] finalizava a disciplina, lançava os quatro ou três, então não era uma coisa periódica assim. Sobre a questão da memória, também não tinha preocupação nenhuma em arquivo. Eu vi o arquivo agora porque você achou aí os números. Era um jornal estudantil a coisa do público era a própria comunidade da UFPB. E eu lembro que a gente chegou a acho que essa parte aí dos jornais com literatura. A gente chegou a circular ali pelo Centro de Filosofia e Letras e Artes, o CCHLA. Eu lembro de fazer algumas ações lá do pessoal, mas era a comunidade acadêmica da UFPB. Não tinha a participação de público assim, leitor.

Sexta resposta: Sobre a mudança da linha editorial para revista, eu acho que causou que os alunos pelo menos gostaram, ter sido uma disciplina muito produtiva. Mas eu acho que os docentes não gostaram. É talvez exatamente porque eu possa ter maculado a memória de alguns colegas. É, mas também eu não me preocupei em consultar qual era o modelo do jornal que era feito, uma vez que me foi negado o sistema de produção de impressão dos jornais e tal. Então, eu realmente tive que fazer aquilo que era possível. Eu lembro que havia uma cobrança para a impressão dos jornais. Eu lembro isso muito do Pedro Nunes, que era o chefe do departamento, me cobrando para imprimir o jornal e eu lembro que eu respondia muito nessa chave assim, como é que a gente iria fazer. Mas eu acho que a mudança editorial causou realmente uma crise. Acho que queriam um jornal mais *hardnews* e eu não. Por condições e pela qualidade é possível ser feita naquelas condições da universidade? Eu não achava oportuno uma coisa mais *hardnews*. Então eu imprimi uma veia mais jornalismo de reportagem, de crônicas, com outra pegada.

Arquivo: B5 – Prof. Alarico Correia Neto e Carmélio Reynaldo

Tempo de gravação; 1 hora 16 min e 19 seg

Realizada em 25 de janeiro de 2024

Obs. Entrevista realizada na sala do PPJ UFPB com o celular Motorola One Macro, uma GOPRO e um gravador de áudio portátil. Participaram a professora Zulmira Nóbrega e o Jornalista Giovanni Meirelles

Identificação: Prof. Alarico Correia Neto, ex-docente e coordenador da disciplina de Jornalismo impresso

Pesquisador: Temos aqui a presença do Professor Alarico e Carmélio Rinaldo de foram professores durante muito tempo de um curso de comunicação social, do curso de jornalismo. O professor Alarico foi coordenador também por muito tempo do Questão de Ordem e o professor Carmélio fundou primeira edição do Questão de Ordem e contribuiu nos primeiros anos na construção dele. Eu queria primeiro perguntar pro senhor professo Alarico o primeiro impacto com a questão de fazer o jornal-laboratório. O senhor já estava como professor, como coordenador, como é que foi ensinar os alunos na prática, a questão de produzir notícia?

Prof. Alarico Correia Neto: O Questão de Ordem, como uma tarefa mesmo do curso de comunicação, independente de ser coordenador, mas o professor tinha que trabalhar justamente nessa área de jornalismo impresso para mostrar como se faz um jornal. Todas as etapas do jornal na preparação da reportagem, como elaborar a reportagem, a questão técnica da elaboração da reportagem, depois da redação, porque todos tinham disciplinas direcionadas para a preparação de reportagem, técnica de reportagem,

Carmélio Reynaldo: Técnica de reportagem e pesquisa jornalística, a sigla era TREPJOR.

Prof. Alarico Correia Neto: Tinha o jornalismo impresso também, que era a disciplina que ensinava elaborar o jornal, depois disso a gente tinha que também para mostrar o que é que aprendeu e a gente possa mostrar o que ministrou para o aluno. Era a prática mesmo do fazer era o Questão de Ordem.

Pesquisador: Professor Carmélio antes do de iniciar o Questão de Ordem mesmo, como um jornal de estágio, tinha um jornal cobaia mesmo do próprio curso, O BEERRO se eu não me engano.

Prof. Carmélio: O BEERRO, ele foi feito na disciplina chamada redação e edição, que foi do primeiro do primeiro projeto pedagógico do curso, então tem essa disciplina e concomitante tinha uma disciplina chamada diagramação e revisão. Então, essas duas disciplinas se juntaram para fazer esse jornal-laboratório do BEERRO. Do BEERRO eu participei como aluno, o orientador era Fausto Neto, professor responsável pela disciplina era Fausto Neto. É depois com a primeira turma, em 1980, a primeira turma chegou para concluir o curso. Aí foi feito o Questão de Ordem, como trabalho de conclusão de curso. Que na época não havia TCC, havia um estágio final, mas com havia uma política de não colocar estagiários nas redações, que era uma reivindicação da categoria para evitar, até bom frisar isso, uma reivindicação da categoria apoiada pelo movimento estudantil, de não colocar estagiários para servirem de mão de obra gratuita ou mão de obra barata nas redações. Na década de 90, o pensamento dentro do movimento estudantil mudou e passou a reivindicar, e aí o mercado de trabalho encolheu.

Pesquisador: Teve o que a mudança mesmo realmente do regime de estágio, que era ilegal.

Prof. Carmélio: A própria universidade tinha que dar condições para as pessoas, para os alunos. Havia estágio na assessoria de comunicação da universidade, havia estágio em algumas assessorias aqui dos centros, havia jornal-laboratório, e havia um programa de rádio também. Na época que eu orientei o Questão de Ordem, quem orientou o programa de rádio, que não era Espaço Experimental [nome do programa de laboratório de radiojornalismo], foi Rodinaldo Morenos.

Pesquisador: Nome “Questão de Ordem” foi criado com essa turma.

Prof. Carmélio: Essa turma de 1980, a primeira turma a se formar.

Pesquisador: E foi “uma resposta”?

Prof. Carmélio: Não. A ideia foi assim, primeiro, é uma expressão muito usada dentro do movimento estudantil. E outra coisa é que nossa intenção, porque você imagina o seguinte, estava no final da ditadura, então a nossa intenção era ser um contraponto, uma questão de ordem, uma intervenção no discurso hegemônico da imprensa. Daí o nome de, quer dizer, a gente quer fazer uma interferência no discurso de vocês estão fazendo. E aí ficou nome, “Questão de Ordem”.

Pesquisador: Relação a conforme o tempo foi passando, o Questão de Ordem foi um dos jornais. Ele viveu com alguns outros jornais, algumas outras edições, porque alguns professores, cada um que assumia a disciplina, acabavam criando junto com a turma, e tinham essa liberdade. Chegou o momento que foi colocado que é o Questão de Ordem o jornal-laboratório do curso. O senhor se consegue lembrar assim mais ou menos esse período?

Prof. Alarico Correia Neto: É que eu me afastei durante tempo para assumir a editora, para assumir extensão. A minha participação mais efetiva na elaboração de Questões de Ordem repetiu mais com esse aqui [mostrou a edição de 1985]. Aqui daí, depois daí temos que é o seguinte, depois de 86 já não sou eu quem está condenando.

Prof. Carmélio: Alarico, em qual período você foi chefe de departamento? Que foi, eu me lembro que foi na época você era chefe de departamento, que o departamento tomou a decisão de que o nome do jornal-laboratório teria de ser Questão de Ordem, porque justamente isso, cada professor que entrava mudava o nome. Você não lembra o que é que tinha perdido. Sou muito péssima, mas foi final dos anos 80, ou coisa.

Prof. Alarico Correia Neto: Sou muito péssimo de memorizar as datas.

Prof. Carmélio: Acho que foi final dos anos 80 alguma coisa assim.

Pesquisador: A gente tem o registro de 86 para frente, possivelmente ali com o ESFERA GRAPHICA

Prof. Alarico Correia Neto: Eu acho que até o ESFERA GRAPHICA deve ter mudança de nome.

Prof. Carmélio: Talvez você encontre outros jornais, também da década de 90. Jornais, laboratórios da década de 90 com nomes diferentes, porque teve o seguinte, eu ministrei num período letivo, uma disciplina chamada jornalismo especializado. Na disciplina de jornalismo especializado a turma se dividiu, “quem vocês querem se fazer, que tipo de jornalismo”. Então teve um grupo que queria fazer mais para área de fotojornalismo. Então eles fizeram um exemplar voltado para a fotojornalismo. Tem outra turma que jornalismo cultural e fizeram. Então eu acho que dessa turma, digamos, foram 5 grupos. E aí cada grupo deu o nome para o seu jornal, mas não é um jornal-laboratório oficial do curso de comunicação. Uma coisa de se dizer, inicialmente o Questão de Ordem era estágio, aí no segundo projeto pedagógico do curso pedagógico, ele passou para ser do laboratório de jornalismo impresso.

Pesquisador: Que foi o currículo de 85

Prof. Carmélio: Foi exatamente, foi esse currículo mesmo de '85. Aí depois mudou para oficina de jornalismo impresso e manteve o nome.

Pesquisador: Em 2011.

Prof. Carmélio: Inclusive, ficou mais ou menos a mesma carga horária, o mesmo período. Foi uma coisa que mexeu pouco, porque, como eu dizia sempre, o nosso projeto político pedagógico não precisava de tanto ajuste, tanto que quando ajustou, mudou pouco. Era uma coisa que estava dando certo, tanto o jornalismo impresso, radiojornalismo, telejornalismo. O

problema de telejornalismo era mais falta de espaço, não ter um estúdio adequado e equipamento.

Pesquisador: A experiência de fazer o jornal-laboratório também trouxe algumas coisas, algumas histórias. A senhor [Alarico] teve, eu acho, que a maior história, mais legal de todas. Porque experimentar um jornal com a turma, tem isso, tem esses riscos, assim de como que o público e a própria mídia ao redor vão receber. Como é que foi essa experiência?

Prof. Alarico Correia Neto: Eu também porque o pessoal do batente não se cobre mágoa como o pessoal acadêmico. Mão gostava mesmo que eu e o Carmélio tenhamos saído do jornalismo profissional, mas depois que está a nos dividiu, aí criou, se essa questão de tudo que a gente fazia aqui havia contestação, até nós tentamos, até que fomos ao chefe de departamento trazer Walter Santos, muitas pessoas ligado aos sindicatos para se reunir aqui, tem que começar a fazer a integração do meio jornalístico, do profissional com o pessoal do curso de comunicação. Daí resultou da API [Associação Paraibana de Imprensa] nos levar para ministra cursos no interior e ver se há ali uma integração. Então acho que para aí esse entendimento de participação. Tanto que esse Questão de Ordem quando ele saiu [edição número 4 de agosto de 1985, no acervo], que é a intenção dos alunos fazer isso que foi feito. Eu acho que nenhum deles se arrependeu de ter feito isso aí, embora a polêmica tenha sido muito grande, muita gente, professores a favor, dos professores contra, geralmente a maioria contra. Mais impressão do batente a maioria também foi contra, com raras exceções, coma Walter Galvão, que já faleceu, mas já estava favorável. O pessoal mais aberto aprovou.

Pesquisador: Foi o esperado de um Pasquim a questão do humor é a edição número 5 [errata: número 4]

Prof. Alarico Correia Neto: Pode ter sido exagerado, mas é o que eles queriam fazer então foi feito por brincadeira, uma vez. Pega o jornal você vai entender, tudo não era notícia, era gozação com as notícias.

Pesquisador: É um jornal quase charge.

Prof. Alarico Correia Neto: Muito na linha do Pasquim, que eu acho até exagerou mais que o Pasquim. Mas repercutiu, é tanto que, eu estava vendo aqui, foi a única edição que esgotou, tudo mundo queria essa edição. Eu trouxe aqui para você uma página do jornal O Momento [consta no ANEXO D]. Eu acho que a menina Giza Veiga

Pesquisador: Repercutiu externamente. Como o senhor professor coordenador, quando uma produção dos alunos e dos professores, impactam assim e geram um problema político pedagógico com a instituição, como o senhor se sentiu? Com a corda no pescoço?

Prof. Alarico Correia Neto: Eu me senti realizado. Porque eu não limito nunca o que vem acontecendo hoje, por exemplo, é censura. Aprovamos uma Constituição que eliminou a

censura. Ainda hoje sofro por conta de censura. Eu tive meu doutorado proibido de fazer, proibido de não pode sair do país. Já aprovado, duas vezes aceito Universidade de Paris, mas não podia sair para isso, censura firme. Eu só vim descobrir isso aí quando nos 50 anos da “bendita revolução”, me convidaram com a palestra Tribunal Regional Eleitoral. Então eu fui dar para uma mesa redonda. E lá, Felipe Pessoa, que foi professor também me chamou e me mostrou um documento que tinha lá DOI- CODI.

Prof. Alarico Correia Neto: Dizendo que eu era um elemento de alta periculosidade. Então eu era proibido de sair do país. Duas vezes, eu tentei duas vezes, mas não pude sair do país. A gente descobriu, 50 anos depois, o porquê. Eu achava que era uma experiência no fechado, dentro da universidade, o que valeu a intenção de pessoal parar para ver. Todo mundo tem o direito de aprovar ou não aprovar, e não foi feito para aprovação total essa que era a intenção dele, de sondar qual é a opinião que esse tinha. A minha era de colocar em pauta um produto feito pelos alunos que eles mesmos criaram. Certamente ele não poderia até sair daqui para trabalhar no Pasquim, mas a intenção não era fazer um jornal igual que já tinha em João Pessoa na produção comercial, era fazer um jornal realmente servisse como um laboratório, e funcionou.

Pesquisador: Existem coisas que são óbvias, por exemplo, um jornal-laboratório obviamente não é uma simulação, mas a gente conversar com alguns professores, eles ficam um pouco do vício, do “eu vou trazer a experiência do mercado, alguma coisa no mercado” e que traz a imagem, às vezes de que é uma simulação, um estágio do jornalismo. Mas o jornal, laboratório, ele é muito mais experimentação. Os senhores conseguem ver, como os senhores tinham contato o que o Questão de Ordem era algo mais experimentação? Ou tinha que passar alguma coisa da técnica do mercado? Que de técnica do mercado, não importa a experimentação, tinha que ser ensinado para o jornalista?

Prof. Carmélio: A minha posição era o seguinte, tinha que formar o pessoal para o mercado. O conceito de laboratório que eu tinha era o conceito que foi adotado quando se adotou o nome de oficina. Porque não era fazer experimentação propriamente, era tentar fazer o pessoal vivenciar a prática jornalística. Uma coisa que eu sempre me preocupei, todo mundo que foi meu aluno sabe disso, é a rotina. Porque você fazer um jornal, um só, por exemplo, você tem a vida toda, digamos assim, para fazer, você faz um quando geralmente é isso aí fica muito palpável quando você faz qualquer trabalho com uma periodicidade. Você faz o primeiro, planeja demora tal. Você vai fazer semanal, só tem uma semana para fazer. Aí geralmente as pessoas desistem do terceiro ou no quarto, como aconteceu com os programas que o pessoal propunha fazer na Rádio Universitária. Até que a gente começou a barrar, porque tinha gente, tinha professor lá que “quero fazer um programa sobre tal coisa”, aí fazia, legal. O programa vai ser assim, fazia um programa maravilhoso, o primeiro. O segundo fazia meia pouca, o terceiro, geralmente a pessoa desaparecia ou então chegava atrasada, não sei o quê, aí ia tentava fazer o quarto, terminava não fazendo. Minha preocupação sempre foi essa, assimilar a rotina de produção do jornal. Ou seja, a gente tem a reunião de pauta, dia tal, depois é cumprir as pautas, preparava o jornal, diagramado, levava para gráfica. Tudo isso dentro de um cronograma rígido, que era geralmente o motivo dos meus conflitos com os

alunos. Será porque o aluno quer levar naquele ritmo de entregar um trabalho escolar qualquer. Mas a gente tem que ter hora, na gráfica o cara dizia, olha, tem que chegar até tal hora para poder sair dia tal, caso o contrário, não sai. Assa sempre foi minha preocupação. E outra coisa, com uma qualidade que não é envergonhasse o autor. Ou seja, o aluno tinha que fazer um trabalho que depois as pessoas lessem, dizer: “Ah, sua reportagem ficou boa”. E a minha cobrança, às vezes também levava a, digamos assim, a um mal-entendido. Que eu estava cobrando que ele fizesse bem-feito e ele achava que podia fazer qualquer coisa e qualquer coisa se publica. Outra coisa também que eu adotei como linha editorial é área de abrangência de cobertura. Para a gente não ter que sair de todo canto. Era outro motivo também que às vezes eu me desentendi a como aluno, porque o aluno queria fazer uma reportagem sobre os ônibus em João Pessoa, mas não era nossa área, a gente queria um espaço em que você pudesse se deslocar a pé. E a universidade é um universo, daqui dentro da universidade, a gente dentro. Então a nossa área de abrangência é e universidade. E a comunicação da Paraíba, se você procurar, e é uma coisa que eu lamento muito, mas se você procurar, você vai encontrar todas as edições do *Questão de Ordem* que orientei, tem uma boa cobertura sobre o que acontecia na comunicação da Paraíba. Sobre o jornalismo, sobre curso de comunicação, API, sindicato. Tudo isso a gente procurava fazer. Às vezes, até colegas também professores, criticavam a falta de abrangência, mas se a gente fosse tentar abranger tudo, a gente não fazia, não abranger nada. Toda a publicação ela tem uma certa abrangência. Só os grandes jornais que têm esporte, polícia geral, cidade, cultura, teatro, cinema... os outros não têm. E era isso que a gente tentava fazer também. Certa forma, era um jornal especializado. Uma coisa que eu discordo da proposta de Alarico, porque exigiu também a responsabilidade com a verdade, entendendo a responsabilidade com os fatos, você ser fiel aos fatos. Esse aqui dava margem à criatividade. Tem uma coisa assim também, que o pessoal pedia “Ah, eu quero publicar um poema também”. Eu digo: “Poema? O poema lá no curso de literatura”, é jornalismo, a gente não tem espaço para botar uma crônica ou um poema, a não ser que a sua crônica seja sobre um fato que está acontecendo.

Pesquisador: E isso é importante que cada professor, a seu estilo, a sua forma de conduzir. E a cada turma vai aprendendo também, porque tem jornais com várias linhas diferentes. Tem uma possibilidade também de criar e ter um público que vai ler de determinada maneira. Então, existe jornalismo literário, existe jornalismo econômico, existe jornalismo científico, existe jornalismo voltado à questão do humor, existe tipos de jornalismo e as especialidades que cada jornalista vai seguir. Agora uma coisa é, a gente pode brincar com o fato e tratar o fato, mas o fato é a matéria prima do jornalismo. Então, no jornal-laboratório, a matéria-prima do laboratório que vai misturar ali, pensando no laboratório químico, é o fato e do fato vem o resto que é literalmente experimento. Professor Alarico, o senhor tinha contado não somente com os professores que estavam na edição, mas também na construção do layout, da parte gráfica. Como era a relação com a área gráfica? Porque mudou, a tipologia mudou, a tecnologia mudou como é que o senhor percebeu essas mudanças do próprio *Questão de Ordem*, do que as pessoas viam e escreviam?

Prof. Alarico Correia Neto: Você vê a diferença de um jornal para hoje. A questão do visual até do ponto de vista também técnico, de equipamento. Nós trabalhávamos com composição “a quente” na editora universitária na máquina linotipo e logo depois vem *offset*. Com o *offset* as condições eram bem mais fáceis de resolver a formação, de composição e de preparação do jornal. Essa mudança que houve que ainda não foi da internet, com a internet foi muita coisa, mas já avançou muito. Então os jornais, eles se aprimoraram e o jornal-laboratório, certamente eu não vi os últimos, mas certamente deve ter evoluído. Nessa evolução dos processos e o modo produtivo dentro do jornal, da feitura do jornal.

Pesquisador: Na tua época, tinha alguma dificuldade em questão de impressão de custo, de distribuição?

Prof. Alarico Correia Neto: Sempre teve dificuldade de fazer o jornal-laboratório. Não havia dotação orçamentária para o jornal, e se houvesse poderia fazer na gráfica universitária, poderia fazer em qualquer gráfica, mas não era. A gente era muito limitado, era difícil colocar em ordem numa sequência lógica e permanente a saída da edição do jornal Questão de Ordem. Sempre houve dificuldade o departamento de comunicação sempre sofreu muito.

Prof. Carmélio: O jornal era feito aqui, a gente vê até Alarico, era feito letra 7, é que era uma espécie de decalque. Você tinha, você decalcava e colocava o título. Havia toda uma dificuldade de fazer. Isso aqui era feito à mão [mostrando o desenho de uma publicação de 1985] e depois aí tinha que fotolitar. Era uma complicação muito grande, você nem imagina, por exemplo, a diagramação, a disciplina que eu dava, diagramação e revisão. Eu tive que aprender matemática. Eu nunca fui bom em matemática, mas eu tive que aprender matemática porque você tinha uma folha de papel milimetrada. E você ia calcular o texto que estava datilografado, a quantidade de toques que tem naquele texto e ele, quando fosse composto nessa fonte aqui, numa coluna de tal largura, quantos centímetros ele ocuparia naquela coluna. Em qualquer erro, ou ficava sobrando espaço, ou, pior, a matéria estourava. A matéria ficava incompleta. Você vai ler em jornais antigos, de vez em quando você vai ver de vez em quando você vai se deparar com situações desse tipo. Você está lendo a matéria de repente ela termina no meio de uma frase, ali a matéria estourou e não tinha mais como consertar, porque já era em cima da hora. Acontecia muito, né? Simplesmente cortava. Às vezes alguém tinha bom senso e dava um jeito de cortar. O ritmo de trabalho que é interessante, ainda hoje é, mas naquele tempo era mais ainda. Um jornal, uma empresa que fazia jornal impresso, era uma fábrica que todo dia lançava o mesmo produto, só que o mesmo produto era diferente de todos os outros que já tinha feito. Quer dizer, usava as mesmas ferramentas, mas sempre surgiam problemas justamente a conteúdo era diferente. Isso o aluno tinha que entender desde a sua formação o que é o “periodismo”, que vem do Espanhol. O aluno tem que sentir a responsabilidade que ele tinha com relação a isso. Então a gente tinha que fechar tal hora e tinha que fechar tal hora, porque lá na redação, lá no jornal mesmo, tem que estar fechado tal hora e acabou.

[trechos com problemas de áudio e participação o Giovanni e professora Zulmira sobre a estrutura dos jornais, como era calculado as colunas e as tecnologias foram suprimidas dessa

edição transcrita, mas podem ser adicionadas em materiais futuros sobre a história do jornalismo na Paraíba]

Prof. Carmélio: A boa coisa também que eu queria frisar, do Questão de Ordem. Se você for olhar o Questão de Ordem do curso de jornalismo da UFPB, ele nunca ganhou o prêmio por ótimas reportagens, por ótimas edições. Sabe por quê? Porque ele nunca foi feito pelo professor. Porque os outros, se você olhar o professor é o editor. Nos nossos, o editor nunca era o professor, eram os próprios alunos. Da reunião de pauta, os alunos sugeriam. O professor orienta, o professor veta, o professor sugere. Mas aí é a responsabilidade toda ali é dos alunos, e eles não fazem uma super edição, uma coisa assim que você vai esperar com que um profissional faça, mas todos os jornais aqui, que eu saiba, foram sempre feitos com o professor orientador, professor orienta, mas não interferem diretamente. Ele corrige, ele muda, pronto, agora pode publicar, mas é o aluno que vai fazer.

Prof.^a Zulmira: Eu acredito que existia um que ganhou o prêmio da Intercom, foi sobre a supervisão do professor Thiago Soares, que foi exclusivo para a questão da reforma ortográfica no Brasil. Então, naquele tempo eles fizeram e ganhou o prêmio de nacional. Desculpe interromper.

Prof. Carmélio: Eu acho, até pela periodicidade, que era uma coisa que preocupa muito. Aí eu gosto também de um projeto de Carlos, Sandra e Edônio, que é justamente isso. O que eu fazia era um noticioso semanal ou quinzenal. Você transformando usando a linguagem de revista e usando o modelo editorial de revista é mais adequado para uma periodicidade como essa [por semestre].

Pesquisador: É o jornal, uma linguagem literária...

Prof. Carmélio: Não, digamos assim, simplificando, em vez de abordar o fato, aborda o assunto. Que é basicamente o que a revista faz. Então, por exemplo, vai fazer uma edição especial sobre a reforma ortográfica, não vai no factual.

Pesquisador: Isso demonstra que o Questão de Ordem ele foi mudando o tempo, ele muda com o tempo. E isso faz parte. É quando eu peguei com base o próprio livro do Dirceu Lopes, que faz o estudo do jornal-laboratório, é nítido, é claro que cada pessoa que vai coordenar tudo, vai dar um direcionamento diferente, vai colocar um princípio A ou princípio B, isso é natural. O que não pode achar é que isso não tem que existir, que tem que ser uma coisa padronizada, institucional. Tem que abraçar essa diversidade e que vai ter várias turmas, que vai se adaptar com o tempo, vai se adaptar às tecnologias diferentes. A gente vai tendo essa experimentação, um período mais de confronto, de gozação, que é necessário também ter, um período mais de atenção ao fato, a coisa mais noticiosa e agora uma atenção mais à parte humanística, porque a gente está muito com o *hardnews* na internet, então vamos pegar um desenho mais, um pouco mais devagar, porque depois que o aluno entrar no mercado de trabalho, ele não vai ter mais paz, ele não vai mais poder fazer uma redução, só vai poder fazer hard.

Prof. Alarico Correia Neto: E agora que os jornais estão se acabando. O que é que será do jornal-laboratório?

Pesquisador: Essa é a pergunta final.

Prof. Alarico Correia Neto: Em João Pessoa só tem A União, já quiseram acabar.

Prof. Carmélio: Eu tenho certeza, mas dizem que uma tiragem muito pequena que o jornal tem hoje. Ainda tem uma boa base de assinantes, mas é basicamente isso que mantém no jornal.

[Trecho sobre o jornal impresso no mercado e sua sustentação financeira que fica suprimido na transcrição]

Pesquisador: O jornal-laboratório no próximo passo? Inegavelmente, ele vai ser mais digital, cada vez mais digital. Quais são os princípios que não podem faltar nesse novo jornal-laboratório? A questão do impresso vai ser somente para ter um souvenir, uma foto aquele registo, mas depois disso o fato mesmo vai ser mais digital. Mas quais são os princípios de um jornal-laboratório que não se pode perder?

Prof. Carmélio: Eu acho que a qualidade da reportagem, um aprofundamento, que é uma tendência, inclusive que você vê em alguns veículos agora que estão por aí, como o intercept. O The Intercept não tem nem periodicidade. O cara tem o prazo, mais ou menos um prazo elástico para preparar uma boa reportagem bem fundamentada e quando publica, impacta.

Prof. Carmélio: O jornal-laboratório, justamente esse modelo que eu vejo que o pessoal está fazendo aqui, que de certa forma, prepara para isso. Vamos cobrir determinado espaço diretamente como está atualmente? Vamos cobrir determinado espaço, vamos ver quais são os aspectos interessantes que tem aqui, o que é que a gente pode abordar. Porque aí desenvolve também no aluno, que era uma coisa que eu sentia, o senso de perceber “isso aqui dá uma matéria”. É uma coisa que falta muito no meio jornalístico. O jornalista de hoje só faz notícias e tiver um embate. Uma coisa que acontece no cotidiano, como o caso de um bar que fica perto lá de casa que o dono, botava a bebida gelada, botava as coisas e ia lá para dentro. Aí o pessoal ia, bebia depois e tinha a tabela de preços, depois deixava o dinheiro. E ele dizia o seguinte, “quando no dia que eu tiver prejuízo, eu fecho o bar”. Ai a turma tinha todo o cuidado, que era uma turma que frequenta, geralmente final de tarde, eu passava por lá com o cachorro, e final de tarde tinha aquele monte de carro lá parado. E outra coisa, se você quiser comer alguma coisa com a bebida, traga de casa. O dono dizia: “Eu não vou para a cozinha preparar, não”. Pessoal percebeu isso e fizeram uma boa reportagem sobre o bar do Pitta.

Prof.^a Zulmira: como era na época quando vocês estavam a frente do Questão de Ordem? Quando eu estudei, existiam 3 professores em Questão de Ordem, que era o professor Moacir

na parte da redação, era o Piva na parte do texto jornalístico da pirâmide invertida, e era Davi na parte gráfica de ajudar com essas questões. Eram 3 professores para a mesma disciplina. Será que vocês fizeram assim? Tinha muitos professores com vocês ou só foram vocês individualmente?

Prof. Carmélio: No começo, eu tinha a experiência, porque fazia a edição de cultura do jornal O Norte. E fui eu que inventei esse negócio, inclusive, de fechar com 48 horas o segundo caderno. Porque eu fazia dois cursos na universidade, trabalhava no jornal O Norte, na reitoria e na Rádio tabajara. Então tinha que fechar de madrugada jornal O Norte, o segundo caderno. eu comecei fazendo isso. Mas aí para fazer isso, eu tive que aprender a diagramar também. Eu tive que aprender a fazer tudo sozinho. Quando foi para fazer o primeiro Questão de Ordem. Eu fui e [depois] me afastei, fui pra Rádio Universitária, comecei a fazer o Espaço Experimental etc., quando saí da Rádio Universitária, coincidiu que não tinha [professor]. Porque o Questão de Ordem, geralmente, era feito com um professor que cuidava da parte gráfica e um professor que cuidava da parte de conteúdo. Aí não tinha os dois professores. Tinha que ser um professor só e eu tive que deixar radiojornalismo para assumir jornalismo impresso novamente. Eu nunca trabalhei com outro professor. Trabalhei assim, diagramação a disciplina de diagramação de revisão, com Alberto Alfredo que era professor de parte gráfica, tanto em educação artística como em jornalismo. Então eu dividi disciplina diagramação de revisão com ele, que era uma turma muito grande e uma disciplina que você tinha bom, eu acho que na época tinha 40 e tantos de alunos. Era uma disciplina que normalmente só tinha 15 alunos, que eu sei, praticamente tinha que ensinar o aluno a usar o esquadro, por exemplo, para você traçar um ângulo reto, o aluno tem que juntar um esquadro com outro, esquadro, uma coisa assim.

[Trecho de memória das atuações de produção jornalísticas da professora Zulmira, suprimidas para esse trabalho, mas podem ser disponibilizadas para memória do jornalismo]

Prof. Alarico Correia Neto: No jornal Questão de Ordem eu trabalhei muito com o professor David. Aí nesse Questão de Ordem causou essa polêmica todinha [edição de 04 de 1985], motivou até que eu e David, nós fôssemos chamados à reitoria prestar contas nesse jornal e houve uma ameaça de a gente ser demitido por causa desse jornal. O questionamento feito fora da universidade funcionou, aparentemente, negativamente, mas eu acho que funcionou positivamente porque houve um momento que a pressão do batente se interessou pelo curso. Eu acho que coincidir também com o pessoal que estava saindo daqui, entrando no mercado de trabalho. Acho que houve essa integração a partir daí, que acabou aquela celeuma que existia, a queimação de um lado contra outro. Você pega aqui essa reportagem no [Jornal] Momento [ANEXO D], tem muita gente caiu de pau em cima, aqui mesmo, na próxima edição, no jornal número 6 [a repercussão foi no número 5 de 1985] teve muita gente a favor. Teve um aluno que disse que na “sala preta” [apelido de uma das salas do CCHLA, a época, que era usada pelo curso] que quando leu o jornal quase teve um orgasmo. Eu acho que valeu a experiência, pode não ter sido positivo ali em alguns aspectos, mas eu acho que vendeu o produto. Eu acho que

talvez foi um marketing. É o marketing tem essas coisas, a coisa certa dá certo, mas eu acho que esse aqui deu certo, no sentido de despertar o interesse pelo jornal-laboratório.

Pesquisador: Era fácil distribuir o QO ou era meio complicado pessoal comprar a ideia de ter o jornal?

Prof. Carmélio: Olha, era uma coisa que eu tinha uma preocupação de fazer uma tiragem proporcional a capacidade de distribuição. Só que a gente tinha que definir, que é uma coisa que eu discutia com a turma também, “quantos exemplares a gente vai tirar, vamos fazer 1000, mas como é que vai ser a distribuição? ou vai ficar uma pilha encalhada aqui, onde é que vocês vão distribuir? Com quem vocês vão distribuir? Vamos fazer as contas aqui”. Aí, já movimentava 500, uma coisa assim, porque não adiantava também você chegar a entregar para uma pessoa e a pessoa jogar fora. Gente que não tinha interesses. Tinha sempre essa preocupação, que é uma preocupação que o jornalista tem que ter também.

Pesquisador: Já era difícil e caro e quando consegue, imagina o administrador deu dinheiro e o jornal ficou encalhado.

Prof. Carmélio: Nem quem faz gosta de ver o encalhe. É frustrante, a gente tinha sempre essa preocupação. E outra coisa, os pontos certos para deixar o jornal, balcão, você segue ali. “Quantos vai deixar? Quem vai levar também?” Porque não adianta você dizer que é para deixar e ninguém vai levar. Tinha toda essa preocupação. E aí, por exemplo, o aluno vai fazer uma matéria, aí já leva a edição anterior para a pessoa que vai entrevistar.

Pesquisador: Isso já ajuda, cartão de visita mesmo.

Prof. Carmélio: É exatamente é para mostrar que o jornal existe.

Prof.^a Zulmira: Aconteceu de vocês distribuírem? Porque a minha preocupação era, se alguns momentos eu fiz isso. Eu coloquei, empacotei, mandei para outras universidades, porque chegavam aqui também os jornais laboratórios de outras universidades. Eu fazia a mesma coisa. Também mandei, porque sempre tive essa preocupação e eu sei que a minha universidade, eu sei que esse curso de jornalismo ele é potente, eu sei que é grande, eu sei que ele formou muita gente boa, eu sei que ele tem grandes professores aqui, e eu não estou para trás não. Eu enviei muitos momentos alguns jornais laboratórios, assim como também recebi. Mas hoje eu não sei, eu não estou na graduação, mas eu não vejo mais esse movimento de chegar jornais de fora. Eu não sei se as pessoas também estão fazendo esses jornais. Porque acho que a pergunta que se estão imprimindo.

Pesquisador: Hoje em dia a gente percebe a grande maioria dos jornais não são mais impressos. A pesquisa que eu fiz inicialmente com algumas universidades, todos são digitais, um ou outro é impresso.

Prof. Carmélio: É uma coisa que o curso precise pensar também. Eu chamava atenção no tempo da fotografia. Eu via na reunião de departamento o pessoal reclamando que não tinha revelador, que não tinha fixador, que não tinha papel fotográfico. E por quê? Todo mundo está usando câmera digital, para quê revelar foto? “Não, mas porque você tem que entender que um dia talvez”. Você não está fazendo um curso de fotografia artística, que era outra coisa que eu questionava a David até e ele terminou concordando comigo, que os alunos de jornalismo fazendo como disciplina optativa Teatro de Bonecos. Aí eu perguntava, em que circunstância o jornalista vai precisar saber manipular teatro de bonecos? “Não, eu posso aceitar uma publicidade, não sei e tal”. Quantos comerciais você vê na televisão que o pessoal usando teatro e boneco? Até no curso teatro do Centro [Centro de Comunicação Turismo e Artes, CCTA, onde hoje o curso de jornalismo está vinculado] daqui os alunos aprenderam aquele negócio do fogo. Fazer um filme no cinema de época, me lembrei um filme sobre Hollywood que essa mesma atriz faz a Barbie trabalha no filme, que aí aparece tem uma festa e uma pessoa engolindo fogo e soprando não sei o quê. Nós tínhamos uma época que quase todos os alunos de artes cênicas tinham que aprender a soprar fogo. Mas para quando usar? porque eu questionava, era isso. Então vou procurar um conteúdo mais relevante realmente para formação e essas discussões. Mas era uma coisa também para aproveitar os professores que o departamento na época era o departamento de arte e comunicação, aproveitar e envolver todo mundo. Sempre tivemos dificuldade com a digamos assim, a demanda por professor sempre foi menor do que a oferta.

Giovanni: Eu vi aqui que o jornal humorado [o jornal polêmico de 1985], provocou em agosto. Quando foi no mês seguinte [na edição] de setembro já houve uma reação de alguns protestando dizendo que não era para ter feito isso, que era para voltar a linha tradicional etc. no âmbito da universidade. A minha curiosidade foi justamente agora, ver que [o jornal] O Momento, que era um jornal de fora da universidade, jornal comercial, empresarial, dedicou uma página inteira a questão da briga dos dois jornais [das duas edições], desse jornal, do deboche, do jornal que achou ruim, mais tradicional. Quer dizer, já teve uma repercussão fora.

Pesquisador: Conseguiu pautar a mídia.

Giovanni: Conseguiu pautar uma página inteira. Aí está aqui [mostrando a matéria, ANEXO D] justamente a capa do jornal da confusão, a aí vem pessoas que nem são mais da universidade, pessoas de fora, associação de imprensa, editor do jornal comercial, falando sobre jornal da universidade, ou seja, aquela história de que a universidade transponha as cercas, que às vezes é difícil, a linguagem da universidade, a sociedade comum não entende.

Pesquisador: Tem um pouco desse impacto. Eu estudando os jornais laboratórios, tanto a versão do professor Carlos e alguns outros, quando se aproxima muito de uma simulação o impacto é quase zero. Agora, se você faz algo diferente, começa a impactar. Por exemplo, os jornais de bairros do Carlos, começou impactar o [jornal] A União, que começou a fazer uma série de bairros. Ou seja, não de forma direta, citando, mas você começa a impactar, começa a pautar. “Olha, tem umas coisas interessantes, tem história aqui, de onde vi isso? Ah, eu vi

do pessoal que veio da UFPB”, então é o jornal-laboratório, tem essa possibilidade. Eu acho que tem que ter um equilíbrio de ensinar técnica bem-feita, o valor da notícia, o valor da construção do que é o ser o jornalista, mas também de tencionar os limites através da justificativa que é a única gente tem. Quer dizer: “É um bando de estudante, por favor, não prendam”, de tencionar esse limite, porque ele se se fosse lançar em um jornal de linha, aí ele estaria muito problemas judiciais.

Prof. Carmélio: A gente teve uma situação que foi com Jean Marie Nogueira. Ele trouxe uma reportagem que ele revistou um traficante que vendia droga aqui dentro da universidade e a gente ia dar a primeira página etc., sem citar a pessoa. E depois o camarada procurou ele [sic] e o ameaçou. Aí a gente fez uma matéria, “a reportagem que não vamos publicar”. Entendeu a matéria, contando mais ou menos os bastidores da matéria. Aí a Polícia Federal convocou ele [sic] para depor, foi aí que eu liguei para Rubens [da reitoria]. Aí Rubens mobilizou alguém da Procuradoria da Universidade para acompanhar, eu fui também dar depoimento. Foi bem recente, foi anos 90. E teve outra também, que essa daí foi no tempo que eu era ombudsman. Ia sair o erro que eu combatia como ombudsman, que foi o seguinte. O tomógrafo do Hospital Universitário estava quebrado, e as pessoas iam fazer tomografia eram encaminhadas para clínicas particulares. A reportagem basicamente dizia isso, só que entrevistou pessoas como o funcionário que não tem compromisso nenhum, que levam, que colocavam em dúvida. A reportagem dizia o seguinte, que as pessoas iam fazer tomografia do Hospital Universitário e, no entanto, em vez disso, estava eram mandadas para fazer em clínicas particulares. Que receberiam do SUS invés do hospital universitário receber no SUS. Então nós fizemos. Era a primeira página, a primeira página com a manchete gigante e tal, e tinha entrevista com uma funcionária do hospital universitário, que de certa forma concordava com isso, e tinha também uma pessoa do sindicato dos servidores que, de certa forma também corroborava com essa versão que era dada. Eu deixava os originais do jornal do sábado e Bené [da gráfica] me entregava na segunda. Fui para casa, peguei o exemplar do Correio da Paraíba. Quando comecei a ler, tinha uma notícia lá falando que é dentro de um mês, mais ou menos chegaria à peça para consertar o tomógrafo. Aí eu disse: “Epa”. Aí fui reler a matéria [do Jornal QO], em nenhum momento as pessoas que foram entrevistadas é admitiram que havia de fato aquilo, mas a aluna construiu de tal forma que dava a impressão, numa leitura superficial e sem você saber que o tomógrafo estava quebrado. Aí eu corri 3 horas da tarde lá para o jornal para pedir para Bené para suspender a impressão do jornal. “Rode não, Bené” e teve que refazer a primeira página todinha. Levei na segunda-feira, jornal só saiu na quarta. Foi uma situação, porque era justamente o tipo de jornalismo que eu criticava, o jornal que eu orientava ia fazer. Um negócio de simplesmente dizer: “Acontece que o tomógrafo está quebrado há mais um ano”. Pronto. O fato era esse, ele estava quebrado e então quando chegava uma guia para fazer a tomografia, tinha que fazer numa clínica particular, pronto.

Pesquisador: Ao aluno ter esse grau de autonomia, esses erros também tinham de ser bem analisados para não acabar passando.

Prof. Carmélio: É exatamente, ter todo esse cuidado. De certa forma, tinha que entrevistar o aluno também, “Por que que é isso aqui? Vamos fazer assim”. Tinha tudo isso e principalmente esse tipo de matéria com denúncia era muito mais complicado.

Pesquisador: Problema de fonte, o senhor já teve alguma que pediu para tirar?

Prof. Carmélio: A única que tive e que o aluno se deu mal, porque eu conhecia bem a opinião do entrevistado. Era uma matéria defendendo o diploma para jornalista e o entrevistado dele era Carlos Aranha, que era um grande crítico, muito amigo meu e grande crítico do diploma para jornalista. Era até um aluno que até morreu num acidente de bugue, era fotógrafo. Eu tive vários entrevistos com ele [suprimimos alguns fatos dessa relação que não agregam à pesquisa], aí, se não me engano, eu liguei para Aranha e disse: “Aranha, você mudou de opinião?”, [respondeu], “Eu não conheço essa pessoa”.

Prof.^a Zulmira: Meu Deus do céu, e sempre os jornais com vocês foram impressos aqui na gráfica universitária?

Prof. Carmélio: Não, comigo foi na gráfica universitária, no [jornal] Correio da Paraíba e na [gráfica do jornal] A União. Teve a época também que, eu acho que a única, que eu censurei uma matéria sobre quando Ronaldo Cunha Lima atirou em Tarcísio Burity.

Prof.^a Zulmira: É, por que foi a matéria?

Prof. Carmélio: Um aluno fez uma matéria lá que era assim, não trazia nada de novidade e queria porque queria publicar. E aquela coisa fica provocando o professor para ver se o professor censura ou não censura. Aí, o jornal impresso na União [que é um jornal que pertence ao Governo da Paraíba como empresa pública, assim como a Rádio Tabajara] eu entrei em contato com o Nonato Guedes, que era o diretor, e perguntei: “Nonato, tem essa matéria assim, não sei o que, tal que que você acha? Se você quiser que eu proíba, eu proíbo”. Aí, ele disse: “Não, pode fazer”. Praticamente o jornal estava pronto, eu disse: “Sabe de uma coisa?” Não. Porque, primeiro que a matéria não traz nada de novo na história. E segundo eu sei como funcionam essas coisas. Você [apontando para o Giovanni] foi secretário de comunicação, sabe. “Não, nada disso, tudo bem”, mas vai ter alguém que vai chegar, vai soprar no ouvido de não sei o quê e vai terminar criando problema pra Nonato.

Pesquisador: Na universidade se tem essa liberdade, essa experimentação, mas ao se passar, por exemplo, com a gráfica que tem uma linha editorial, é uma gráfica de um jornal que também tem sua linha editorial e tem um caso recurso público destinado para A União. Por mais que hoje o modelo seja diferente, hoje é um modelo mais literário, não é tão *hardnews*, não pega tanta notícia, então a tendência não é um confronto direto. Mas nesse modelo de impresso que você tem, que depende de um outro órgão que este órgão tem interesse. Você acha que tem que ter um alinhamento?

Prof. Carmélio: Eu acho não, mas é o seguinte, na vida, tudo que a gente faz tem negociação. No jornalismo também tem negociação. Não vem dizer que você deve totalmente independente, em vários aspectos. O The Intercept, que tem toda a gente o quando eles recrutaram, não sei se vocês leram o livro sobre a vaza jato, diz quando o pessoal foi recrutado para trabalhar no The Intercept, disse, você está disposto a ser processado, sofrer não sei quantos processos, a gente garante os custos de advogado, de não sei o quê. A gente garante, agora você está disposto a ser processado? Mas ainda assim, você lendo a história da Lava jato, você percebe que teve negociação. Teve negociação, por exemplo, de não citar os jornalistas envolvidos. Se você for olhar direito, só é citado o filho de Miriam Leitão. Porque ele extrapolou assim as conexões dele com o Sérgio Moro e com Dallagnol, extrapolaram todas as coisas do bom senso jornalístico, mas os outros eles não citam. Ou seja, houve negociação também ali. E são essas coisas você tem que levar em conta também.

Pesquisador: Mesmo sendo um jornal-laboratório tem que mediar com quem você está imprimindo, onde você está, onde o local, a própria universidade e vê ali o melhor contexto.

[trechos em off sobre as relações de poder com a imprensa paraibana que foram suprimidos e, a pedido dos presentes, não estarão disponíveis]

Pesquisador: Lembra a caso da Polícia Federal que teve uma invasão?

Prof. Carmélio: Foi um evento de cinema que teve no prédio da reitoria, quando a reitoria era lá na frente perto do Liceu. Eu acho que saiu foi no BEERRO que saiu essa matéria. Foi Pedro Nunes, João de Lima, eu estava lá também. Rolou uma bomba de efeito moral e, inclusive, a gente fotografou a cápsula e colocou no jornal-laboratório. Estou em dúvida se foi no Questão de Ordem ou foi O BEERRO. Eu agora estou em dúvida, essa história eu tenho impressão de que eu já era professor. Era uma amostra de cinema, que na época, qualquer coisa que você fosse exhibir, cinema, teatro, música tinha que ser aprovado pela censura federal. E essa mostra de cinema, por ser num espaço da universidade, a gente achou que não precisava. Quer dizer, os organizadores achavam, não precisava submeter à censura. E a polícia federal foi lá e teve um tumulto. Os estudantes resistiram, tal, e eles jogaram uma bomba de efeito moral lá de meio dos alunos, que é uma coisinha.

Pesquisador: E foi notícia no jornal-laboratório, qual foi o jornal?

Prof. Carmélio: Pois é, eu confesso a você que eu tenho dúvida se foi na época. Acho que foi uma dessas edições do Questão de Ordem dessa época daqui [1980]. Eu estou lembrando, sabe por quê? Porque Pedro Nunes era aluno. Quando Pedro Nunes era aluno, eu já era professor, que ele foi meu aluno. João de Lima foi meu aluno também. Então, nesse caso, já foi uma dessas edições, já que tem só a número 4.

Pesquisador: Se perdeu, então.

Prof. Carmélio: Matéria que inclusive eu estou lembrando que a cápsula parecia um isqueiro bic, era de efeito moral, mas, digamos assim, de pequena, pequeno impacto. Apareceu me isso que é o bit um pouco mais encorpado, mas era bem uma coisa.

Prof. Alarico Correia Neto: A gente tem que ver se acha.

Pesquisador: Mas é legal lembrar essa história.

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO AOS DISCENTES NO COMEÇO DA DISCIPLINA

1. Você está matriculado na Oficina de Jornalismo Impresso curso de Jornalismo da UFPB?
2. Qual o seu período no curso?
3. Qual a sua idade?
4. Você já fez a disciplina de Oficina de Jornalismo Impresso antes? Se sim, fale qual foi sua experiência e o que você quer que seja diferente.
5. Como você vê a produção textual durante o período em que esteve na escola básica (Ensino Fundamental e Médio)?
6. Antes de iniciar o curso de Jornalismo, você já teve experiências com algum tipo de publicação? Se sim, descreva.
7. Qual gênero jornalístico você gostou mais de aprender e executar até o momento da graduação?
8. Tem algum gênero jornalístico inédito que gostaria de experimentar? Se sim, qual?
9. Você trabalhará no Jornal QO?
10. Você já conhecia o Jornal QO antes de entrar na disciplina? Nos conte como foi.
11. Você já leu alguma matéria do Jornal QO antes de entrar na disciplina?
12. Você já teve contato com a escrita jornalística em disciplinas anteriores. Portanto, qual o grau de confiança que você possui para a elaboração das matérias no QO?
13. Qual função gostaria de desempenhar nesta edição do Jornal QO?
14. Segundo sua opinião, qual é o papel de um jornal-laboratório?
15. Diante de um cenário de crise de rentabilidade das empresas jornalísticas, em que vários jornais deixaram de circular no papel, você acha que é necessário ter um jornal-laboratório impresso na graduação? Explique.
16. Você acha que para a formação de todo estudante em jornalismo tem que ter uma experiência com jornal impresso e não somente digital? Argumente

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO AOS DISCENTES NO FINAL DA DISCIPLINA

1. Você está matriculado na Oficina de Jornalismo Impresso curso de Jornalismo da UFPB?
2. Qual o seu período no curso?
3. Qual a sua idade?
4. Sobre a Oficina de Jornalismo Impresso, foi sua experiência e o que você quer que seja diferente.
5. Qual função (cargo) você desempenhou nesta edição do Jornal QO?
6. Você gostou do bairro escolhido nesta edição?
7. Você concordou as correções e edições no seu texto, foto ou ilustração?
8. Quais as maiores dificuldades para a produção? Explique:
9. Qual o grau de satisfação das suas atividades no QO
10. Quais fatores mais atrapalharam a execução das atividades?
11. Qual o grau de confiança que você teve para a elaboração das suas atividades no QO?
12. Qual o grau de satisfação das suas atividades no QO
13. Quais fatores mais atrapalharam a execução das atividades?
14. O que você entende como jornal-laboratório?
15. Segundo sua opinião, qual é o papel de um jornal-laboratório na sua formação profissional?
16. Você acha que o Jornal QO deve continuar sendo impresso?
17. Na sua opinião, o jornal-laboratório prepara o futuro profissional? Explique:
18. Diante de um cenário de crise de rentabilidade das empresas jornalísticas, em que vários jornais deixaram de circular no papel, você acha que é necessário ter um jornal-laboratório impresso na graduação? Explique.
19. Você acha que para a formação de todo estudante em jornalismo tem que ter uma experiência com jornal impresso e não somente digital? Argumente

APÊNDICE E – REPOSITÓRIO DIGITAL DO JORNAL QO

Os dados da categorização estão disponíveis em repositório próprio pesquisador:

[ARQUIVOS HISTÓRICOS - Jornal Laboratório UFPB](#)

Será enviado ao CCTA UFPB para em seu site possua também acesso a repositório público

ANEXO A

EXTRA! EXTRA!**A reforma na visão de dois jornalistas paraibanos**

Por Suellen Andrade

A Língua Portuguesa passa por transformações desde a sua origem. Letras entram e saem do nosso alfabeto, acentos somem das palavras e etc. Agora, mais uma vez, a nossa ortografia está se modificando, o que irá alterar a rotina de quem trabalha diretamente com ela.

Jornalistas, por exemplo, precisam se adaptar rapidamente a cada transformação da língua, para não correrem o risco de ficar para trás. Pensando nisso, visitamos as redações de jornais impressos, para trazer a opinião de dois profissionais paraibanos. De um lado, Astier Basilio, repórter de cultura do Jornal da Paraíba, de outro, Fernando de Oliveira, editor-assistente do caderno de Cidades do Correio da Paraíba.

Indagados sobre como estão se sentindo em relação à reforma, os dois jornalistas responderam que estão tendo dificuldades para se adaptar. Astier Basilio citou o fato de que algumas das novas regras, principalmente a do uso do hífen, ainda não estão bem explicadas. "Quando for publicado um texto da Academia Brasileira de Letras sobre a reforma ortográfica, entenderemos melhor o novo regulamento", observa Basilio.

Em relação à maneira como esses profissionais estão se adaptando, Astier apontou que o Jornal da Paraíba realizou um treinamento com um professor de Língua Portuguesa, além de distribuir apostilas com as regras.

Fernando de Oliveira comentou sobre o fato de que pessoas da sua geração aprenderam a escrever da forma antiga, o que dificulta um pouco o aprendizado, mas que conversas com colegas da profissão e consultas em manuais específicos ajudam a se acostumar com a reforma. No entanto, o jornalista confessou que deveria estar estudando mais: "Desde que a reforma foi lançada, estou muito ocupado. Uma colega minha entrou de férias e isso aumentou o meu trabalho". Em março, quando estará em seu período de férias, o jornalista prometeu se dedicar ao estudo das novas regras de ortografia.

Falando sobre qual é a regra que acreditam ser a mais difícil de assimilar, tanto o profissional do Jornal da Paraíba quanto o do Correio citaram que o uso do hífen será a adaptação mais problemática. Eles creem ainda que, entre as regras mais fáceis, estão a eliminação do trema e a perda dos

acentos nos ditongos abertos. Astier Basilio afirmou que a extinção de acentos facilitará o aprendizado.

As novas regras têm um prazo de adaptação (até 2012), valendo, até lá, tanto a forma antiga de escrever quanto a nova. Os jornalistas atestaram, no entanto, que é preciso institucionalizar essas normas. Fernando afirma que, no Correio da Paraíba, já houve uma reunião para decidir se adiantaria ou não utilizar as regras da reforma agora. De acordo com o jornalista, "como nem todo mundo conhece as novas regras, inicialmente, decidimos por não adotá-las". Entretanto, "como trabalhamos com a palavra, somos obrigados a escrever de maneira correta", completa.

O Jornal da Paraíba, por sua vez, já aderiu à nova maneira de escrever. "Todos os textos estão cumprindo as regras da nova ortografia", conforme aponta Astier Basilio. Existem alguns termos, no entanto, que ainda são passíveis de transformações até o lançamento da publicação feita pela Academia Brasileira de Letras. "Acho que as mudanças não vão provocar grandes impactos", concluiu Basilio. ■

QUESTÃO DE ORDEM

Reforma

Ortográfica

16

Dossiê Reforma Ortográfica

Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XVI Fórum Expocom 2009 - Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação

Dossiê Sobre o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa¹Allysson Vianna MARTINS²Thiago SOARES³
Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB.**RESUMO**

O relatório trata das atividades desenvolvidas para a realização do jornal impresso *Questão de Ordem* - Dossiê Reforma Ortográfica, para a disciplina Laboratório de Jornalismo Impresso, do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A equipe decidiu editar um dossiê sobre algo que afeta a todos que falam ou pretendem falar o português, como forma de compromisso social com o que é de interesse público. O assunto é tratado tanto sob o viés político (da integração da língua) quanto linguístico (das mudanças ortográficas). Para a execução do veículo impresso, foram desenvolvidas atividades de apuração, redação e edição de textos jornalísticos num projeto gráfico.

PALAVRAS-CHAVE: língua, reforma ortográfica, integração.

INTRODUÇÃO

O direito à informação é assegurado pela Constituição Federal de nosso país. Tendo em vista o compromisso social da imprensa, os editores do jornal *Questão de Ordem* - Dossiê decidiram trazer à tona um assunto que é de interesse público. O tema que destrincharemos em nosso jornal é o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Nesta nova reforma, podemos verificar várias diferenças, desde modificações simples, como o acréscimo de três letras (k, y, w) e a exclusão do trema, a mudanças mais complexas, como as novas usabilidades do hífen.

Para melhor esmiuçar o assunto, trouxemos reportagens descrevendo como se originou a Língua Portuguesa e como têm ocorrido as suas modificações. Há matéria que informa sobre as principais modificações e possíveis dificuldades; uma entrevista com um dos mais renomados professores de Língua Portuguesa da Paraíba e um panorama do assunto sob o viés mais político, da integração linguística, entre outros.

¹ Trabalho submetido ao XVI Fórum Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade Jornal impresso (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo, e-mail: allysson_cobain@hotmail.com. O trabalho tem ainda como autores: Emanuelle Cibele Invernizense, Erikka Brito Agripino Ramos, Fernanda Priscila Alves, Suellen Vieira de Andrade Santos, Vitor Daniel Chastina Martins Tricostri.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, e-mail: thikso@uflpb.br.

10.02.2022

Oficina

de jornalismo impresso

→ **Divisão de tarefas gerais:**

- Distensão
 - Amanda
- Programação
 - Geomim
 - Sábulo
 - Fernanda
- Foto
 - João Tasso
 - Vanessa
 - Jessica
- Revisão
 - Cláudia Tasso
 - Tainá
- **Editorias:**
 - Rebecca
 - Mariana

→ **Produção de Revista = Jornal**

→ **Fazer p/ próxima semana:**

- Criar os grupos (AO, Ciclo, Equipe geral e outros)
- Pensar (ou seja) em um nome artístico / de trabalho
- Fazer uma análise do Bairro Habitação + ler em jornal
- Mandar as informações aos grupos
- Olhar as edições anteriores (e as exatas de diagramação e arte)

13.02.2022

Estrutura do Jornal

4 páginas

AO

matutina

- CAPA
- Editorial
- Expediente
- História do Jornal

Comuna com o Sítio (participação, unidade, autores, equipes)

4 p.

PR. P. AO

matutina

- Infraestrutura
- Resenhas
- Arquitetura

4 p.

Comunidade

matutina

- Conteúdo complexo
- Foco na expertise em dom. sítio...

Comunidade

4 p.

Coluna

matutina

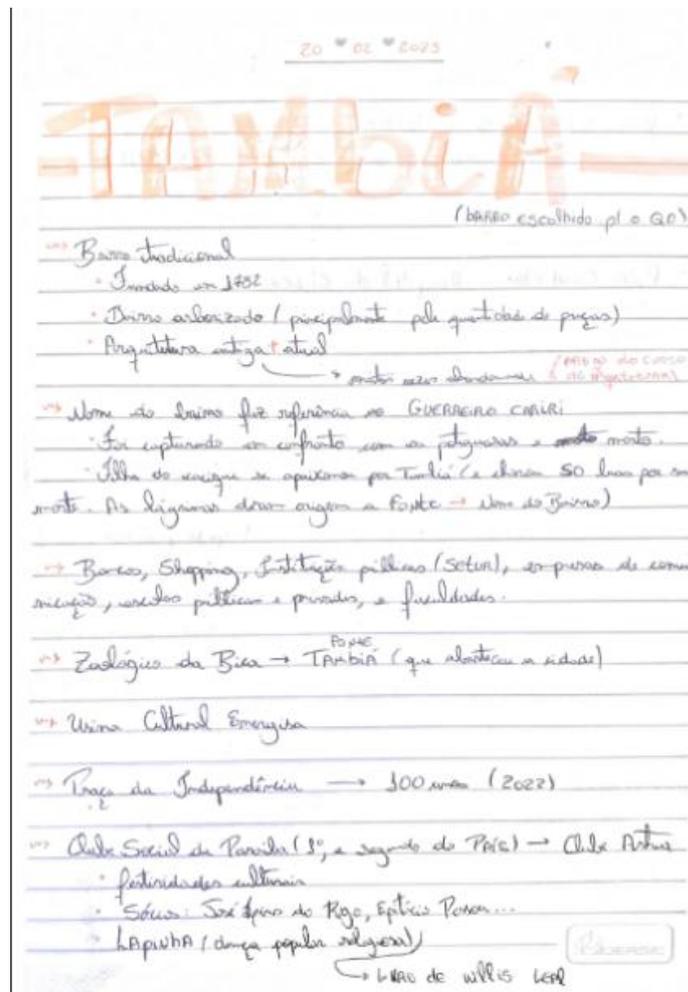
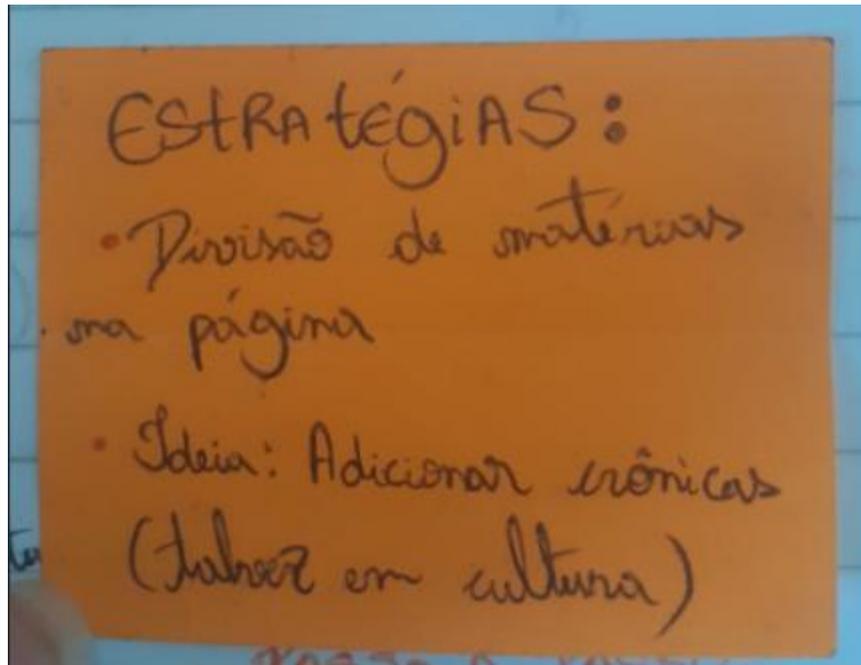
- Figura cultural
- Biografia, entrevista, turismo...
- Bate local

Passo a Passo:

- 1) Definição equipe
- 2) - plano
- 3) Visão de campo (2/3)

→ **Decisão p/ edição do Jornal:**

- Segurança
- Logística
- Interação dos alunos
- Alunos for. nos assuntos (uso técnico de arte)



→ Espaço Sobre BARRIO de TAMBIA - ANOS 80
 "Tambá da minha infância" → leitura: NEUMA e RAYSON

→ HISTORIADOR - Ângelo

→ ANA COUTINHO - Hospital do Câncer

Alunos	Função	Pautas	Data da visita/ Apuração
Amanda Vasconcelos	Ilustradora, Repórter		10/03
Antônio Lucas	Repórter	Crônica dos anos	27/02
Caio Bonfempo	Fotógrafo	Crônica da Zica	27/02
Esther Sousa	Repórter	EEEF Epitácio Pessoa	10/03
Felipe Muniz	Repórter		-
Fernanda Heloisa	Editoração, Repórter	Seleção Tambá	27/02
Flávia Lucia	Repórter	ESARZES + Pousadas	13/03
Geovanni Carvalho	Editoração, Repórter	Napoleão + Rio X	27/02
Ian Perazzo	Revisão		10/03
Jéssica Larissa	Fotografia		27/02
João Pedro	Repórter	PSNS Mãe dos Homens	10/03
Kaylla Vitoria	Repórter	Seleção Tambá	10/03
Lara Ribeiro	Fotografia	Shopping + Pousadas	27/02
Liryel Araújo	Repórter		27/02 e 13/03
Lucas Goes	Repórter	PSTREA	10/03
Mateus Henrique	Repórter		10/03
Neuma Líbia	Repórter	História de Tambá	27/02
Raylson Santos	Repórter	História de Tambá	27/02
Rebecca Namé	Editora-chefe		10/03
Ruan Batista	Repórter	Vilas	13/03
Tacyano Teixeira	Revisão, Fotografia		-
Vanessa Polary	Fotografia		10/03
Vinicius Marantz	Repórter	Napoleão + Rio X	13/03

ANEXO C

PAUTA - QUESTÃO DE ORDEM

Tema da pauta:

Equipe

Repórteres:

Fotógrafo:

Agendamentos

Data e horário da(s) entrevista(s):

Local ou meio:

Fonte(s):

Endereço:

Contato:

Descrição da proposta

Breve descrição do tema:

Gancho selecionado:

Objetivo da matéria:

Dados levantados durante a pesquisa e apuração:

ANEXO D

"Questão de Ordem" Um jornal em questão

O Momento

João Pessoa, 13 a 19 de outubro de 1988

Uma simples irreverência dos estudantes do curso de Comunicação Social da UFPB ou uma tentativa de inovar, em termos de linguagem, a linha do jornal-laboratório? Talvez um pouco de cada coisa, mas parece que o resultado da última edição do jornal "Questão de Ordem" não surtiu o efeito desejado. Os jornalistas profissionais de João Pessoa torceram o nariz diante do exemplar, e até mesmo alguns professores do curso não aprovaram a idéia.

A última edição, que circulou no mês de agosto, optou por uma linguagem descomprometida com os padrões da imprensa tradicional, exagerou no humor e foi recheado por matérias fictícias, imaginárias. A "franchete" do jornal — "Parabá captura o vírus da aids" — conta que pesquisadores da UFPB conseguiram isolar o vírus causador de Aids, denominado "Pennington Erectus" — da espécie "bico de pato". Por essas e outras é que o humor do "Questão de Ordem" foi considerado de mau gosto pela maioria dos profissionais, chamando inclusive a atenção da Pró-Reitoria de Graduação.

O jornalista Rubens Nóbrega, editor do "Correio da Paraíba", comenta que o "laboratório" deve ser consequente, diante de uma realidade de mercado e de perspectiva de profissionalização dos estudantes de Comunicação Social. O "Questão de Ordem" não está tendo esse sucesso. Se o jornal-laboratório é uma prática acadêmica, que pretende iniciar o estudante no "métier", o que se espera é que, no mínimo, ele se enquadre dentro dos padrões do jornalismo comum.

Ele enfatiza que aquele jornal deve servir como instrumento pedagógico e de iniciação profissional. O último número chamou a atenção pela linguagem passiva de má qualidade. É uma imitação pouco criativa do jornal "Planeta Diário", do Rio de Janeiro.

Na sua opinião, o jornal-laboratório reúne condições para treinar os estudantes no jornalismo tradicional, informativo. "A Universidade é de um cenário enorme de fatos, pela própria dinâmica de uma instituição, e motiva uma série de trabalhos e reflexões. Infelizmente a imprensa local não tem condições de dar uma cobertura maior. O jornal-laboratório seria exatamente uma oportunidade para os futuros jornalistas se desbruçarem sobre a realidade do campus, principalmente num momento como esse, em que o ensino superior no país, particularmente na UFPB, passa por uma séria crise. Portanto, o momento é ideal para que, em cima desses fatos, seja desenvolvido um trabalho realmente sério", defende.

Rubens adianta que, através do "Questão de Ordem", não é possível avaliar a qualidade do profissional que a Universidade está formando, "mas deixa que se ter-

teza de que esse nível corresponde àquele que os estudantes mostram no último número".

SEM ABOGADO CRÍTICA

Para o jornalista Renato Guedes, presidente da Associação Paraibana de Imprensa, falta ao jornal do curso de comunicação social uma abordagem crítica dos fatos.

— Eu respeito a tentativa dos integrantes do jornal — laboratório de criar uma nova linguagem na imprensa local, porque, por convicção acho que nenhum órgão deve merecer censura. Mas, especificamente quanto ao conteúdo do último número, entendo que ele não oferece uma perspectiva concreta de aprendizagem para os alunos do curso, porque foge à abordagem crítica e séria que se exige de qualquer órgão de imprensa, observo.

Diz-se ainda que a linguagem adotada chocou porque foi construída por um grupo de estudantes que está em processo de formação "e que ainda vai se deparar com a realidade da imprensa, que é totalmente diferente. O prejudicial é que o modelo usado nessa edição cria uma ilusão de linguagem que nem é usada na imprensa convencional e muito menos é aceita no chamado grande público a que ele

os estudantes e que o espírito que o arreste à própria marginalização pessoal".

Nonato acredita que, se esse modelo for tomado como opção editorial, poderá trazer consequências desastrosas. "Se essa edição tiver sido apenas uma experiência isolada, ainda pode se entender. Mas se representar uma opção editorial, poderá trazer reflexos bastante perigosos para a formação dos alunos", alertou.

O editor de "O Norte", Frutuoso Chaves, também defende a utilização do "Questão de Ordem" como instrumento de treinamento dos estudantes, de acordo com a realidade das condições de jornais. "O Questão de Ordem" é feito pelo aspecto de ser um produto de livre espírito. Como jornalista-exercitor, ele deveria exercer o repórter. A informação com suas formas tradicionais de coleta de notícias deveria, pelo menos, constituir a preocupação primordial de um curso de comunicação social".

Frutuoso lembra que a imprensa alternativa e o jornal de humor não aperfeiçoam um profissional, que terá como campo de trabalho jornal e revista de cultura tradicional. "Mas fica, de resto, a oportunidade de uma leitura divertida".

Ele assinala que o jornal-laboratório deveria, a rigor, reproduzir a estrutura típica do jornalismo praticado no Brasil (em termos técnicos), contendo editoriais de assuntos e repórteres fotográficos e de texto agregados a essas editoriais. A exemplo de Rubens Nóbrega, Frutuoso acredita que a própria Universidade é uma boa fonte de notícias. "A UFPB por si só constitui ex-

celente fonte de notícias, com seus muitos departamentos e setores, além de suas crises eternas. O deslocamento de repórteres para outros pontos da cidade poderia trazer o inconveniente das despesas com transporte, horário de aula e má receptividade por parte de eventuais entrevistados".

Como jornalista de humor, o "Questão de Ordem", na sua opinião, é bem feito e traz críticas felizes e inteligentes. "O que

há de comunicação. Mas há uma expectativa de que esses jornais-laboratório, se há de ser a nível de linguagem técnica e editorial do que o "Questão de Ordem" oferece condições para que se fale. O curso de Comunicação, um jornalismo mais crítico. Nesse ponto, também pesa a "inexperiência" dos estudantes, o que é natural, disse Galvão.

crítica é veheza cultural que entope os corredores da Universidade, do Palácio do Governo, da Secretaria de Cultura, da Secretaria de Educação e das nossas próprias redações".

O coordenador do curso de Comunicação Social da UFPB, professor Luiz Custódio, também não se agrada muito da ideia das aulas descoladas. Ele avisa que não é contra o humor no jornalismo, mas argumenta que o aplicado na última edição "não dá muito a ver".

ção de Ordem é um jornal-laboratório, experimental. Na minha opinião, o que deve manter os jornalistas-laboratório são as reportagens. Infelizmente um grupo pequeno por um número demais dessa linha que quebra os padrões que são normalmente trabalhados nos cursos".

O professor Antonio Carlos Neto, editor do jornal, lembra que, durante o último semestre, foram feitas quatro edições. As três últimas tinham uma linguagem tradicional e linguagem momentânea. Porém, apenas uma revista séria, que foi suficiente para provocar toda essa polêmica.

Ele conta que esse grupo, formado do curso decidiu optar por uma alternativa de linguagem. "Não temos um comportamento avesso, muito e nos aderimos com o direito e a obrigação de não aderirmos censura, porque estamos tentando, inclusive orientar os alunos no sentido de que estudem o jornal. A Universidade tem obrigação de proporcionar o ensino, porque é um instrumento educativo. E não orientamos os alunos para que sejam não apenas jornalistas, mas para que adquiram a função de repórter, de chefe de redação, de forma a que o jornal do semestre, que assumem uma postura de auto-gestão, ou seja, decidam e tenham a liberdade de

ter um jornal que não se enquadra com um jornal comercial. Não temos o direito de experimentar de tudo", defende.

Neto confessa que aprovou a ideia dos alunos do curso, já que sua experiência foi tida e aplicada no jornal "Correio da Paraíba". "Trata-se de uma experiência didática. Além disso, não fazemos um debate entre alunos e professores, mas sim uma discussão. E a opinião de um aluno considerado o jornal apelativo e de mau gosto".

O editor não concordou com as críticas de que os alunos, em sua maioria, poderiam estar despreparados para enfrentar as redações de jornais. "Acho que os alunos — não digo todos — não ficam envolvidos em nada que está ocorrendo na imprensa. Alguns estão despreparados, mas são deficiências naturais que estamos tentando sanar no curso. Acho que é muita limitação de visão daqueles que não estão aceitando esse novo linguagem que, a rigor, não tem nada de novo, mas vista que já existe um jornal que adota essa linha. Não temos obrigação de formar o profissional de forma mais universalista possível. Por que ele teria que ser formado para trabalhar na União, por exemplo?"

Ele disse que a coordenação do curso, por outro lado, não pode ficar muito repressiva em cima de tendências que alguns alunos tentam colocar no jornal Laboratório. "Não temos que ver, também, que o Questão de Ordem



eu repereço é o seu propósito de treinar repórteres. O tipo de jornal que se faz não torna o repórter um bom ou mau profissional, primeiro porque é nas relações que esses repórteres, e rigor, são formados. Mas o jornalismo interpretativo pode, contudo, dificultar esse aprendizado".

O jornalista Walter Galvão acompanha a evolução do jornal "Questão de Ordem", praticamente desde a sua fundação, e recorda que ele realmente cumpria a função de provar o estudante de comunicação da realidade.

— Não se pode tentar encerrar ou analisar o material resultante desse exercício com o mesmo rigor com que se analisa uma publicação feita por profissionais egressos ou não dos cursos

de comunicação. Mas há uma expectativa de que esses jornais-laboratório, se há de ser a nível de linguagem técnica e editorial do que o "Questão de Ordem" oferece condições para que se fale. O curso de Comunicação, um jornalismo mais crítico. Nesse ponto, também pesa a "inexperiência" dos estudantes, o que é natural, disse Galvão.

crítica é veheza cultural que entope os corredores da Universidade, do Palácio do Governo, da Secretaria de Cultura, da Secretaria de Educação e das nossas próprias redações".

O coordenador do curso de Comunicação Social da UFPB, professor Luiz Custódio, também não se agrada muito da ideia das aulas descoladas. Ele avisa que não é contra o humor no jornalismo, mas argumenta que o aplicado na última edição "não dá muito a ver".

ção de Ordem é um jornal-laboratório, experimental. Na minha opinião, o que deve manter os jornalistas-laboratório são as reportagens. Infelizmente um grupo pequeno por um número demais dessa linha que quebra os padrões que são normalmente trabalhados nos cursos".

O professor Antonio Carlos Neto, editor do jornal, lembra que, durante o último semestre, foram feitas quatro edições. As três últimas tinham uma linguagem tradicional e linguagem momentânea. Porém, apenas uma revista séria, que foi suficiente para provocar toda essa polêmica.

Ele conta que esse grupo, formado do curso decidiu optar por uma alternativa de linguagem. "Não temos um comportamento avesso, muito e nos aderimos com o direito e a obrigação de não aderirmos censura, porque estamos tentando, inclusive orientar os alunos no sentido de que estudem o jornal. A Universidade tem obrigação de proporcionar o ensino, porque é um instrumento educativo. E não orientamos os alunos para que sejam não apenas jornalistas, mas para que adquiram a função de repórter, de chefe de redação, de forma a que o jornal do semestre, que assumem uma postura de auto-gestão, ou seja, decidam e tenham a liberdade de

ter um jornal que não se enquadra com um jornal comercial. Não temos o direito de experimentar de tudo", defende.

Neto confessa que aprovou a ideia dos alunos do curso, já que sua experiência foi tida e aplicada no jornal "Correio da Paraíba". "Trata-se de uma experiência didática. Além disso, não fazemos um debate entre alunos e professores, mas sim uma discussão. E a opinião de um aluno considerado o jornal apelativo e de mau gosto".

O editor não concordou com as críticas de que os alunos, em sua maioria, poderiam estar despreparados para enfrentar as redações de jornais. "Acho que os alunos — não digo todos — não ficam envolvidos em nada que está ocorrendo na imprensa. Alguns estão despreparados, mas são deficiências naturais que estamos tentando sanar no curso. Acho que é muita limitação de visão daqueles que não estão aceitando esse novo linguagem que, a rigor, não tem nada de novo, mas vista que já existe um jornal que adota essa linha. Não temos obrigação de formar o profissional de forma mais universalista possível. Por que ele teria que ser formado para trabalhar na União, por exemplo?"

Caderno B

ANEXO E

 Portal do Discente	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO DE ATIVIDADES ACADÊMICAS EMITIDO EM 09/07/2024 04:27	 SIGAA
---	--	---

RESUMO DO COMPONENTE CURRICULAR

Dados Gerais do Componente Curricular					
Tipo do Componente Curricular:	DISCIPLINA				
Unidade Responsável:	CCTA - DEPARTAMENTO DE JORNALISMO				
Código:	GDJOR0011				
Nome:	OFICINA DE JORNALISMO IMPRESSO				
Ativo:	Sim				
Modalidade:	Presencial				
CARGA HORÁRIA					
Carga Horária Teórica:	150 h.				
Carga Horária Prática:	0 h.				
Carga Horária de Ead:	0 h.				
Carga Horária Extensão:	0 h.				
Carga Horária Total:	150 h.				
Ementa/Descrição:	A atividade jornalística: conceituação. Os fundamentos do jornalismo impresso em jornal e revista: a notícia, a reportagem, a linha editorial, a pauta, a apuração, a entrevista, a checagem de informações, o planejamento de cobertura dos fatos e eventos e a edição de matérias. A dinâmica da redação jornalística. A equipe de redação e suas atribuições. Critérios de seleção e classificação das notícias. A linguagem jornalística em ação. Teoria e prática do texto jornalístico: determinantes de textualidade para jornal e revista. As normas de redação jornalística. Os títulos e as legendas. O papel dos títulos. Classificação dos títulos. Normas editoriais para títulos. Legenda e texto-legenda. A editoração eletrônica. Uso dos aplicativos de Editoração Eletrônica. A impressão e a distribuição jornalísticas.				
OUTRAS INFORMAÇÕES					
Matriculável "on-line":	Sim				
Permite CH compartilhada entre Docentes:	Sim				
Horário Flexível do Docente:	Não				
Pode criar turma sem solicitação:	Sim				
Permite criar subturmas:	Não				
Quantidade de avaliações:	4				
HISTÓRICO DE EQUIVALÊNCIAS					
Expressão de Equivalência	Ativa	Início da Vigência	Fim da Vigência		
(2303034)	Sim	28/05/2019	-		
(2303034)	Não	29/05/2018	-		
(2303034)	Não	15/06/2016	-		
Código	Ano.Período de Implementação	Matriz Curricular	Obrigatória	Período	Ativo
412016	2016.1	JORNALISMO - BACHARELADO - MT - Presencial	Sim	4	Não

ANEXO F

 Portal do Discente	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO DE ATIVIDADES ACADÊMICAS EMITIDO EM 09/07/2024 04:25	 SIGAA
---	--	---

RESUMO DO COMPONENTE CURRICULAR

Dados Gerais do Componente Curricular					
Tipo do Componente Curricular:	DISCIPLINA				
Unidade Responsável:	CCTA - DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO				
Código:	2303034				
Nome:	OFICINA DE JORNALISMO IMPRESSO				
Ativo:	Sim				
Modalidade:	Presencial				
CARGA HORÁRIA					
Carga Horária Teórica:	150 h.				
Carga Horária Prática:	0 h.				
Carga Horária de Ead:	0 h.				
Carga Horária Extensão:	0 h.				
Carga Horária Total:	150 h.				
Ementa/Descrição:	A dinâmica da redação jornalística, a equipe e suas atribuições. Os fundamentos do jornalismo impresso: a linha editorial, a pauta, a notícia, a reportagem, o planejamento de cobertura dos fatos e eventos e a edição. Critérios de seleção e classificação das notícias. A linguagem jornalística em ação. Teoria e prática do texto jornalístico: determinantes de textualidade. As normas de redação jornalística. Os títulos e as legendas. O papel dos títulos. Classificação dos títulos. Normas editoriais para títulos. Legenda e texto-legenda. A editoração eletrônica. Uso dos aplicativos de Editoração Eletrônica. A impressão e a distribuição jornalísticas.				
OUTRAS INFORMAÇÕES					
Matriculável "on-line":	Sim				
Permite CH compartilhada entre Docentes:	Sim				
Horário Flexível do Docente:	Não				
Pode criar turma sem solicitação:	Não				
Permite criar subturmas:	Não				
Quantidade de avaliações:	3				
OUTROS COMPONENTES QUE TÊM ESSE COMPONENTE COMO EQUIVALENTE					
GDJOR0011 - OFICINA DE JORNALISMO IMPRESSO					
Código	Ano.Período de Implementação	Matriz Curricular	Obrigatória	Período	Ativo
0932011	2011.1	JORNALISMO - BACHARELADO - MT - Presencial	Sim	4	Não
SIGAA STI - Superintendência de Tecnologia da Informação da UFPB / Cooperação UFRN - Copyright © 2006-2024 producao_sigaa-2.sigaa-2 24.7.2					